



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM



MILENA LOURENÇO DA SILVA

**BELA E TERRÍVEL COMO A MANHÃ E A NOITE: A CONSTRUÇÃO DE
UMA DEUSA**

CATALÃO
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Milena Lourenço da Silva

3. Título do trabalho

Bela e terrível como a manhã e a noite: a construção de uma deusa

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.



Documento assinado eletronicamente por **Alexander Meireles Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 15/03/2022, às 14:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MILENA LOURENCO DA SILVA, Discente**, em 15/03/2022, às 16:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2759382** e o código CRC **393F0329**.

MILENA LOURENÇO DA SILVA

**BELA E TERRÍVEL COMO A MANHÃ E A NOITE: A CONSTRUÇÃO DE
UMA DEUSA**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás-Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Estudos da Linguagem, Área de Concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Linha de Pesquisa: 2 -Literatura, Memória e Identidade.

Orientador: Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva

CATALÃO-GO

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Milena Lourenço
BELA E TERRÍVEL COMO A MANHÃ E A NOITE: A
CONSTRUÇÃO DE UMA DEUSA [manuscrito] / Milena Lourenço Silva.
- 2022.
XCVIII, 98 f.

Orientador: Prof. Alexander Meireles da SILVA.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós
Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2022.

1. Galadriel. 2. Deusa. 3. Mistério feminino. 4. Tolkien. 5.
Legendarium. I. SILVA, Alexander Meireles da, orient. II. Título.

CDU 8+7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 002/2022 da sessão de Defesa de Dissertação de Mestrado, que confere o título de Mestra em Estudos da Linguagem, na área de concentração Linguagem, Cultura e Identidade.

Defesa: nº 156/2022

Aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte dois, a partir das 14:00 horas, à distância, Via Videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **BELA E TERRÍVEL COMO A MANHÃ E A NOITE: A CONSTRUÇÃO DE UMA DEUSA** de autoria da mestrande **Milena Lourenço da Silva**, matrícula **2020100288** nas dependências da Universidade Federal de Catalão, onde os programas de pós-graduação stricto sensu em funcionamento encontram-se provisoriamente vinculados à Universidade Federal de Goiás, em virtude de procedimentos técnicos relacionados à CAPES, já sendo realizada a transferência da Biblioteca Digital de Dissertações e Teses (BDTD). Assim, justifica-se os nomes das instituições neste documento, uma no cabeçalho (UFG), outra no corpo do texto (UFCAT). Os trabalhos foram instalados pelo Orientador Professor Doutor Alexander Meireles da Silva (PPGEL/UFCAT) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (PPGL/EL - UNIMONTES), membro titular externo; Professora Doutora Fabianna Simão Bellizzi Carneiro (PPGEL/UFCAT), membro titular interno. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata (X) Aprovada () Reprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Alexander Meireles da Silva, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte dois.

Observações:

Banca Examinadora de Qualificação/Defesa Pública de Dissertação/Tese realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo:

Art. 2º A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Alexander Meireles Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 24/02/2022, às 15:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabianna Simão Bellizzi Carneiro, Professora do Magistério Superior**, em 24/02/2022, às 15:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **RITA DE CÁSSIA SILVA DIONÍSIO SANTOS, Usuário Externo**, em 24/02/2022, às 17:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2719012** e o código CRC **BD12B16A**.

DEDICATÓRIA

Á minha mãe que sempre lutou para que eu chegasse onde estou agora, que nunca mediu esforços para que eu pudesse estudar e com quem assisto *O Senhor dos Anéis* todos os anos.

A minha irmã que sempre me socorre, ajuda e orienta, mesmo sem saber que o está fazendo.

AGRADECIMENTOS

Por onde começar? Sinto que esse trabalho começou há muitos anos e desde então tantas pessoas passaram pela minha vida. Algumas dessas permaneceram em minhas vistas e outras eu já não lembro mais o nome, apesar de no fundo terem me instigado a ler e a seguir o caminho que de fato escolhi na universidade.

Agradeço aos professores de português e literatura que tive na escola e que me parabenizavam quando eu passava horas na biblioteca lendo livros de fantasia. Em especial agradeço a professora Léia que me fez viajar em uma aula de contos fantásticos, a qual nunca vou esquecer.

Ao meu orientador, professor Alexander Meireles da Silva que me acolheu em seu mundo fantástico e me ensinou que fazer o que gosta é a chave para tudo.

Ao professor João Batista que me faz querer aprender mais todos os dias para que talvez no futuro eu saiba tanto quanto ele.

A professora Fabianna Bellizzi que me mostrou que “Letras é lindo” e que um professor pode ser capaz de encantar uma sala de aula inteira desde o primeiro momento.

A minha colega de mestrado Carolina Bernardes que entrou nessa jornada junto comigo e a quem sempre recorro para tudo.

E a minha família, que apesar de todas as turbulências, a correria do dia a dia e os nervos à flor da pele, é o meu chão onde quer que eu vá.

Como disse, seria difícil mencionar a todos, mas deixo aqui meus agradecimentos a todos aqueles que de coração se mostraram interessados no projeto e aqueles que seja no trabalho ou em casa, me ajudaram a ter cinco minutos a mais para que eu pudesse escrever.

Resumo

Ao percorrermos as narrativas criadas por J. R. R Tolkien, encontramos uma complexa combinação de espaços e personagens, compondo o chamado *legendarium* de Tolkien. Dentre tantos personagens residindo na Terra-Média, nos deparamos com Galadriel, rainha élfica que exala mistério e a historicidade fantástica das matrizes mitológicas empregadas pelo autor em sua criação. Partindo da análise da personagem e da sua relação com outros seres representantes da literatura de fantasia e do imaginário coletivo, nos atentaremos às referências usadas pelo autor, de forma a abranger as mitologias: grega, celta, bíblica e nórdica. Objetivamos com esse trabalho analisar tais matrizes e entender como o mistério em relação ao ser feminino se apresenta nas diversas culturas presentes nas narrativas do autor, e como se dá a construção e evolução de Galadriel enquanto Deusa. Mostraremos como a pluralidade das referências utilizadas pelo autor na desconstrução feita em seus elfos, resultou em nossa personagem escolhida, inteiramente ligada a natureza, um arquétipo sobrenatural de poder, boa e má, capaz de angelicamente salvar alguns ou demoniacamente destruir outros.

Palavras-chave: Galadriel; Deusa; Mistério feminino; Tolkien; Legendarium.

Abstract

As we go through the narratives created by J. R. R Tolkien, we find out a complex combination of spaces and characters, composing Tolkien's so-called legendarium. Among so many characters residing in Middle-earth, we come across Galadriel, an elven queen who exudes mystery and the fantastic historicity of the mythological matrices employed by the author in his creation. Starting from the analysis of the character and her relationship with other beings representing fantasy literature and collective imagination, we will pay attention to the references used by the author, in order to cover mythologies: Greek, Celtic, Biblical and Nordic. Our aim with this work is to analyze such matrices and understand how the mystery in relation to the female is presented in the different cultures used by the author in his narratives, and how the construction and evolution of Galadriel as a Goddess takes place. Showing how the plurality of references used by the author in the deconstruction made in his elves, resulted in our chosen character, linked to nature, a supernatural archetype of power, good and bad, capable of angelically saving some people or demonically destroying others.

Keywords: Galadriel; Goddess; female mystery; Tolkien; Legendarium.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. QUEM É GALADRIEL	19
2. A MULHER NA CULTURA OCIDENTAL.....	25
2.1. A Deusa Mãe: Um dos maiores arquétipos femininos.....	26
2.2. O mito de Lilith: Um monstro transgressor.....	32
2.3. Da Bruxaria as bruxas: As servas do diabo.....	37
2.4. Fadas... Ou elfos? O que inspirou Tolkien.....	46
2.5. A Mulher na bíblia: A Dualidade em Maria e Eva.....	52
2.6. Era uma vez nos contos de fadas: A Princesa Encantada e a Rainha Má... 59	
3. A JORNADA DE GALADRIEL E SUA TRANSFORMAÇÃO EM DEUSA.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94

INTRODUÇÃO

Enquanto estudioso de línguas e amante da mitologia de diferentes povos, John Ronald Reuel Tolkien conseguiu por meio de suas obras, transformar a literatura de fantasia contemporânea e nossa própria visão enquanto leitores e pesquisadores da Literatura Fantástica. Por meio do que o próprio autor denominou de Legendarium (FERREIRA, 2018 p.10), termo vindo do latim medieval e que significa “uma coleção literária de lendas”, seu próprio mundo mitológico, os espaços e personagens criados ou reinventados pelo autor sul-africano se tornaram fonte de estudos para diferentes pesquisadores e pesquisadoras de áreas diversas.

Durante anos, temos trabalhado com o universo fantástico e autores como Tolkien tiveram uma direta influência em nossa trajetória. Esse projeto de mestrado, mesmo que inconscientemente, se iniciou a anos atrás durante um projeto de pesquisa científica intitulado: “As facetas do sucesso da jornada de Harry Potter: O Herói Detetive” onde estudamos as premissas estruturais de uma obra de fantasia. Em sequência, partimos para o estudo das obras de Tolkien em um segundo projeto de pesquisa científica intitulado: “O meio faz o homem... E o monstro: A influência do espaço na construção do personagem em O Senhor dos Anéis”, quando analisamos os espaços topofóbicos e alguns dos personagens vilanescos criados pelo autor. Esse último projeto nos impulsionou a seguir junto a John Ronald Reuel Tolkien e assim esse trabalho surgiu.

Analisando seu legendarium, nos deparamos com um vasto catálogo de heróis e vilões, dos mais definidos aos menos esperados. Dentre eles nos vimos desafiados pela

senhora da luz, rainha de Lothlórien, ser inabalável e intocável, motivo pelo qual decidimos tomá-la como objeto de nosso projeto de mestrado. Tratando-se de um mundo tão vasto como o criado pelo autor em suas obras, o elemento feminino— ou a falta dele— desperta a atenção dos estudiosos de gênero. Apesar de muito expressivas e significativas, as personagens femininas na obra *O Senhor dos Anéis*, por exemplo, são minoria. Apesar de não ganharem, de fato, uma posição na sociedade do anel -grupo reunido para a destruição do Um Anel do poder- algumas das figuras femininas foram imprescindíveis para que o desenrolar da história acontecesse como Éowyn, a polêmica humana que ao se passar por guerreiro, destrói o mais poderoso dos servos do mal, ou a própria Galadriel, que ao dar presentes a comitiva, acaba os salvando muitas vezes.

É importante ressaltar como as narrativas de Tolkien, mesmo se tratando de obras multifacetadas, abrangem aspectos como a guerra da qual participou, a influência familiar e dos ambientes profissionais que viveu, seus estudos filológicos e sua maneira de pensar o futuro e a própria literatura de fantasia. Também expressam a realidade de um autor que escreveu condizentemente aos feitos e crenças da época, e que veio a falecer em 1973, aos 81 anos. Outro fator importante a se analisar nas obras de Tolkien era seu amor pela mitologia, dessa forma, as personagens presentes em suas narrativas representam por uma via ou outra o que chamamos de arquétipos, constituídos do inconsciente de uma época, espaço e sociedade, representando personagens femininas que vão de um extremo a outro.

Rosana Rios lista alguns dos componentes característicos da vida de Tolkien que explicam muito sobre o mesmo e seu próprio espaço pessoal, o que talvez, tenha o influenciado em seu processo de escrita:

1. As ideias majoritárias da sociedade culta do século XX; 2. Influência do mundo feminino, através da mãe (Mabel) e da esposa (Edith); 3. Influência do pensamento tipicamente masculino, na convivência com os amigos; 4. Fé católica; 5. Filologia, línguas naturais e línguas construídas; 6. Mitologia, Folclore, Literatura clássica das mais variadas procedências. Como vimos, alguns desses componentes apresentam aspectos conflitantes e mesmo opostos. Talvez essa variedade nas experiências e na bagagem cultural que a vida lhe proporcionou possam explicar a ambiguidade com que Tolkien iria tratar as figuras femininas de seus livros. (2005, p.26)

Esses aspectos da vida do autor refletem muito suas crenças e nos desafia a analisar suas personagens em distintos panoramas, a forma como são empregadas na narrativa e, em que medidas elas expressam estereótipos ou deles fogem. Focaremos nossos esforços em Galadriel, acentuada nos padrões ocidentais sobre a mulher e sua representação nos meios fantásticos.

Nos últimos anos, trabalhos e pesquisas sobre a posição da mulher na sociedade contemporânea ocidental tem ganhado força, assim como debates sobre os vários tipos de estigmatização das personagens femininas na literatura em geral. A literatura de autoria feminina sempre se fez presente no ocidente, ainda que tenha sido objeto de um apagamento por conta do lugar da mulher na sociedade. Neste sentido, esta literatura começa a ganhar mais visibilidade no século XIX, vindo a ganhar mais força no transcorrer o século XX, incluindo assim outras perspectivas sociais se tomarmos como base o cânone literário, composto por uma grandiosa quantidade de obras escritas por autores masculinos.

Ainda nos dias de hoje as representações de personagens femininos, quase sempre dicotômicas, contam com um sobressalente olhar masculino, tal visão em relação a mulher sempre tendeu a ser ambígua, traçando linhas entre o amor e o ódio, desejo e a repulsa, mostrando, é claro, também uma visão contraditória. Mesmo com distintas nacionalidades, idades, etnias e religiões, as mulheres têm sido reprimidas por ideias e pré-conceitos que culturalmente e historicamente delimitaram a sua posição na sociedade. Abordar tal sistema opressor está inteiramente relacionado a questionar uma estrutura antiga posta como universal, a começar pelo próprio contraste entre as histórias de Maria e Eva. Como destaca o pesquisador Howard Bloch:

É difícil determinar quando o cristianismo se tornou dividido entre a possibilidade da salvação e do prazer e, ao mesmo tempo, entre atitudes de igualdade sexual versus a subordinação da mulher ao homem (1995, p. 17).

Apesar de sua identidade mutilada, é importante a ressalva da visão da mulher enquanto história e não apenas como meio reprodutor. Dentro deste contexto, devido ao seu poder de fertilidade e reprodução, a mulher foi desde o início dos tempos associada a natureza e assim fonte de mistério e medo para o sexo masculino. Tal medo diante desse ser gerou na sociedade a necessidade do homem em criar um discurso de superioridade, passando a se colocar como racional, ao passo que a mulher se tornou instintiva. Clarissa Pinkola Estés afirma sobre a relação entre homem e mulher que:

Há gerações as mulheres aceitam o papel de legitimação como seres humanos através do casamento com um homem. Elas estiveram de acordo com a ideia de que um ser humano pudesse não ser aceitável a menos que um homem dissesse o contrário. (1992, p.206)

A ideia do feminino enquanto força natural trouxe superstições e a desfiguração de histórias mal interpretadas que se enraizaram na sociedade, o que acarretou na

corporificação de práticas preconceituosas que demonstram os mais puros defeitos de uma civilização.

Ao escolher uma rainha como Galadriel, temos a necessidade de abraçar sua própria natureza e instinto, compreender seus atos e entender o porquê das escolhas do autor em relação a mesma. Abordar um ser fantástico feminino enquanto objeto de estudo nos obriga também a alavancar nosso trabalho para diversas e distintas culturas, perspectivas e vertentes, desvendar os signos presentes nos mitos antigos e também para aqueles que se criam no dia a dia, como afirma:

[...] numa teia de interligações que vem dos primórdios do ser humano, das ramificações mais profundas e inerentes à espiritualidade de cada indivíduo que já foi, que é e que ainda será. Falar sobre o “feminino” é discorrer sobre nossos medos mais profundos e sobre nossas qualidades mais latentes, é discorrer sobre a essência de cada um de nós, daquilo que trazemos de nossos ancestrais e de nossas lembranças mais remotas, do ciclo de “vida-morte-vida” que determina a existência de cada ser que habita esta terra. É falar sobre o mais simples e o mais complexo, é trilhar os meandros de labirintos, espirais e círculos que nos levam como forças centrífugas e centrípetas dentro de nossa própria história de vida. (CABREIRA, 2006, P.31)

Trabalharemos em nossa personagem a natureza de seus passos, seus primórdios e avanços, sua composição e a origem de sua força, suas relações, conquistas e falhas. A criação da Terra Média- Espaço fantástico criado por J. R. R. Tolkien- e de seus personagens abrange uma imensidão do que relatamos ser a cosmologia do *legendarium* do autor. Abordando a combinação dos aspectos da teologia e metafísica cristã que cercavam a vida e obra do mesmo, assim como também o irrefutável uso de mitologias vindas de diversas culturas, juntamente a uma criada exclusivamente durante todo o período em que as narrativas tomavam forma nas páginas.

Em relação aos mitos, essas narrativas têm sido a chave para que povos de todo mundo pudessem manter sua cultura viva e passada de geração para geração, com seus próprios heróis e vilões. Segundo o *Dicionário de símbolos* (2019), o mito seria a “dramaturgia da vida social ou da história poetizada” ou ainda “conjunto de símbolos muito antigos destinados originalmente a envolver os dogmas filosóficos e as ideias morais...” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2019, p. 611-612), tais histórias se estabeleciam e se estabelecem ainda nos dias de hoje, por percepções sociais e não necessariamente a certeza científica. No entanto, sua origem não se estabelece apenas na função simbolizadora da imaginação, mas na necessidade da explicação da origem das coisas, suas funções, nas forças divinas e da existência do próprio homem.

Em muitas mitologias pagãs encontramos a relação do ser humano e da natureza por meio de seres encantados que se consolidaram na aceitação coletiva e que fazem parte do nosso senso comum até os dias atuais. Alguns desses seres, também denominados de elementais, são considerados a barreira entre o dualismo dos mundos espirituais e terrenos. Nada mais são que espíritos na natureza personificados de distintas formas, sejam com os conhecidos gnomos, duendes, fadas ou elfos, ninfas e sereias, tão representativos nas histórias, hoje, repassadas a crianças. Como guardiões do mundo natural, tais seres se responsabilizam pelo equilíbrio do mundo fantástico, seu lar, e o mundo dos homens. Sendo parte da natureza e sem dela poder ser desvinculado, as categorias de tais seres se referem aos quatro elementos: água, fogo, ar e terra, e como a própria natureza, da mesma forma que dominam o equilíbrio, também são capazes de se tornarem mortais.

Os personagens élficos criados por Tolkien, tem seu caminho traçado pela junção de mais de quarenta raças, nações, tribos e cidade- estados de tais seres, colecionados através de histórias (DAY, 2004, p.46), suas características e poderes já eram expressos desde tempos remotos até chegar às telas de cinemas como vemos hoje:

Os Elfos de Tolkien são imortais, com muito mais habilidades, inteligência, força e tolerância que os humanos. De fato, Tolkien sabia que a crença nos elfos era difundida entre os antigos anglo-saxões e os primeiros germanos, remontando a tempos tão antigos quanto qualquer registro pode mostrar. Os anglo-saxões os chamavam de “aelf” ou “ylfe”; os homens do norte os conheciam como os “alfar” ou “alfr”; em alemão antigo eles eram “alp”; em gótico, “albs” (DAY, 2004, p.44)

Dessa forma surgiram personagens como Galadriel, como parte de elementais, representantes da natureza, trazidos de muitas histórias, mas ao mesmo tempo reinventados e colocados em sua totalidade de poder. Em seu livro *Sobre Histórias de Fadas* (1964), Tolkien deixa claro as relações com os seres da natureza, o que expressa o hibridismo na composição de seus personagens. O nome “Fadas” tem uma de suas origens no anglo-saxão com a palavra “elf”, dessa forma não podemos analisar fadas e elfos como sendo classes completamente distintas. Tais criaturas são seres naturais e como expressa Tolkien: “Porque é o homem que é, ao contrário das fadas, sobrenatural (e muitas vezes de estatura diminuta)” (1964, p. 10) seriam as responsáveis pelo destino dos homens, controladoras do tempo, e é exatamente desse ponto que surge a ideia arcana da mulher como profetiza, como ser natural responsável por bons e maus presságios.

Essas raízes mitológicas baseiam a construção do ser do qual nos objetivamos a estudar e nos ajudam na compreensão das relações entre o ser feminino e a natureza, do

berço da mulher na literatura de fantasia e a relação entre luz e trevas. Em partes, discordamos um pouco quando Tolkien diz que:

Se os elfos são reais e de fato existem independentemente de nossas histórias sobre eles, então também isto certamente é verdade: a princípio os elfos não estão interessados em nós, nem nós neles. Nossos destinos são distintos, e nossas trilhas raramente se encontram. Mesmo nas divisas do Belo Reino nós os encontramos somente em algum cruzamento fortuito de caminhos. (2006, p. 13)

Apesar de parecerem tão distantes, tais seres sejam fadas ou elfos, ou os dois, se referem a nós, retratam a essência do equilíbrio que buscamos e seu espaço maravilhoso aborda alguns dos desejos primordiais que possuímos, a ideia de escape, o poder inimaginável ou apenas o encantamento de modificar e controlar a vida.

Sendo intrinsecamente ligado aos seres elementais, o feminino sempre teve seus pontos de contato com a natureza em decorrência da sua capacidade de gerar a vida. Como dom delegado a mulher, seu compromisso se restringia a permanecer em casa cuidando dos filhos, sua “destinação natural” se submetia a gerar outros seres e nada mais. Desta forma um perfil feminino foi criado: a mulher deveria ser frágil, tímida e passiva. Segundo Rousseau (1992, p.424), sobre as mulheres, elas são “por natureza, passivas e [...] devem estar subordinadas ao homem, que seria a cabeça e guia do casal. A mulher não deve rivalizar o homem, ela é feita para segui-lo e agrada-lo”. Tal ideia de subordinação, difundida por centenas de anos acarretou em um adestramento no comportamento feminino, segundo Bonnici sobre a política de Aristóteles:

A mulher, então, só pode significar a esposa e companheira do cidadão livre, genitora de filhos que serão cidadãos... O ser feminino pertence a uma parte da humanidade que, por natureza, existe para ser governada – para fêmeas diferentes há modos diferentes de governos ...A racionalidade não pertence exclusivamente ao macho mas é um fator masculino (BONNICI, 2007, p. 25-26)

No entanto a visão da mulher, de fato, sempre se encontrou dividida, apesar do domínio masculino e de um modelo a ser seguido, de um lado colocam a mulher como um ser frágil, sensível e dependente, como a própria natureza antes mencionada, aquela que traz a beleza da vida, por outro lado, verifica-se uma mulher como ser degenerado, dotada de um excesso sexual e com pouca capacidade moral para manter esse excesso sob controle, também como a própria natureza, razão de mistério, de perigo, incontrolável.

Como aborda Mireille Dottin-Orsini em sua obra *A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misógina fin-de-siècle* (1996, p.11), tornou-se comum a dualidade feminina, natureza e cultura, luxúria e castidade, verdade e mentira. Dessa

forma, com tantos elementos dispare, a mesma mulher que tranquiliza, idealizada pura, o próprio retrato da Virgem Maria, pronta para todos os sacrifícios, também se torna um monstro sangrento que apavora e pode matar, um ser mais carnal, traiçoeiro, visto desde o início dos tempos como sendo o primeiro mostro.

Dentro deste mesmo quadro, Silvia Alexim Nunes em seu livro *O corpo do diabo entre a cruz e a caveirinha*: um estudo sobre a mulher o masoquismo e a feminilidade, também se posiciona sobre a visão da mulher como promotora do pecado: “Considerada culpada pela Queda, embora toda a humanidade seja condenada, a mulher passa a corporificar a corrupção material associada a carne. É tida como mais assexuada, portanto, mais sujeita a sucumbir as tentações.” (2000, p.22) tal visão se estende na linhagem feminina e, como herdeira de Eva, também a razão do pecado original, tida com portão do inferno assim como Maria seria o portão do céu. Ou seja, céu e inferno no mesmo ser.

Desta forma o mistério feminino se estende por tradições e mitos em diferentes culturas e sociedades. Boa ou má? Anjo ou demônio? Natureza que salva ou destrói? Tais dogmas nunca puderam ser explicados e as discussões sobre a natureza feminina se estenderam do exorcismo a medicina, tendo o corpo da mulher como centro do debate: “Esse corpo que aparece como insuportavelmente misterioso e no interior do qual a natureza atua em seu estado mais puro e ameaçador”. (NUNES, 2000, p.83). Esse segredo em relação ao feminino foi também abordado por Camille Paglia, que constata:

O corpo da mulher é um lugar secreto, sagrado. É um tememos, ou recinto ritual, uma palavra grega que adoto para a discussão da arte. No espaço confinado do corpo da mulher, a natureza atua em seu estado mais negro e mecânico. Toda mulher é uma sacerdotisa que guarda o tememos de mistérios daimônicos [...] O corpo feminino é o protótipo de todos os espaços sagrados, do santuário na caverna ao templo e a igreja. (1992, p. 32/33)

Colocamo-nos diante de ameaças e salvaçãoes. Seja Afrodite como a deusa em busca do amor; Circe, a feiticeira senhora de suas vontades; Cassandra, a profetiza condenada a nunca ser ouvida; Cleópatras divididas entre o amor e a pátria ou fadas, responsáveis por guiar os caminhos dos humanos. Nessa linha tênue, Galadriel se mantem como um ser conflituoso e disruptivo.

Galadriel é, de fato, uma das representantes femininas mais fortes nas obras de J. R. R. Tolkien. Ela possui a força vital de uma amazona e a historicidade fantástica utilizada por Tolkien ao recriar a classe dos elfos, contemplando-os com características de outros elementais. Diante de tais características, temos uma personagem que não se

contentando em ser pacífica, se posiciona contra as figuras de poder, delimitando suas batalhas, no entanto, ao seu próprio interesse.

Forjada pela pluralidade de bem e mal, vida e morte relativos a própria natureza e ao mistério feminino, ela se estabelece como um ser capaz de benevolentemente salvar ou maleficamente destruir. Galadriel expressa força e a bondade, da mesma forma que também nos revela um lado obscuro traçado pelo relacionamento entre o feminino e o maligno, visão que levou centenas de mulheres a serem enforcadas ou queimadas ao longo dos tempos. Desta forma, tal projeto pauta-se em diferentes pontos: a importância do estudo de um personagem que se rebela contra as estruturas vigentes de poder; as relações históricas e sociais vinculadas ao feminino dentro da tradição da fantasia, além da análise da corporificação desta tradição em personagens femininas enquanto arquétipo sobrenatural de poder. Partindo da análise da composição da personagem Galadriel, temos como objetivo geral nessa pesquisa analisar as possíveis influências na elaboração e manejo da personagem Galadriel em relação à representação do feminino no imaginário humano. Especificamente demonstramos como o crescimento de Galadriel acontece por meio da sua diminuição, em um processo de construção e elevação do ser enquanto Deusa a partir da restringência e da aceitação da humildade dessa personagem.

Este estudo está estruturado da seguinte forma: No primeiro capítulo apresentaremos a personagem Galadriel e sua história, narrada pelo autor em diferentes obras. No segundo capítulo faremos um levantamento sobre a representação da mulher na cultura ocidental, buscando ressaltar as principais características referentes ao mistério feminino como nos mitos da Deusa Mãe, fator basilar para o entendimento dos primórdios do feminino. Retratamos também as diferenças entre alguns seres elementais, além de percorrer historicamente o surgimento de outros seres fantásticos tão reproduzidos da literatura de fantasia. Ainda nesse capítulo abordaremos também como ocorre a relação da mulher na Bíblia. O capítulo seguinte conta com análise da personagem Galadriel sua relação com o mistério feminino e sua evolução enquanto deusa. A seguir teremos nossas considerações finais.

1. QUEM É GALADRIEL?

Apesar de não ser a protagonista das narrativas de J. R. R. Tolkien ou uma das figuras vilanescas, Galadriel é, sem dúvidas, uma das personagens que despertam curiosidade no leitor. Os elfos de Tolkien no geral aparecem em suas maiores obras, *O Hobbit* (1937), *O Senhor dos Anéis* (1954), mas sua história aparece na íntegra, principalmente a de Galadriel, em *O Silmarillion* (1977) e *Os Contos Inacabados* (1980), duas editadas e publicadas após a morte de Tolkien. A história de Galadriel parece ter intrigado tanto o autor quanto os seus leitores, já que ao final de sua vida, Tolkien supostamente teria se dedicado a trabalhar na escrita de material sobre essa personagem, visto que alguns escritos sobre o tema datam do seu último mês vivo. No entanto, por estarem incompletos, essas informações são incongruentes (TOLKIEN, 2009, p.374)

Assim como fez com todos os outros seres de seu mundo mitológico, Tolkien trabalhou para que seus elfos fossem criaturas únicas. Sua beleza exuberante, refletida em seus cabelos compridos e roupas bordadas e brilhantes, se complementa por meio de seu talento para a criação e habilidades de luta, como expresso no seguinte trecho da obra *Silmarillion*:

E ali nos campos cinzentos de Mithrim travou-se a segunda batalha nas Guerras de Beleriand. Dagor-nuin-Giliath, ela é chamada, a Batalha-sob-as-estrelas, pois a Lua ainda não havia nascido; e é celebrada em versos. Os noldor, embora em número inferior e apanhados de surpresa, conquistaram uma rápida vitória, pois a luz de Aman ainda não se apagara em seus olhos, eles eram fortes e ágeis, além de mortais em sua raiva; e suas espadas eram longas e terríveis. (TOLKIEN, 2019, p.155)

Conforme apresentado na sequência de obras criadas pelo autor sul africano, os elfos se dividem em diferentes tribos e habitam diferentes locais no mundo criado pelo autor. Podemos separá-los em dois grandes grupos. Os Avari e os Eldar. Também conhecidos como elfos da escuridão, os Avari permanecem na terra de Cuiviénen, onde todos os elfos foram criados, na parte oriental da Terra-Média. Os Eldar, por sua vez, são conhecidos como elfos da luz e representam o maior dos dois grupos. Fazem parte dele os Vanyar (elfos belos), os Noldor (elfos profundos), os Teleri (elfos do mar), os Sindari (elfos cinzentos) e os Nandor (elfos verdes). Dentre esses últimos, focaremos nos Noldor, povo de Galadriel (CALDAS FILHO, 2006, p.51).

Galadriel é descrita como sendo da tribo dos Calaquendi, nome vindo do quenya-língua criada por J. R. R. Tolkien em suas obras-reminiscentes dos povos Noldor. ‘*Cala*’ significa ‘luz’ e ‘*Quendi*’ significa ‘elfos’ (CALDAS FILHO, 2006, p.51). Essa nomenclatura se dá a todos os elfos que viveram sob a luz das árvores na época antiga. A elfa é um dos mais antigos seres apresentados pelo autor em seu *legendarium*. Seu nascimento marca do início dos tempos, quando o mal ainda não havia se apresentado ao mundo. Era a filha mais nova de Finarfin, um nobre Noldor, e assim como todos os outros elfos, ainda viviam junto aos Valar, espíritos que cuidavam da Terra-Média. Esses elfos construíram em um continente distante um local conhecido como Terras Imortais ou Aman.

Desde o seu nascimento em Valinor, Galadriel permaneceu em constante mudança devido as disputas Noldor. Ela possuía muitas das características de seus familiares, como a força e resignação. Em relação ao seu nome:

Seu nome materno era Nerwen (“donzela-homem”), e ela atingiu uma altura além da medida até mesmo das mulheres dos noldor; era forte de corpo, mente e vontade, rivalizando tanto com os sábios quanto com os atletas dos eldar nos dias da juventude destes. (TOLKIEN, 2009, p.371)

Dentro da cultura élfica, cada indivíduo poderia ter até quatro nomes diferentes. O primeiro nome era dado pelo pai no momento de seu nascimento, de seu pai Galadriel recebeu o nome de “Artanis”, com o significado de “mulher nobre” (TOLKIEN,2009, p.373). O segundo nome era dado pela mãe, as vezes muito tempo depois, esses se relacionavam diretamente as características do próprio elfo já que muitas vezes as mães possuíam o dom da profecia. De seu marido Celeborn, a elfa recebeu o nome de Alatóriel, que significa ‘Senhora coroada com grinalda radiante’ (TOLKIEN, 2009, p. 432). O nome Galadriel, como os leitores e leitoras conhecem, é a tradução do nome dado por seu marido no sindarin, língua usada pelos elfos.

Segundo a própria cultura dos povos Noldor, a mãe deveria sentir o destino da criança, e assim nomeá-la. Sendo projetada pelo autor, de forma consciente ou não, a grandes feitos. ‘Donzela-homem’ já prenuncia a influência e força que Galadriel teria em seu povo e as próprias batalhas que teria que enfrentar em sua jornada. Ao longo de sua trajetória, outras nomenclaturas são dadas a ela como: “Senhora de Lothlórien”, “Senhora da luz”, “Senhora da floresta”, “Senhora dos Galadhrin”, “Senhora do Bosque dourado”, “Senhora da magia”, “Senhora branca”, “Rainha Galadriel” ou simplesmente, “A senhora”.

Tolkien também não economizou ao retratar o físico da elfa. Ao apresentá-la, o escritor menciona “Galadriel, a mais bela de todos os da Casa de Finwë. Seu cabelo tinha reflexos de ouro como se tivesse captado numa rede o esplendor de Laurelin.” (TOLKIEN, 2019, p.32). Segundo o próprio Tolkien, Galadriel era a maior das mulheres elfas, sua estatura era cerca de um metro de noventa e três centímetros de altura o que contrastava com sua mente extremamente forte, capaz de penetrar na mente alheia:

Era considerada bela mesmo entre os eldar, e seu cabelo era tido como maravilha sem par. Era dourado como o cabelo de seu pai e de sua ancestral Indis, porém mais rico e mais radiante, pois seu ouro continha alguma lembrança da prata estelar de sua mãe; e os eldar diziam que a luz das Duas Árvores, Laurelin e Telperion, havia sido apanhada em seus cachos. Muitos pensavam que foi essa expressão que deu primeiro a Fëanor a idéia de aprisionar e misturar a luz das Árvores que mais tarde tomou forma em suas mãos como as Silmarils. Pois Fëanor contemplava o cabelo de Galadriel com maravilha e deleite. (TOLKIEN, 2009, p.370)

Apesar de orgulhosa como seu ancestral Finwe, Galadriel demonstra extrema compaixão, nunca negando sua boa vontade aqueles que precisam. Seu conhecimento crescia com o passar dos anos e sendo um espírito livre ansiava por mudanças, por novos horizontes, uma terra que pudesse chamar de sua.

Quando os poderes malignos começaram a ascender em Valinor, local compartilhado pelo povo de Galadriel e os Valar, e o mais poderoso dos Noldor, Fëanor, se corrompeu na escuridão, um grande conselho foi reunido para que o destino dos elfos fosse escolhido. A pauta principal de tal evento era a partida dos elfos daquela região para a Terra-Media, local distante, onde poderiam construir e ampliar sua civilização. Os mais importantes membros foram convocados. De um lado se encontrava Fëanor, corrompido pela ganância e pelos poderes obscuros que ameaçava a todos, ele desejava seguir para o oeste e assim propôs um juramento aos que compadeciam de seus termos. Do outro lado se encontravam aqueles que não desejavam partir:

Mas Galadriel, a única mulher dos noldor a se apresentar naquele dia, alta e valente entre os príncipes em conflito, estava ansiosa por partir. Não fez nenhum juramento, mas as palavras de Fëanor acerca da Terra-média haviam reverberado em seu coração, pois ela ansiava por ver os vastos territórios desprotegidos e estabelecer ali um reino a seu gosto (TOLKIEN, 2019, p.124)

Ao se rebelar e seguir contra as ordens superiores dos Valar, Galadriel não recuou mesmo diante da iminente condenação de que não poderia voltar para a sua terra. No entanto, rendida pela vontade de conhecer novos horizontes e assim encontrar um lugar só seu, onde pudesse governar à sua maneira, Galadriel seguiu junto aos outros de seu povo, movida pela sua rebeldia e pelas palavras de Fëanor:

- Aqui, outrora, houve luz, que os Valar não concediam à Terra-média, mas agora as trevas deixam todos em condições iguais. Vamos nos lamentar aqui, passivos, para todo o sempre, um povo-fantasma, que corre atrás de névoas, derramando lágrimas vãs sobre os mares ingratos? Ou vamos voltar para a terra natal? Em Cuiviénen, as águas fluíam tranqüilas à luz das estrelas límpidas, e havia terras extensas onde um povo livre podia caminhar. Lá elas ainda estão aguardando por nós, que em nossa loucura as abandonamos. Vamos embora! Que os covardes fiquem com esta cidade! (TOLKIEN, 2019, p.123).

Galadriel se sente seduzida pela jornada mesmo não fazendo nenhum juramento a Fëanor, pois o mesmo sempre lhe causou desconfiança.

Durante uma cruel disputa liderada por Fëanor, onde diversos elfos foram assassinados, há indícios de que Galadriel tenha lutado bravamente em memória de seus parentes que habitavam aquelas terras. Seu pai, entristecido pelos atos brutais, retorna para Valinor e é recebido com o perdão dos Valar. Galadriel no entanto, era orgulhosa demais para retornar, e assim, junto a um restrito grupo, segue a jornada. A travessia feita por seu grupo foi tempestuosa e apenas possível devido ao espírito de liderança de Galadriel e seus familiares ainda presentes.

Após serem bem sucedidos em sua passagem por Helcaraxë e os cruéis blocos de gelo, Galadriel e seu povo é bem recebido em Doriath, na Terra-Média. Nesse local a elfa expande seu conhecimento e aprende muito sobre as tradições do novo lugar através de Maia Meliam. É também em Doriath que Galadriel encontra Celeborn:

Galadriel, sua irmã, não foi com ele para Nargothrond, pois em Doriath morava Celeborn, parente de Thingol, e havia grande amor entre os dois. Por isso, ela permaneceu no Reino Oculto, residindo com Melian; e com ela adquiriu enorme conhecimento e sabedoria a respeito da Terra-média. (TOLKIEN, 2019, p.68)

Ao descobrir o amor com Celeborn e as maravilhas que poderiam construir juntos naquela nova terra, juntos partiram para Ered Lindon e mesmo recebendo a notícia do perdão dos Valar, não cogitaram seu retorno para o oeste.

Galadriel sempre pensou a frente de seu próprio povo. A mesma sabia que nenhum mal seria completamente banido de seu mundo a não ser que os povos se unissem e trabalhassem à sua maneira para um resultado comum. Diferentemente de seu marido Celeborn, o qual culpava a raça dos anões pela batalha que levou a destruição de Doriath, Galadriel enxergava nos pequenos a força necessária para destruir os guerreiros do inimigo, também conhecidos como orcs, assim como também enxergava a relação dos anões com as artes manuais semelhante as de seu povo Noldor. Com o passar do tempo Galadriel permeia pelos espaços fantásticos criados pelo autor e se alia a muitos deles, além de sentir em seu interior que o mal estava ressurgindo de pouco a pouco.

Devido a sua afinidade para com os anões, Galadriel cultivou amizade com o povo de Moria, onde permaneceu algum tempo para seguir logo depois rumo a Lóriland. Durante esse período, o senhor da escuridão Sauron ganha força e passa a reunir aliados, visando a conquista de diferentes povos. Em Lóriland: “Galadriel assumiu o poder e a defesa contra Sauron.” (TOLKIEN, 2009, p.382) prevendo seus planos, ela neutraliza os poderes de Sauron à medida que o mesmo vai agindo e nesse momento fica claro para o inimigo que ele havia encontrado de fato sua principal adversária na Terra-Média, uma elfa a sua altura, capaz de destruí-lo

Em uma tentativa de manter o equilíbrio na Terra-Média, três anéis de poder foram forjados, dados aos elfos em segredo, pois Sauron jamais poderia saber de sua existência. Cada um desses objetos mágicos controlava um elemento, o anel de diamante dado a Senhora Galadriel se chamava Nenya, através dele o tempo poderia ser controlado. Por ampliar os seus poderes, Nenyá produziu em Galadriel a vontade de voltar para o mar e para sua antiga terra, decisão que a fez se mudar junto de Celeborn para a beira do mar. Após longos anos ali, sentiram a necessidade de ir para outro lugar, partindo então para Belfalas e logo após para Lórien, local onde iriam residir até o fim da terceira era:

Em sua sabedoria Galadriel viu que Lórien seria uma fortaleza e um reduto de poder para evitar que a Sombra atravessasse o Anduin na guerra que inevitavelmente teria de vir, antes que fosse derrotada outra vez (caso isso fosse possível); mas que necessitava de um governo de maior força e discernimento do que o povo silvestre possuía. Não obstante, foi só após o desastre em Moria, quando o poder de Sauron, por meios além da capacidade de previsão de Galadriel, realmente atravessou o Anduin e Lórien se encontrou em grande perigo, com o rei perdido, o povo em fuga e arriscando deixar a terra deserta para ser

ocupada pelos orcs, foi somente então que Galadriel e Celeborn assumiram sua morada permanente em Lórien, e seu governo. Mas não assumiram títulos de Rei nem Rainha, e foram os guardiães que por fim a conduziram inviolada por toda a Guerra do Anel. (TOLKIEN, 2009, p.396)

Tal local é descrito como sendo um dos mais belos e misteriosos de todo espaço geográfico criado por Tolkien. Lothlórien, como é chamado, significa ‘*terra dos sonhos em flor*’, é chamado também de Lórien, ‘*terra dos sonhos*’ e de Laurelindórinan, ‘*vale do ouro que canta*’ (DAY, 2003, p.58).

Como o naturalista que era, Tolkien não economizou na multiplicidade de paisagens e florestas em seu espaço. Dotados de arvores gigantescas e uma fauna diversificada, encontramos na terra da rainha élfica a representação perfeita de jardins divinos possivelmente representativos daqueles encontrados nas Terras Imortais. Nesse reino distante residia um antigo Vala, Irmo, conhecido como Senhor dos Sonhos e das Visões (CASAGRANDE, 2018, p.78). Ele conservava o espaço atemporal, fazendo também com que forças exteriores não afetassem os que ali permaneciam. Sua força e seus poderes teriam sido a principal inspiração de Galadriel ao criar um reino semelhante. Em *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel*, é o elfo Legolas quem descreve o local quando a comitiva lá chega:

— Alí estão as florestas de Lothlórien! —disse Legolas—É a morada mais bela de todo o meu povo. Não há arvores como as daquela terra. Pois no Outono as folhas não caem, mas se tornam douradas. Só na primavera, quando aparecem as novas folhas verdes, é que elas caem, e então os ramos ficam carregados de flores amarelas, e o chão da floresta é dourado, e dourado é o teto, os pilares são prateados, pois os troncos das arvores são lisos e cinzentos. Assim ainda dizem nossas canções na Floresta das Trevas. Meu coração se sentiria alegre se eu estivesse sob o abrigo daquela floresta, e se fosse primavera (TOLKIEN, 2002, p.355)

O reino de Lothlórien abrange todas as características referentes a um típico reino encantado. Além de ser atemporal, esse espaço criado por Tolkien ainda possui uma fauna e flora diferentes- as quais não encontraríamos em um local que não fosse no mínimo, mágico.

Uma vez estabelecida em seu próprio reino, Galadriel reúne o conhecimento que adquiriu com os outros povos da Terra-média. Em segredo, continua protegendo o anel Nenyá pois sabe que o mal irá retornar junto a sua disputa interna com o senhor da escuridão. Torna-se a mais antiga elfa da Terra-Média, sua presença ali perdura eras até o momento em que retorna para as terras imortais.

2.A MULHER NA CULTURA OCIDENTAL

A literatura, de forma geral, representa uma abordagem da imaginação coletiva e propicia o entendimento do mundo através do outro. Em termos de literatura fantástica, temos a construção de uma ilusão dos sentidos, a expansão da imaginação e da mistura desta com a realidade, afinal, o que neste mundo é verdade? Ou melhor dizendo, o que neste mundo foi institucionalizado como real para que acreditássemos que fosse verdade? Essas considerações ganham expressão na figura feminina.

A personagem feminina é pungente e inescrutável, sua história parte da criação da vida e é dessa forma que sua identidade se relaciona principalmente a natureza, aspecto esse que historicamente contribuiu para a marginalização e perseguição da mulher. Essa mesma personagem, que em sua multiplicidade por muitas vezes foi reduzida a adjetivos como boa e má, se mostra na verdade difícil de ser interpretada, como expressa Clarissa Pinkola Estés:

O esforço de compreender essa natureza dual das mulheres às vezes faz com que homens, e até mesmo as próprias mulheres, fechem os olhos e bradem aos céus em busca de ajuda. O paradoxo da natureza gêmea das mulheres reside no fato de que, quando um lado está mais frio sentimentalmente, o outro lado está mais quente. Quando um lado é menos apresentado e mais rico em termos adicionais, o outro pode ser até certo ponto gélido. Muitas vezes um lado é mais feliz e maleável, enquanto o outro sente um anseio por “não sei bem o quê”. Um lado pode ser cheio de alegria, enquanto o outro é lamentoso e melancólico. Essas “duas-mulheres-que-são-uma” são elementos separados, porém associados, que se combinam em milhões de formas. (1992, p. 140)

Ao longo dos tempos, a maternidade transformou a mulher em ser misterioso e o sangue jorrado na menstruação a caracterizou como impura. Desde o início da civilização humana o vínculo feminino com a Terra garantiu a mulher crenças mal vistas, a relação com o destino, com profecias, com a noite, com o desconhecido e principalmente por esse último, o reconhecimento da mesma como ser perigoso e não confiável.

Antes de apresentar nossa análise em relação à personagem Galadriel, se faz necessário compreender como algumas figuras femininas foram apresentadas ao longo dos séculos, como sua imagem se transformou conforme as sociedades se desenvolviam e como esses seres refletem a complexidade de um ser fantástico mostrando o estranho

e/ou o maravilhoso. Além disso, é essencial exemplificar como o mistério feminino e a identidade ser x natureza ocorre, já que essas relações também fundamentam nossa personagem élfica em toda a sua trajetória. É com base na trajetória das Deusas-Mãe, Lilith, Maria, Eva, fadas mitológicas, princesas e rainhas más, que buscamos compreender a criação de Galadriel.

2.1 A DEUSA-MÃE: UM DOS MAIORES ARQUÉTIPOS FEMININOS

Como nos propomos a trabalhar a construção de Galadriel enquanto Deusa, a primeira figura que devemos citar é talvez um dos mais antigos arquétipos femininos já encontrados, a figura da Deusa-Mãe, também intitulada como Grande-mãe ou Grande-Deusa (CAMPBELL, 2020, p.17). Esse arquétipo tão fundamental na nossa cultura e história também nos convida a refletir sobre elementos que englobam a cultura do ser humano como um todo: a figura da mãe, a natureza da vida, o misticismo referente a diversos povos, o simbolismo empregado nas histórias antigas e as transformações ocorridas ao longo dos tempos. O entendimento dessa construção se faz pertinente pois embasa muito do que é mostrado por Galadriel nas narrativas de Tolkien: A crença que outros seres tem na mesma, a força de um ser feminino natural, a representação de uma mãe que abriga aqueles que necessitam e ao mesmo tempo, o descontrole que geralmente é atribuído a um ser feminino poderoso.

Segundo Erich Neumann em sua obra *A Grande Mãe: Um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*, publicada em 1974, um arquétipo como o da Deusa-Mãe, não se refere apenas a uma imagem concreta, mas em imagens psiquicamente simbólicas que foram sendo reproduzidas artisticamente e se tornando parte da mitologia de cada povo. Dessa forma, a figura da Grande-Mãe se propagou em uma pluralidade de representações que a humanidade se encarregou de difundir com o passar do tempo, através de seus rituais, mitos, lendas e hábitos, assim como: “[...] igualmente nos sonhos, nas fantasias e nas realizações criativas de indivíduos enfermos e sadios de nosso tempo.” (NEUMANN, 1999, p.19). Esses símbolos eram representados como seres em formas femininas como fadas e ninfas, entidades graciosas ou maléficas, ou como elementos da própria natureza, como o sol, que irradia luz e energia.

Ainda sobre o arquétipo, Neumann traz em outra obra intitulada *O medo do feminino e outros ensaios sobre a psicologia feminina, publicada em 2000*, a seguinte passagem:

Quando falamos sobre um arquétipo, devemos lembrar em primeiro lugar que estamos empreendendo o que é virtualmente uma tarefa impossível. O fato é que não podemos fazer nenhuma afirmação sobre os arquétipos, a não ser do ponto de vista de nossas mentes conscientes, a que são sujeitas a certas limitações herdadas. Paradoxalmente, porém, o arquétipo é uma força cuja realidade intrínseca atua além do escopo das mentes conscientes e de suas limitações. (2000, p.161)

Gradualmente começamos a entender as premissas de um arquétipo em seu valor unitário, uma vez que naturalmente relacionamos seu conceito em uma comparação com outro arquétipo, geralmente seu oposto. E é dessa forma que temos visões distintas da Grande-Mãe, pois o arquétipo determina também o comportamento humano, aquilo que cada um acredita.

Relatos sobre a Deusa aparecem desde a Idade da Pedra com estátuas de mulheres nuas com seios protuberantes em alusão à fertilidade feminina e ao contato com o divino. Nesta aurora da história, no período neolítico, a domesticação dos animais e o cultivo das plantas se tornaram parte da existência humana. Essa valorização da natureza se refletiu na consideração do feminino como autoridade, já que, como destaca Joseph Campbell: “as grandes preocupações não eram mais caçar e matar, mas plantar e cultivar. Uma vez que a magia da Terra e a magia das mulheres é a mesma -dar a vida e nutri-la.” (2020, p. 21).

A presença da Deusa-Mãe na cultura dos povos antigos perdurou por muito tempo, sendo cultuada principalmente pela fertilidade da Terra. Boa parte dos mitos relacionados a Deusa-Mãe se baseiam no mistério da vida, mostrando que o ser feminino é aquele que nos dá a vida, nos faz florescer e dar frutos. Portanto, a visão da mulher evidenciava a reprodução e a nutrição da vida. Todavia, gradativamente começaram a surgir entidades masculinas eclipsando com o tempo o lugar das Deusas. Os povos passam a devotar deuses masculinos que de forma diversificada contribuíam para as necessidades da Terra e da sociedade. Lentamente uma sociedade patriarcal surge, os elementos masculinos ganham tamanha força que o feminino e as Deusas passam a ser consideradas também como forças negativas, tendo seus templos destruídos e seus seguidores perseguidos. Camille Paglia já dizia que:

A identificação da mulher com a natureza na mitologia é correta. A contribuição masculina a procriação é momentânea e transitória. [...] A aliança masculina e o patriarcado foram o recurso a que o homem se

viu obrigado, por seu terrível senso do poder da mulher, da impermeabilidade, da arquétipa confederação dela com a natureza ctônica. O corpo da mulher é um labirinto onde o homem se perde. É um jardim murado, o hortus conclusus medieval, onde a natureza faz sua daimônica bruxaria. A mulher é a fabricante primeva, a verdadeira Primeira Causa. Transforma um ranho de detrito numa rede de ser senciente, flutuando no serpentino cordão umbilical pelo qual traz todo homem na correia. (1992, p.23)

Muitos dos povos antigos se opuseram ao culto da Deusa, como os semitas, por exemplo (CAMPBELL, 2020, p.48). Esse povo considerava as deusas como abominações, uma vez que já pregavam a tradição cristã e as consideravam “pagãs”. Com o patriarcado presente e a instituição do arquétipo masculino conhecido com Javé (Yaweeh) Deus-Pai ou Alá, a Deusa-Mãe foi completamente renegada, não apenas deixando de fazer parte da cultura, mas considerada inaceitável e maligna, fazendo com que pouco a pouco se tornasse uma simples superstição (CONCEIÇÃO, 2007, p.29). Nesse quadro, a figura da mulher, passou também a identificado como mal ou até mesmo demoníaco, fazendo-a perder pouco a pouco seu espaço na sociedade.

Como já dito anteriormente, a forma mais antiga da Deusa era a de Mãe Terra, impossível de se moldar ou expressar, mas esta, representava o tudo, a todos:

As imagens mitológicas da Grande Mãe são numerosas, como numerosas também são os estágios da revelação do ser dela, mas a forma mais difundida e conhecida de sua manifestação, a forma que define fundamentalmente sua essência, é a da Terra Mãe. Como a Mãe boa e Terrível, ela mostra o que chamamos seu caráter elemental, no qual ela aparece positivamente — como a Mãe parideira, protetoramente contenedora, e negativamente — como a Mãe possessiva, que aprisiona, priva e devora. [...] Em seu caráter elemental, a Grande Mãe Terra rege a vida coletiva da espécie, e toda vida individual é adaptada e subordinada a ela. (NEUMANN, 2000, p.182)

A Grande-Mãe, como responsável por tudo e todas as coisas, adquire com o patriarcado uma representatividade plurificada. Durante sua trajetória, ela não apenas foi idolatrada e cultuada pelo seu poder divino de criação da vida, mas com a constante modernização dos pensamentos foi denotada maléfica e renegada. A passagem de elemento criador para elemento maligno da Grande-Deusa na cultura pré-cristã mostra o duplo caráter relacionado à natureza do feminino. A primeira delas se define por um caráter elemental, daquilo que é, o outro se relaciona a um caráter de transformação, segundo Erich Neumann: “A representação do Feminino por esses dois aspectos é uma tentativa de se interpretar de maneira uniforme tanto a experiência peculiar que o Feminino tem de si, como a experiência que o masculino tem do feminino” (1974, p.35).

Tal relação se estreita no âmbito da mitologia a que estamos discutimos, principalmente pela estruturação de um inconsciente coletivo como se trata na Deusa. No caráter elementar ressaltamos a necessidade de se conservar as origens, a figura em seu leito natural, como uma substância eterna e criadora. Já no caráter transformador, há a necessidade da constância do movimento, o que leva a modificação, conseqüentemente também a transformação. Essa faceta já se encontra intimamente presente no íntimo do feminino pela geração da vida e todos os ciclos do nascimento. Tal caráter parte também do imaginário masculino e suas concepções, que ao controlar as relações de poder e assumir a sociedade com o patriarcado, transforma a visão da Deusa em um elemento imoral.

Mitologicamente, o arquétipo da Terra parece simples e claro pois é ela quem promove a vida e o crescimento de todos os seres. No entanto, em sua forma de Mãe-Terrível – resultado da transformação da Deusa em um ser negativo- ela também devora tudo o que está vivo levando tudo de volta para dentro de si. Vorazmente, esse arquétipo exala escuridão e morte, dá a vida para toma-la de volta, é assassina, representa a noite e todos os perigos que há nela (NEUMANN, 2019, p.183). Essa visão da Grande-Deusa transferida da adoração ao temor, garantiu ao indivíduo feminino elementos sombrios, como explica Clarissa Pinkola Estés: “O material da sombra pode ser muito positivo, já que muitas vezes os talentos da mulher são também empurrados para as trevas.” (1992, p.103)

Ainda sobre as diferentes formas do ser temos, na visão cristã, duas formas representativas da Deusa nas figuras de Maria e Eva. A primeira é elevada ao receber a promoção de Mãe de Deus, divina entre as mulheres por carregar em seu ventre a figura masculina a quem todos devem seguir, e a segunda é a representação feminina associada a serpente, que traz tentação e a malícia para os homens. Partindo da necessidade humana em acreditar em símbolos concretos, algumas outras figuras também representaram a imagem da Grande-Deusa ao longo do tempo.

Na Índia, por exemplo, quando a sociedade já se encontrava com seu sistema de escrita e matemática avançados, seu interesse nos estudos de planetas e constelações surge, a Mãe-Terra passa a ser a Mãe-Cosmos, aquela que traz a ordem em seu ventre celeste. Segundo o mitólogo Joseph Campbell, “a deusa da lógica, é também a deusa do tempo e do espaço, limita nosso pensamento e ação” (2020, p.109) como divindade primária, ela engloba tudo, as passagens da vida e da morte, até os deuses fazem parte de seu mundo, e continua: “além das fronteiras dela, estaremos num local além dos

conceitos, além de todas as categorias, além mesmo da categoria de ser e não ser. Ela é a primeira coisa que é.” (2020, p.109), uma completa figura dominante. Paglia faz alusão a uma das maiores Deusas da cultura indiana, Kali:

A femealidade das religiões de fertilidade tem sempre dois gumes. A deusa da natureza indiana Kali é criadora e destruidora, concedendo benesses com um conjunto de braços e cortando gargantas com o outro. É a mulher cercada de caveiras. A ambivalência moral das grande deusas-mãe. (1992, p.19)

Na cultura suméria vemos a representação da Deusa pela figura de Inanna. Em uma época em que o elemento feminino se encarregava da organização da vida, Inanna era conhecida como “Deusa do céu”, “Deusa do amor” e “Estrela da manhã”, sendo relacionada também a elementos como a fertilidade, a batalhas e até mesmo à prostituição (DUPLA, 2012, p.2).

Segundo lendas a seu respeito, a deusa Inanna era cercada por cervos que a idolatravam, governava templos grandiosos, mas nunca fugia das batalhas quando necessário. Muitas das práticas de adoração a essa divindade foram registradas pelo povo, na forma de mitos, lendas e canções que ajudaram na perpetuação de sua simbologia até os dias atuais. A princípio, Inanna foi considerada a própria personificação da Grande-Mãe, já que a mesma era responsável pela abundância das colheitas e por outras dádivas que concedia ao povo. Com o passar do tempo, seu nome e suas façanhas alcançaram lugares distantes e a mesma passou a condição de deusa “autônoma”, não mais uma representação da Grande-Deusa, mas a chefe dos exércitos, aquela que “faz o céu tremer, portanto, todos a ela prestam homenagem, os homens, os deuses, animais, toda a natureza se curva diante da pura Inanna.” (DUPLA, 2012, p. 13), uma divindade com poderes bélicos, soberana.

Na mitologia grega, outros seres também surgiram. Chamadas de Moiras, essas criaturas femininas envolvidas pelo mistério e pelo suspense ao se relacionarem ao destino, são a representação das tríplice tarefas de “fiar, medir e cortar o fio da existência” (ROBLES, 2019, p. 99). Vestidas de branco, são elas que dão à luz, representam a sorte das pessoas, governam suas vidas e decidem a hora da partida de cada um, “Cloto é a fiandeira que segura a roca; Láquesis é a trançadora do fio; e Átropos, a menor em estatura e a mais terrível, é a implacável que corta a linha com sua abominável tesoura.” (ROBLES, 2019, p.99). Os nomes das Moiras eram pronunciados com reverência e apesar de os homens, cheios de vaidade, clamarem por poder controlar seus próprios destinos, o martelo sagrado final, pertencia a elas.

Além das Moiras, com a proliferação de cultos e os mistérios acerca dos símbolos gregos, a visão da Grande-Deusa aparece sobre outros disfarces, como Afrodite e Atena. Afrodite, a deusa do amor, é aquela que dá a vida a todo o universo, a mais desejada e ao mesmo tempo a mais temida. Como uma força titânica da natureza, sua magia incluía o mistério da transformação, e mesmo despertando a ira de outros seres femininos, somente ela conseguia manipular o dom da paixão e curvar a humanidade diante dessa força. O autor Lewis Richard Farnell, menciona como a ambiguidade relacionada a esse ser acarretou principalmente pela mescla de culturas relacionada a sua origem, havia templos da Deusa em Atenas, mas seu culto havia partido dos assírios, em Chipre e Citera. Dessa forma Afrodite é representada como uma Deusa do panteão heleno que traz elementos característicos da cultura oriental como as vestes trabalhadas, adornos e ouro (FARNELL, 1896, p. 618). Sobre essa ambiguidade Ragusa menciona que:

Essa ambiguidade de Afrodite, deusa grega marcadamente oriental, reflete-se, pois, nas suas origens, na geografia de seus cultos, nos mitos que a cercam, na composição de sua figura literária e, também, no seu principal atributo, o amor erótico-sexual, considerado, pelos gregos, com o um a força selvagem, estrangeira, da qual não se pode fugir, a qual não se pode rejeitar impunemente. (2003. P.83)

Apesar de sua figura ser capaz de mostrar uma face perigosa, Afrodite também era capaz de curar, de embelezar o que for necessário, ela reconcilia os indivíduos e concede o encontro aqueles que ainda não encontraram suas metades, tão odiada quanto invocada, sua presença está em tudo.

Já Atena, segundo os mitos (CAMPBELL, 2020, p.174), nasceu da cabeça de Zeus, mostrando como o patriarcado modificou a visão da Deusa. Considerada uma guardiã protetora, ela é a deusa da inteligência e da guerra, patrona dos feitos heroicos, protegia o seu povo contra as forças inimigas, mas não via a zona de guerra apenas como espaço brutal, mas como local de possíveis conquistas políticas e sociais. A partir de tal deusa, notamos como a visão da Grande-Mãe ganhou forma material e objetiva, seguindo os mesmos padrões já discutidos sobre a dualidade de bem e o mal.

Atena não apenas buscava vitória e bênçãos para seu povo, mas também reivindicava a justiça. Vinda da terra de Atenas, seus principais símbolos eram a oliva, elemento agrícola muito abundante nas regiões vizinhas futuramente associado à renovação, e a coruja, animal encontrado sempre ao lado da guerreira. Como uma das mais poderosas deusas da mitologia grega, Atenas, com seus muitos poderes, foi a responsável por guiar e ajudar diversos heróis ao longo das histórias. É a partir

principalmente de seus dons políticos e de tecelagem que relacionamos Atenas a nossa personagem Galadriel.

Encontramos, de fato, uma infinidade de figuras caracteristicamente associadas a Grande-Mãe. Em todas as culturas se assim procurarmos, em qualquer lugar em que a agricultura tenha se tornado principal fonte de alimento do povo, a Deusa e o feminino são dominantes, mas não somente isso como já discutido anteriormente, Campbell ressalta:

Em geral, pensa-se na Deusa como apenas uma deidade da fertilidade. Longe disso. Ela é musa. Ela inspira a poesia. Ela inspira o espírito. Portanto, tem três funções: primeiro, nos dar a vida; segundo, nos receber na morte; terceiro, inspirar nossa realização espiritual poética. (CAMPBELL, 2020, p.69)

A figura da Deusa-Mãe resplandeceu centenas de anos e criaturas femininas ao redor do globo ascenderam a sua imagem em incontáveis histórias. não é possível que caracterizemos a Deusa em apenas um ser, seja esse humano ou sobrenatural, não se trata de caracterizar sua suposta forma física ou seus poderes já catalogados, se trata do feminino e de suas concepções na sociedade assim como sua harmonização com as forças naturais. Muitos dos aspectos místicos relativos a Deusa foram perpetuados pela literatura sob a imagem de personagens femininas distintas em contexto e características, como expresso nas próprias obras de Tolkien, na forma de seres ligados ao mistério, adoradas ou não.

2.2 O MITO DE LILITH

Seguindo as diretrizes da Deusa Mãe e suas representações através do globo, encontramos uma figura feminina expressiva chamada de Lilith, abordada em diversas lendas e mitos como um ser marcado pela subversão. Sua figura está presente nas culturas sumérias, babilônica, assírias, cananeia e hebraica. Em suas diferentes versões se liga a história da criação, e ainda que muitas tenham perdido sua essência em caráter das superstições difundidas com o passar dos tempos, todas se relacionam pelos elementos da transformação, da mutação e principalmente pela insatisfação com o sistema. Essa figura feminina se mostra relevante ao nosso estudo pois exemplifica a forma como a figura feminina é, em sua maioria, fadada ao obscuro e facilmente sucumbida pelo poder, representa de maneira clara um indivíduo que em sua “má conduta” traçou seu destino.

Como quase todos os povos antigos possuíam uma visão cosmológica do mundo, a criação de mitos para explicar certos fenômenos abasteciam a crença dos indivíduos. Deuses, anjos e demônios faziam constantemente parte de um sistema cultural estabelecido que, mesmo expresso de maneira fantástica, projetava as relações de poder da época, como a estrutura de fascínio e temor às mulheres. Lilith era o reflexo da figura feminina transgressora. Segundo Bárbara Black Koltuv, “ela surgiu do caos [...] Lilith aparece como uma força contrária, um fator de equilíbrio, um peso contraposto à bondade e masculinidade de Deus, porém de igual grandeza.” (1997, p.17)

A história de Lilith, fomentada por especulações e mistérios, se tornou confusa e incompleta ao longo das décadas:

Um demônio noturno, a paixão da noite, anjo exterminador das parturientes, assassina de recém-nascidos, sedutora dos adormecidos, uma prostituta voluntariosa ou, para um juízo mais são, uma vontade poderosa que não se dobra diante da pressão masculina e prefere a transgressão à vassalagem. Lilith é o ímpeto sexual, mulher emancipada e em fuga, sombra maligna por se haver considerado em pé de igualdade com os homens; é igualmente a mais remota concepção feminina. (ROBLES, 2019, p.35)

São muitas as histórias que fundamentam o conhecimento que temos acerca desse ser, sempre descrita como sombria e noturna. Segundo Raphael Patai (1980, p. 464), de sua cabeça até seu umbigo Lilith é uma deslumbrante mulher. No entanto, do umbigo para baixo se caracteriza por ser um fogo abrasador. Essa chama fervorosa a qual a mesma é relacionada também faz menção ao poder autoritário de Deus, que originou uma figura julgadora e punitiva. Ainda outra versão relata Lilith como a esposa de Samael- o Diabo- (PATAI, 1980, p.219). Nessa perspectiva Lilith seria parte do próprio ser denominado como Samael, com corpos entrelaçados, contidos um no outro, a fêmea seria o lado devasso, chamada por vezes de serpente. Koltuv aborda que:

Os pares são, acima, Deus e seu aspecto feminino, que nele habita, a Shekhina e, abaixo, Samael o Diabo, que contém, em seu interior, Lilith. Desse modo, Lilith, proveniente da diminuição da Lua, expulsa do céu, a qualidade feminina negligenciada e rejeitada, torna-se a Noiva do Diabo, a sombra feminina transpessoal. Lilith é como um instinto renegado enviado por Deus para viver nas regiões inferiores, isto é, em convívio com a humanidade. Os homens a vivenciam como a bruxa sedutora, o súcubo mortal e a mãe estranguladora. Para as mulheres, ela é a sombra escura do Eu, casada com o Diabo. (1997, p.19-20)

Já segundo alguns mitos da cultura Suméria (ROBLES, 2019, p. 35) Lilith foi a primeira mulher de Adão, também criada do pó e do sopro divino de Deus, para que juntos

fundassem a nossa espécie. A mesma teria sido considerada um fracasso por constantemente argumentar sua posição submissa ao homem e por se recusar a estar em uma posição sexual inferior. Dotada de uma força sobrenatural, fugiu do jardim do Éden. Algumas versões populares relatam que anjos foram enviados para a levarem de volta, todavia, ao ser encontrada as margens do Mar Vermelho, Lilith não apenas se recusou a voltar, como também haveria seduzido os anjos. Por conta de seus pecados, ela foi amaldiçoada a ser a mãe dos demônios, condenada a ter uma centena de demônios por dia (CONCEIÇÃO, 2007, p.30).

Com um ego individualizado, a reivindicação de Lilith se dá principalmente pela necessidade do ser por igualdade, poder de expressão e liberdade de movimentos e ações. Segundo o *Zohar* (1984)- livro cabalístico onde rabinos discutem e explicam os segredos dos cinco livros de Moisés- ao abandonar Adão, Lilith teria voado para o céu para se juntar aos anjos querubins, mas teria sido expulsa por Deus que logo em seguida criou Eva para ser companheira de Adão na Terra: “O Senhor, abençoado seja, repreendeu-a e atirou-se as profundezas do mar” (1984, Zohar I, s/p).

No processo de evolução dos mitos, encontramos cenas diferentes onde, enfurecida por ter sido substituída por Eva, Lilith retorna ao Éden para assassinar os filhos do casal que se encontram desprotegidos no momento do nascimento. Em outras versões a mesma volta na forma da serpente, para concretizar a queda de Adão e Eva (SCHMITT, 2016, p.455). No entanto, a figura de Lilith não se enquadra apenas em narrativas sagradas. Segundo Conceição (2007, p. 28) uma das primeiras versões do mito a colocavam como cortesã sagrada da deusa Inanna, Lilith era responsável por seduzir os homens e os levar para os templos sagrados onde os rituais de fecundidade aconteciam, era considerada a mais bela sacerdotisa da deusa, quando as Deusas foram consideradas malignas e os rituais imorais, Lilith foi confundida com a própria Deusa-mãe encarnada, chamada de prostituta sagrada, Barbara Black Koltuv diz que:

Lilith, a sedutora, é descrita pelos cabalistas como uma prostituta que fornicava com homens. Ela é chamada de a Serpente Tortuosa, porque seduz os homens a seguir caminhos tortuosos. Ela é a Mulher Estrangeira, a doçura do pecado e da língua má. Conta-se que dos lábios da Mulher Estrangeira jorra mel. Ela é chamada de a Fêmea Impura e, embora não tenha mãos e pés para a cópula, pois os pés da serpente foram cortados quando Deus a castigou por seduzir Eva, mesmo assim, em seus adornos, a Fêmea dá a impressão de ter mãos e pés. (1980, p.59)

Como exposto, Lilith também assume a forma de serpente, responsável por seduzir e induzir Eva ao pecado, fator que contribuiu para que em sua maioria o ser

feminino fosse relacionado a elementos dionisíacos e negativos, como ressalta Erich Neumann ao abranger Lilith no grupo de Deusas que em sua perspectiva são: “atraentes e sedutoras figuras fatais.” (1999, p.146).

Sempre associada ao instinto, a mulher dotada de desejos sexuais e vontades próprias representava a perdição em um mundo onde seu dever era servir ao marido e aos filhos, passiva de vontades. Lilith é a desordem, ela espelha o que antes as margens da Deusa nas sociedades matriarcais, era visto como a ascendência da vida. Esse pensamento, incinerado pelo patriarcado, trouxe a mulher “instintiva” uma nova denominação, a de não seguir seus princípios, mas sim, temê-los.

Dessa forma, é comum que em todas as narrativas Lilith seja descrita como uma bela e sedutora mulher, já que a mesma é associada ao pecado, à luxúria e a sexualidade. Em uma das passagens do Zohar I, Lilith é posta tanto como um ser desejável quanto perigoso:

Ela se adorna com muitos ornamentos, como uma desprezível prostituta, e posta-se nas encruzilhadas a fim de seduzir os filhos dos homens. Quando algum tolo dela se aproxima, ela o agarra, beija-o e serve-lhe vinho feito com a borra da bÍlis de uma víbora. Assim que ele bebe o vinho, põe-se a segui-la, extraviado. Quando ela percebe que ele a está seguindo, extraviado dos caminhos da verdade, livra-se de todos os adornos que usou para seduzir o tolo. Os ornamentos para a sedução dos filhos doo homem são: o cabelo longo e vermelho como a rosa; as faces brancas e vermelhas; de suas orelhas pendem seis adornos; cordas egÍpcias e todos os adornos da Terra do Leste pendem em sua nuca. Sua boca assemelha-se a uma estreita e graciosa passagem, sua língua é pontuda como uma espada, suas palavras são suaves como o óleo, seus lábios são vermelhos como uma rosae adocicados com todas as doçuras do mundo. (Zohar I, 1984, s/p)

A sensualidade que um dia já fora idolatrada em cultos e rituais passa a ser a forma que desvirtua os homens bons de seus caminhos. Também ligada a natureza principalmente pelo ato do parto, a mulher teve seu corpo associado as origens da vida e da morte, um dos exemplos que ligam a mulher ao perigo do desconhecido era o fluxo menstrual, como aborda Alexander Meireles da Silva: “O sangue expelido pela mulher a marcava como impura. Essa condição a levava a ser vista como possível portadora de males para a sociedade.” (2012, p.8). Lilith em sua particularidade, como elemento transgressor, foi associada à noite e conseqüentemente também com o desconhecido e a morte.

Assim configurou-se a imagem de um demônio que não apenas mata bebês e assombra mulheres grávidas, mas que durante a noite desliza para o leito dos homens seduzindo-os e causando a desgraça das famílias: “A mão de Lilith é percebida nas brigas

matrimônias, nos desejos insatisfeitos, na separação dos casais, na emancipação frustrada e nos castigos que recaem sobre as mulheres que desafiam as normas sociais” (ROBLES, 2019, p.38). Essa representação de Lilith enquanto demônio dotado de uma libido incontrolável é a mais famosa nas religiões modernas, a mesma sugere um alerta para todas as mulheres que não se encaixam nos padrões impostos. Ao cruzar as fronteiras impostas pelo sistema, não apenas corre o risco de se encontrar com o monstro, mas de se tornar o próprio monstro

Lilith é a mãe dos demônios e de todos os seres que se esgueiram pela noite representado perigos como vampiros e animais noturnos, é a rainha do orgulho e sua principal arma é a sedução. Em um mundo onde as crenças se baseiam na promoção da vida por meio de seres divinos, Lilith é posta como rancorosa e perdida, inconformada por não aceitar as leis superiores, é a destruidora da ordem natural, segue seu caminho carregando os traços de sua perversão, um símbolo da imoralidade. Em todas as histórias encontramos um mesmo desfecho para Lilith, sendo excluída e temida por todos, é condenada a representar todo o mal da humanidade, diz-se que a mesma

Habita as profundezas do oceano desde os tempos imemoriais e que ali é mantida pelos guardiões supremos por meios de reiteradas censuras, a fim de que não volte a perturbar a vida dos homens e de outras mulheres, ressurgue de tempos em tempos, quando o clamor pela reciprocidade se infiltra na discussão de direitos e de liberdade e cada vez que uma mulher descobre o significado mais recôndito de sua criatividade. (ROBLES, 2019, p.38/39)

Mesmo permanecendo firme em suas vontades e desejos, não consegue modificar as regras nem clamar por igualdade. Lilith é o renascimento e junto a Eva, reproduzem o conflito feminino de ser receptáculo e mãe e/ou a expressão de ideias e desejos (KOLTUV, 1997, p.105)

O mito de Lilith envolve muitos aspectos da evolução e das crenças dos seres humanos no decorrer das décadas. Suas características foram evoluindo conforme as estruturas patriarcais eram ameaçadas, uma vez que o confronto ao sistema por parte de um ser feminino era inadmissível. Lilith já fora uma grande deusa cultuada, responsável por ajudar mulheres a dar luz, o que questiona a sobreposição de versões negativas onde Lilith não apenas é encarregada de todo mal, como também espalha esse mal sendo a precursora do vampirismo (CONCEIÇÃO, 2007, p.31) e de outras figuras do mal presentes na literatura. Lilith é abordada em diversos seguimentos e estudos como expressa Katia Cilene S. S. Conceição em seu trabalho:

• Elementos ligados à natureza – vento (ardente); ar; tempestade; luz (penetrante); noite; lua (negra, escura). • Tipos humanos – bela mulher de cabelos compridos; mulher sensual e fatal; mulher de charme irresistível e infernal; prostituta de seios secos; jovem virgem (donzela); anciã; mãe. • Animais – ave noturna; coruja; serpente; dragão; leão. • Verbos (ações) – gritar; cantar; lamber; devorar; encantar; seduzir; possuir; morrer; destruir; sugar; libertar; lutar. • Outros elementos – demônios com força humana, dotados de asas; vampiro (bebedor de sangue); sereia tentadora; devoradora de filhos; grande mãe destruidora; demônio metade macho, metade fêmea; linda jovem com pés de coruja; ninfa vampiro. (2007, p.33)

Todos esses elementos são aspectos relativos a descrição e a configuração do mito de Lilith, utilizados para análise em diversas áreas do saber, em sua maioria com um caráter dual, mostrado o mesmo questionamento já apontado anteriormente, em uma visão maléfica/ benéfica. Apesar de complexas e vultuosas, as características dessa personagem e os mitos em que se relaciona nos mostram como a construção de arquétipos se dão por meio da necessidade da imposição de relações de poder. Lilith é o elemento transgressor que mostra como as lutas por igualdade muitas das vezes são falhas, e como o elemento feminino, fonte de mistério, tende sempre a retratar a negatividade e a intolerância.

Mesmo que Galadriel, em todas as suas versões, não seja apresentada por Tolkien como uma figura demoníaca, monstruosa ou transgressora, também possui um lado obscuro que se mostra presente em certos momentos de sua trajetória. Mesmo em toda a sua benevolência, a elfa mostra sua face destrutiva e seguindo o mesmo padrão empregado por Lilith, pode representar a figura feminina capaz de sucumbir ao poder e trazer a morte a todos, quebrando os paradigmas de mãe perfeita a qual é colocada a priori pelos leitores.

2.3 DA BRUXARIA AS BRUXAS: AS SERVAS DO DIABO

Ao falarmos de bruxas é comum nos lembrarmos de horrendas figuras femininas com narizes pontudos, verrugas no rosto e dentes podres. Tais criaturas malignas andam sobre vassouras, lançam feitiços e através de atos traiçoeiros tentam sempre vencer o bem. Esse pensamento estereotipado talvez tenha criado raízes em nossa cultura devido a uma longa tradição artística de obras literárias e filmes que compactuaram para que essa imagem permanecesse em nossas mentes, mesmo que com o passar dos anos a imagem da bruxa tenha se transfigurado para adequá-la aos tempos modernos.

Nesse trabalho, é importante a compreensão entre o paralelo histórico de mulheres reais, consideradas bruxas no período medieval e também das figuras fictícias pertencentes ao universo fantástico. A figuração da bruxa espelha a forma como os seres femininos facilmente são ligadas ao demoníaco e a uma figura masculina maléfica, da mesma forma, seus dons psíquicos/ mágicos também se relacionam com a figura de Galadriel. Outro ponto importante a se notar é a relatividade entre o medo das bruxas e aquele que alguns personagens no universo de Tolkien também sentem em relação à elfa.

Em tempo atuais a bruxaria- e conseqüentemente as bruxas- não são apenas símbolos imaginários criados e estabelecidos como folclore. A bruxaria é constituída como religião e protegida pela legislação oficial de número 16.309, assim como o vodu e o próprio cristianismo. Dada a falta de informação, muitas pessoas associam erroneamente a bruxaria ao satanismo, acreditam que suas características são iguais em todos os lugares do mundo, ou que as bruxas são exclusivamente seres que possuem poderes psíquicos, sendo capaz de lerem mentes e verem o futuro. Segundo Russel & Alexander uma outra indagação errada é de que:

A afirmação de que as bruxas são mulheres velhas é igualmente uma distorção da verdade e um exagero leviano. Tanto no passado quanto no presente, muitos homens praticaram a bruxaria, além de que muitas bruxas eram bastantes jovens- muitas delas eram até crianças. (2019, p.13)

A história das bruxas vai muito além de meras superstições ou aspectos sobrenaturais difundidos em histórias de halloween. Tratamos do ajustamento do sobrenatural com o natural, das crenças e cultos de povos antigos, da ordem natural do universo e das histórias reais, de pessoas reais.

Ao falarmos, no âmbito da literatura fantástica, sobre seres femininos mágicos, esbarramos em três grupos específicos que, apesar de distintos, são confundidos e muitas vezes citados como iguais (SILVA, 2019). Como expressa Alexander Meireles da Silva (2019), o primeiro desses seres é a feiticeira, considerada a mais poderosa pelo fato de seu poder vir do divino. Seus dons podem ser obtidos através da herança de sangue, como observado na mitologia e na literatura clássica, com as feiticeiras Circe e Medeia, filhas da deusa Hécate.

Partindo para um segundo grupo, temos as magas. Dificilmente se ouve falar de tais seres nas histórias de fantasia, em sua maioria a classe é composta por seres masculinos já que seu maior poder está relacionado ao conhecimento, característica sobressalentemente atribuída aos homens. Tais seres tem pleno conhecimento da mente

humana e conseguem transformar a realidade que nos rodeia. O último dos grupos se trata justamente de nosso objeto, as bruxas. Possuidoras de uma magia mais próxima ao povo, ao humano, e justamente por trabalhar com elementos naturais como as ervas, está relacionada a mulher e ao mistério feminino (SILVA, 2019).

Ao lermos diferentes histórias sobre bruxas, encontramos diversas características que conceituam esse ser, principalmente sua marginalização. A atuação da mulher principalmente no que se diz respeito aos conhecimentos ocultos da natureza, levou a figura da bruxa a ser caracterizada como aquelas que “alteram o bem-estar no instante em que se entregam aos mistérios da feitiçaria” (ROBLES, 2019, p. 228). Resultando da própria autopreservação da raça humana, tudo aquilo que é desconhecido em sua maioria é tido como perigoso, pois não há como domar o que não se conhece. Dessa forma, principalmente após a ascensão da Igreja Católica como poder hegemônico na Idade Média, não se era tolerado mulheres que com suas práticas de benzeduras curavam mazelas através de simpatias e ervas medicinais, pois tais atos contrariavam a moral imposta pela igreja.

Sabemos que, tudo aquilo o que as pessoas acreditam ser verdadeiro, tende a influencia-las mais do que as coisas que fatidicamente são autênticas. Através de uma imagem pintada pelo senso comum, sempre encontramos bruxas em lugares escuros como porões, cavernas e florestas, praticando rituais de iniciação com sangue, sacrifícios de crianças roubadas em nome do diabo, ou até mesmo comendo a carne dessas crianças em banquetes demoníacos. Não se pode deixar de lado a presença de gatos pretos, das orgias e danças sob a luz da lua, concluindo assim o seu dever para com as forças das trevas. Ao participarem desses rituais, as bruxas e bruxos presentes retornariam as suas casas no tardar da madrugada e continuariam suas vidas como pessoas normais, mantendo em segredo suas práticas. Essa visão popular muito se dá pelos poucos estudos na área. Sobre este apagamento, Federici ressalta que:

A caça às bruxas aparece raramente na história do proletariado. Até hoje, continua sendo um dos fenômenos menos estudados na história da Europa ou, talvez, da história mundial, se consideramos que a acusação de adoração ao demônio foi levada ao Novo Mundo pelos missionários e conquistadores como uma ferramenta para a subjugação das populações locais. O fato de que a maior parte das vítimas na Europa tenham sido mulheres camponesas talvez possa explicar o motivo da indiferença dos historiadores com relação a tal genocídio; uma indiferença que beira a cumplicidade, já que a eliminação das bruxas das páginas da história contribuiu para banalizar sua eliminação física na fogueira, sugerindo que foi um fenômeno com um significado menor, quando não uma questão de folclore. (2019, p.147)

Dessa forma, não podemos dizer que é de conhecimento comum a forma como a perseguição às bruxas ocorreu ou as consequências desse ato reverberou na historicidade feminina ao longo dos tempos. Palavras como “Histeria”, “alucinações”, “loucura” e “epidemia” podem ser facilmente encontradas quando relatados momentos em que pessoas eram queimadas em fogueiras ou enforcados pelos seus atos considerados errôneos pelo poder vigente. Muitos dos próprios estudiosos da caça às bruxas, apesar de explicitamente repudiarem os atos de morte, ainda abordavam as vítimas como singelas mulheres que sofriam de problemas psiquiátricos (FEDERICI, 2019, p.147).

A princípio, a feitiçaria residente na Europa era bastante comum ao restante do mundo. A transformação de tal tradição ocorre, principalmente, com as alterações religiosas e políticas aplicadas pela Reforma: “os sistemas legais se tornavam mais sofisticados, e a ciência tinha feito grande progresso no entendimento do mundo natural (DAVIES, 2017, p.6. Tradução nossa¹). Em grande medida, encontramos a ação do pensamento cristão em detrimento às culturas pagãs e sua influência na sociedade medieval.

A igreja católica foi, de fato, uma das principais propulsoras da ideia de que estamos cercados por poderes malignos. Seu discurso se baseava em demonstrar como todos os artefatos e entidades malignas eram responsáveis por distanciar os seres humanos de sua missão para com Deus e a Igreja. Com isso garantiam a atração dos homens para as suas regras e a afirmação de suas crenças, uma vez que a igreja era disseminada como uma força poderosa o suficiente para proteger e salvar os cidadãos. Ainda em constante descobrimento de si e do meio ambiente, o ser da Idade Média vivia em um insistente temor pelo desconhecido, fator que compactuou para que esse período fosse considerado misterioso ou até mesmo a Idade das trevas. A igreja se encarregou então, de fixar-se como responsável por orientar as pessoas e ajuda-las a ter mais conhecimento sobre as coisas do mundo.

A obra *O Martelo das Bruxas*, escrita no século XV pelos monges dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger, destrói todos e qualquer fundamento acentuado a veracidade das bruxas e sua heresia. Esse manual inquisitorial era o responsável por guiar aqueles que diziam trabalhar em nome de Deus em sua busca para combater tudo o que ia contra os fundamentos da igreja. Na primeira parte da obra, os autores refletem que:

¹ Legal systems were becoming more sophisticated, and science made great strides in understanding the natural world.

E o poder de Deus é mais forte que o do diabo, assim como as obras divinas são mais verdadeiras que as demoníacas. De onde, quando o mal é poderoso no mundo, tem de ser obra do diabo, em permanente conflito com a de Deus. Portanto, como é ilegal sustentar que as más artes do demônio podem em aparência superar a obra de Deus, do mesmo modo é ilegal achar que as mais nobres obras da criação, isto é, os homens e os animais, possam ser danados - prejudicadas ou estragadas - pelo poder do diabo. Mais ainda, que o que se encontra sob a influência de um objeto material não pode ter poder sobre os objetos corpóreos. Mas os demônios estão subordinados a certas influências das estrelas, porque os magos observam o curso de determinadas estrelas para invocar os demônios. Portanto, eles carecem do poder de provocar mudança alguma num objeto corpóreo, e daí que as bruxas possuem menos poder que os demônios. Porque estes não têm poder algum, salvo verdadeira arte sutil. Mas uma arte não pode produzir permanentemente uma forma verdadeira. (2020, p. 20)

Além do discurso de ódio, tortura e morte que a obra prega, a todo momento é reafirmado que somente a cumplicidade com a Igreja, e assim com Deus, é fundamentada. A conjectura entre o demônio e seus subordinados- na maioria das vezes chamados de bruxas- é posta como uma relação intrínseca entre um ser perverso e altamente perigoso e de outros seres que contrários a seguir a verdadeira “fé”, são os responsáveis por realizar os maus feitos advindos das trevas. Como aborda Jean Delumeau:

Graças as confissões obtidas sob tortura, uma anti-Igreja, noturna, que adora Satã encarnado em um bode, renega Cristo, profana a hóstia e a paz dos cemitérios e se entrega a libertinagens execráveis. (2020, p.526)

Em seu trabalho *A história da Bruxaria* (2008), os autores Alexander e Russel caracterizam quatro interpretações para a bruxaria europeia. A primeira delas consiste na ideia de que a mesma nunca tenha de fato existido, que tenha sido apenas uma maneira das autoridades eclesiásticas de lucrar com o terror espalhado. A segunda interpretação surge do folclore, difundida pela autora Margaret Murray (2019, p.56) que argumentava que a bruxaria era uma antiga prática religiosa de fertilidade cultuada em nome de Dianus, o deus chifrudo. Tal representação foi muito seguida por historiadores e folcloristas, como observado na obra *The Witch-Cult in Western Europe*, de Margaret Alice Murray. A terceira forma de se abordar a bruxaria surge a partir de uma perspectiva histórico social, na qual a bruxaria não existiu, ao contrário da feitiçaria, mas que alimentada por uma superstição geral muito difundida. Os autores completam com a última das interpretações, a qual aceita a bruxaria como uma combinação de ideias argumentadas ao longo dos séculos, e nessa perspectiva, a heresia e a teologia são mais creditadas que o paganismo.

Assim como todos os elementos femininos citados anteriormente, a bruxa em sua dualidade se apresenta como uma bruxa branca ou negra, representando os mistérios da natureza, da manipulação dos elementos mágicos, segundo Martha Robles:

Donas de uma potência terrível, as bruxas encarnam a sombra do rancor que subsiste no espírito humano. Os gregos antigos chamavam-nas Fúrias ou Erínias, enquanto os psicanalistas qualificam-nas como projeção dos elementos obscuros do inconsciente. Seja qual for a versão verdadeira, desde crianças reconhecemos em sua fealdade o fruto das rejeições, das frustrações e dos temores que resultam em dano aos outros quando os desejos malogrados mergulham a alma em uma atroz ansiedade que move seu ânimo contra todo o bem estar. (2019, p.229)

Sua presença nos mitos e lendas variam, no entanto, constantemente simboliza uma força natural disruptiva da qual um indivíduo normal, não conseguiria sequer se defender. Sua força não seria necessariamente maléfica, mas seria tão remota e distante do mundo dos homens que automaticamente se constituiu como uma ameaça à ordem social e a moral imposta. Tal presença hostil não é nem mesmo considerada do nosso mundo. Robles ainda continua sua pontuação acerca das bruxas dizendo:

Acentuaram-lhes a fealdade ao relaciona-las ao pecado; reduziram-nas a ponte emblemática entre o visível e o tenebroso; habitantes de um mundo intangível ou irreal, e a mera travessura da criação entre o humano e o sobrenatural; até diminuírem-nas a caricatura humanoide de Lúcifer. (2019, p. 229)

Em sua maioria, os movimentos envolvendo as crenças e práticas pagãs foram consideradas como demoníacas e banidas pela teologia cristã. A bruxaria, ao induzir a perversidade na bruxaria, especificamente na figura da mulher, cria-se um dos maiores movimentos contra o feminino já representados na história. Levando aquelas que desafiavam as ações já prescritas e se manifestavam contra as condutas “excepcionais”, a serem qualificadas como bruxas. Quando essas perseguições contra homens e principalmente às mulheres ligadas à praticas magicas começaram a ganhar força, não apenas a igreja se encarregou de caça-los como o povo também. As massas as temiam não só por sua segurança, mas pela própria ira de Deus. Durante esse período, o receio pelas colheitas e pelos seus entes queridos também era grande, não sabiam o que esperar de poderes tão grandiosos e desconhecidos nas mãos de seres como as bruxas.

O homem precisava sentir o aspecto concreto de sua crença e é por isso que também nesse período as pessoas passaram a fazer maior uso de imagens de anjos em suas casas, de forma a se sentirem um pouco mais protegidos pelos poderes divinos. Outro

aspecto relevante desse momento de tensão foram a quantidade de exorcismos que passaram a ser constantemente realizados na tentativa de erradicar o mal.

Dentro desse panorama a imagem da bruxa se coloca como transgressora em um sistema divino. As forças da natureza deveriam ser interpretadas unicamente através das escrituras bíblicas e os cidadãos deveriam abrir mão de quaisquer práticas antigas que não eram consideradas adequadas. As bruxas ao serem capturadas por seus atos corruptores, deixaram sua marca exposta em praças públicas onde eram torturadas e questionadas. Assim serviam de exemplo para que o restante da sociedade continuasse seguindo as normas impostas, até o momento em que elas eram enforcadas e/ou queimadas como punição.

A forma de tratamento e de controle contra as bruxas praticados pela Santa Inquisição também foram sendo transformados ao longo do tempo para melhor se adequarem aos objetivos políticos e de controle da população:

A padronização das acusações de bruxaria produziu uma dramática mudança nos poderes atribuídos ao Diabo. Antes a bruxa que celebrava um pacto com Satã desfrutava uma quase igualdade contratual como o Senhor das Trevas; mais adiante, ela passou a ser frequentemente resgatada dos efeitos de sua loucura pela intervenção da Virgem ou de algum santo. Agora, o poder do Diabo sobre a bruxa, uma vez consumado o pacto, era completo, e sua alma estava perdida. Mediante essa argumentação, o suplício e o assassinato de bruxas eram aplicados, em última análise, para o próprio bem delas, assim como para o de Deus e da sociedade. (ALEXANDER & RUSSEL, 2019, p.99)

A bruxa era vista como agente real e material do Diabo, ela ser precisava ser perseguida, visto que combatê-las representava a luta contra o pior inimigo de Deus, Satanás, que agia na mente daqueles seres mais fracos e assim espalhava o mal no mundo. Dessa forma a síntese do mal na bruxaria não consistia dos poderes e práticas de magia antiga, mas na confabulação com o Demônio, pratica herética.

As práticas de punição para a bruxaria foram diversas, os monges Kramer e Sprenger, expressaram em suas obras as mais hostis formas de se “expulsar” o mal, segundo os mesmos:

Há de se saber que todos aqueles a quem comumente se chamam feiticeiros, e também os “mestres” na arte da adivinhação, incorrem em delito de pena de morte [...] É ilegal que qualquer homem pratique a adivinhação; se assim fizer, sua recompensa, será a morte pela espada do verdugo. Também existem aqueles que com encantamentos mágicos tentam tirar a vida das pessoas inocentes, que convertem as paixões das mulheres em toda classe de luxurias; estes criminosos devem ser jogados aos animais selvagens. E a lei permite que qualquer testemunha seja admitida como prova contra ele [...] Qualquer testemunha pode prestar depoimento, como se tratasse de um caso de lesa majestade. Porque a bruxaria é uma grande traição contra a Majestade de Deus. E

devem ser submetidos a tortura para fazê-los confessar. Qualquer pessoa, seja qual for sua classe ou profissão, pode ser torturada ante uma acusação dessa natureza, e quem for considerado culpado, ainda que confesse seu delito, será posto no potro, e sofrerá todos os outros tormentos dispostos pela lei, a fim de que seja castigado na forma proporcional de suas ofensas. (2020, p.32)

O “potro” do qual se referem, era uma prancha no qual a vítima era posta e amarrada com cordas que progressivamente eram apertadas conforme o interrogatório prosseguia. Essa e muitas outras táticas horripilantes eram praticadas em nome da vontade de Deus, não para que conseguissem recuperar a “alma” da vítima ou algo parecido, mas para que diante de tanta tortura, a pessoa não tivesse outra escolha a não ser confessar.

Rita Voltmer (2017, p.100) menciona algumas outras práticas muito comuns. Ao serem apontadas como bruxas, as acusadas eram amarradas pelos pés e pelas mãos e atiradas em águas profundas. Se com tal ação seu corpo afundasse, significava que a água a aceitara e a mesma era inocente. Seu corpo então era içado de volta. Todavia, caso flutuasse, significaria que a água a rejeitara e assim a mesma era executada. A pesagem também era uma forma de se confirmar a entidade do mal. O corpo da mulher era colocado de um lado da balança e, do outro, uma bíblia. Se a bruxa pesasse menos era sinal de sua acusação. Uma forma ainda mais cruel era utilizada: acreditava-se que no corpo da bruxa haviam locais marcados pelo próprio Diabo. Tais pontos poderiam ser visíveis como cicatrizes e marcas na pele ou invisíveis, estes últimos eram procuradas ferindo a acusada com objetos pontiagudos, as bruxas eram despidas e meticulosamente analisadas na busca de qualquer envolvimento íntimo com a Besta. Além das formas já mencionadas, outras diversas formas de tortura, como água escaldante, ossos quebrados e flagelação foram usadas ao longo do tempo na tentativa de obterem confissões e nomes de possíveis cúmplices.

Ao todo, a perseguição as bruxas, aconteceu do começo de 1500 ao final de 1800, tendo seu auge entre 1569 a 1660 (VOLTMER, 2020, p.97), p. 105). Quando a guerra entre católicos e protestantes se tensionaram, tais conflitos agregados a peste, a fome e as constantes variações climáticas que destruíam as plantações culminaram na necessidade de encontrar e punir aqueles responsáveis pelas desgraças na Terra. Durante esse período, poucas confissões foram extraídas, mas muitos foram condenados mesmo assim, principalmente as que possuíam menor posse aquisitiva. Apesar de algumas vezes alguns contemporâneos terem questionado tal forma de justiça, alegando que as bruxas eram apenas mulheres velhas com problemas mentais, as torturas e julgamentos continuaram,

as mulheres eram constantemente jogadas na fogueira entre outras atrocidades, essa ânsia por tortura e assassinato perdurou por anos.

Apesar de homens e mulheres terem sido pontuados como culpados durante a inquisição, em sua grande parte o público feminino sofreu mais das consequências das acusações (DELUMEAU, 2020, p.462). As bruxas representavam todos os males atribuídos as mulheres, a começar pelo pecado original e a desobediência associados à primeira mulher. O simples fato de dançar a luz do luar serviria para acusa-la de bruxaria, sendo marcada pelo “despudor e pela degeneração do corpo” (ZORDAN, 2005, s/p). Em sua posição oprimida, a bruxa enquanto instancia feminina era incapaz de curar ou amaldiçoar. Seus “poderes” vinham do elemento masculino do Diabo, a quem deviam extrema obediência seguindo a mesma estrutura patriarcal.

Como um dos maiores símbolos do pecado da época, a bruxa era julgada como aquela que disseminava obscenidades. Seu corpo refletia a luxúria trazida para tentar os homens e sucumbi-los ao desejo da matéria, causando a morte de seu espírito e dos caminhos divinos. O cristianismo, apesar de afirmar a igualdade espiritual entre homens e mulheres, encontrou desde o início empecilhos para isso, principalmente com São Paulo:

A igreja teve dificuldade em passar da teoria a prática. A igualdade preconizada pelo Evangelho cedeu diante dos obstáculos de fato, oriundos do contexto cultural no qual o cristianismo se difundiu. São Paulo que está na origem das ambiguidades do cristianismo em relação ao problema feminino, por certo proclamou o universalismo evangélico (“Não há nenhum judeu ou grego [...], nem escravo nem homem livre, nem homem nem mulher: pois todos vós não sois senão em Cristo Jesus” [Epístola aos gálatas III, 8). Mas filho e aluno de fariseu ao mesmo tempo que cidadão romano, ele contribuiu para situar a mulher cristã em uma posição de subordinação simultaneamente na Igreja e no casamento. (DELUMEAU, 2020, 469)

As mulheres passaram a representar a tentação dos homens, aqueles que regiam a política, a religião e conseqüentemente os valores do saber. Relacionado a história do inconsciente masculino, a presença da mulher como terror misterioso é um fenômeno antigo e universal. Se por uma via ganhava força a imagem da Virgem Maria, mãe de Deus, pura e casta, por outra ganhava força a imagem da megera maléfica e carnal da bruxa, desumana e depravada.

Uma das perseguições mais vigorosas as bruxas, aconteceu nos Estado Unidos na região de Salem, Massachusetts, nos anos de 1693 e 1694. As disputas constitucionais e políticas, vinculadas aos contornos morais exigidos, típicos de sociedades puritanas

geraram um surto de acusação de bruxaria envolvendo as divisões geradas pela discordância no governo da Igreja, juntamente com problemas familiares e de vizinhança. Tais conflitos haveriam de ter existido de uma forma ou outra, mas a cultura da bruxaria na época transformou tudo em um veículo natural. Em uma época de superstições já tão interiorizadas, aqueles que não eram seus aliados não apenas eram seus inimigos como também, muito provavelmente, representavam uma aliança com Satã. Dessa forma, as tensões eminentes a disputa de poder gradativamente se tornaram uma caça às bruxas, com todos os olhos voltados a disputa e o medo infligindo a todos, o estereótipo do principal inimigo do meio ressurgiu. Salem se torna o último dos lugares onde o julgamento de bruxas nos países de língua inglesa aconteceu.

Apesar do delírio ter persistido por mais tempo em certos lugares, a caça às bruxas começou a declinar em meados do século XVII, deixando a bruxa como um grande símbolo gótico e fantástico, persistente até os dias atuais. Mesmo presente em filmes infantis, ainda representando imoralidade, as bruxas tomaram o papel de entretenimento. No entanto, não devemos em hipótese alguma perder a perspectiva de considerarmos a história da bruxaria como algo trivial, já que durante a perseguição as bruxas entre 1450 e 1750 “aproximadamente 110 mil pessoas foram torturadas, sob a acusação de bruxaria, sendo que 40 mil a 60 mil delas foram executadas” (RUSSEL & ALEXANDER, 2019, p.15). A bruxaria também representa a memória do coletivo feminino e sua situação precária e submissa na história, sempre levada do santíssimo ao maléfico por uma supremacia masculina.

2.4 FADAS...OU ELFOS? DE ONDE SURGIRAM OS PERSONAGENS DE TOLKIEN

Dentro do âmbito da literatura de fantasia, nos encontramos diante de seres que por séculos fazem parte da mitologia e da literatura. Apresentados de formas diversas, ora luminosos e bondosos ora diminutos em relação a outros seres fantásticos, ou feios, traiçoeiros e maldosos, esses seres são amplamente conhecidos como fadas. Não poderíamos deixar de reservar uma sessão deste trabalho para esses seres, uma vez que representam a classe de nossa personagem escolhida para análise. Apesar de J. R. R. Tolkien ter buscado combinar características distintas que transformariam seus seres fantásticos em parte de uma mitologia só sua, seu entendimento tangencia explicações

acerca de comportamentos, mitos e responde muitos “porquês” em relação às criaturas fantásticas femininas que buscamos responder com Galadriel.

Tais seres são descritos como pertencentes ao “outro mundo”, do mundo mágico, advindo da mitologia celta onde acreditavam em um mundo em constante criação: “Esse mundo, no entanto, não inclui apenas o que é tangível aos nossos sentidos, de acordo com as crenças célticas, esse ‘Outro Mundo’ existe para além da nossa realidade imediata” (MONAGHAN, 2004, p.14, tradução nossa)².

Em seu livro *Sobre Histórias de fadas* (2006), Tolkien se limita a planificar um panorama geral sobre esse espaço:

O reino das histórias de fadas é amplo, profundo e alto, repleto de muitas coisas: todas as espécies de animais e aves se encontram por lá; oceanos sem margem e estrelas incontáveis; uma beleza que é um encantamento, e um perigo sempre presente; alegrias e tristezas agudas como espadas. Um homem pode talvez se considerar afortunado por ter vagado nesse reino, mas sua riqueza e estranheza atam a língua do viajante que as queira relatar. E, enquanto ele está por lá, é perigoso que faça perguntas demais, para que não se fechem os portões e não se percam as chaves. (TOLKIEN, 2006, p.9)

Esse espaço fantástico, onde seres maravilhosos habitam, não é completamente fechado ao mundo dos homens. Mesmo sendo uma realidade distinta, há sempre um determinado lugar onde o tempo/espaço permite a entrada e saída. Os celtas acreditavam inclusive que era possível o contato do ser humano com o habitat natural das fadas. Tais encontros poderiam acontecer por acidente ao atravessarem aquele específico ponto onde o acesso era permitido, ou até mesmo através de um sequestro, quando uma fada levaria um humano para lhe fazer companhia em sua solidão ou apenas para que dançassem juntos. O ‘Outro Mundo’ segundo, Patrícia Monaghan, seria bem parecido com este em que nós vivemos, apenas mais bonito, um local onde tudo pareceria eterno (2004, p.14). Para os celtas, não havia uma distinção dualística entre o mundano e o sagrado, no entanto, o mundo onde as fadas residiam era o mesmo onde as divindades estavam, em suas múltiplas formas.

Apesar de caracterizarmos as fadas como seres sobrenaturais, se relacionado ao mundo dos humanos, esses seres são, na verdade, o mais natural de todo o reino da fantasia. Segundo o dicionário de símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, a fada:

Simboliza os poderes paranormais do espírito ou as capacidades mágicas da imaginação. Ela opera as mais extraordinárias transformações e num instante, satisfaz ou decepciona os mais

² That world, however, does not only include what is tangible to our senses, for according to Celtic belief an Otherworld exists beyond our immediate reality.

ambiciosos desejos. Talvez por isso ela represente a capacidade que o homem possui para construir, na imaginação, os projetos que não pode realizar (2019, p.415)

Desta forma, a fada se coloca como um dos principais elementos do imaginário, representando as ilusões puras e os desejos sinceros dos seres humanos, podendo ser vista também como uma mensageira do ‘Outro mundo’. Assim como os outros elementos já citados nesse trabalho, a fada como produto natural se relaciona diretamente a mulher e sua figura também sofre alterações relativas ao passar do tempo e a cristianização. A fada, que antes poderia assumir qualquer forma e assim trabalhar nos destinos das pessoas, passa a representar, para muitos transcritores, a figura da mulher encantada e enamorada que vinha em busca do seu escolhido (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2019, p.415).

Em termos gerais, folcloristas usam a palavra “fada” para descreverem criaturas não-humanas, dotadas de poderes mágicos, podem ser visíveis ou invisíveis, mudar sua forma, viver em locais relativamente distintos como em florestas, na água, no subsolo ou entre os humanos. Acreditava-se que muitas destas criaturas poderiam ser amigáveis e ajudar os humanos com sorte e prosperidade se esses lhe tratassem com respeito. Também poderiam ser considerados pequenos demônios, causadores de problemas e em casos mais extremos, serem culpados por doenças ou por roubarem bebês humanos deixando *changelings*³ no lugar (SIMPSON & ROUND, 2000, p.128).

A palavra “fada” na língua portuguesa vem da palavra *fatum* do latim, que significa “destino” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2019, p.415). Acredita-se que as fadas regem os destinos dos humanos desde o dia de seu nascimento, circundando suas ações e controlando seus futuros. Muito se relacionam com as Parcas da mitologia romana ou as Moiras da mitologia grega, divindades que personificam o destino, responsáveis pela vida e pela morte. Essas, acompanham os três estágios da vida, o nascimento, a maturidade e a velhice. Ainda outro elemento mitológico faz relação com as fadas, as Queres, seres reconhecidos como divindades infernais na mitologia grega. Elas se aproveitam dos soldados moribundos nos campos de batalha além de, em algumas narrativas como *Ilíada*, serem responsáveis pela boa ou má sorte dos heróis, oferecendo-lhes uma escolha, a qual resultara no sucesso ou fracasso em sua jornada.

A história desses seres sobrenaturais remonta a antiguidade da civilização, sendo que a primeira menção a essas criaturas femininas acontece no primeiro tratado de

³ Acreditavam-se que as fadas trocavam os bebês logo após o seu nascimento, deixando uma fada para crescer junto aos humanos enquanto o recém-nascido humano, crescia no ‘Outro Mundo’.

geografia da antiguidade, escrito por Pomponius Mela no ano 43 A.D, (SILVA, 2017). Em tal documento estaria a descrição de uma ilha francesa onde habitavam nove virgens possuidoras de poderes sobrenaturais, capazes de manipular os elementos naturais, profetizar sobre o futuro e dar sorte aos navegantes que ali passavam.

Através dessa descrição voltamos a ideia arcana da mulher e do mistério feminino construído ao longo dos tempos, onde o ser feminino está inteiramente ligado a natureza e a criação, como ser primordial, sendo capaz - no caso das fadas - de dar sorte aos viajantes, cuidar de seus caminhos, ou ser responsável pelo seu agouro e morte já que as mesmas controlam o destino:

Desde as brumas do tempo, o ser humano aprendeu a depositar sua confiança na inexorabilidade da natureza, que ganha expressão no ciclo das estações do ano e na alternância do dia e da noite. A partir dessa confiança, ele conseguiu organizar colheitas e a criação de animais. Todavia, se a natureza possui um lado bucólico, também tem um lado perigoso. A brisa que nos acolhe hoje pode se tornar a tempestade de amanhã. Desde a aurora da civilização humana essa dualidade da natureza encontrou sua personificação no corpo da mulher: afinal de contas, como compreender uma criatura que, aos olhos do patriarcado é capaz de gerar a vida, mas também se liga a morte pela eliminação regular do sangue. (SILVA, 2020, p.28/29)

Essa visão ambígua da mulher também representada nas fadas, não era retratada pelas igrejas católica ou protestante, uma vez que para o clero todos esses seres eram considerados unicamente como demoníacos, assim como outros seres advindos da mitologia antiga como centauros, ninfas e etc. Já na crença popular, as fadas assim como as bruxas, tiveram um importante papel na afirmação dos aspectos morais. Em alguns locais da Inglaterra, acreditavam-se que as fadas eram seres que haviam se recusado a servir tanto a Deus quanto a Lúcifer, sendo “Muito bons para o inferno e muito ruins para o céu, foram jogados a terra para que vivessem onde caíssem.” (SIMPSON & ROUND, 2000, p.129 Tradução nossa).⁴ Outras formas alternativas viam as fadas como fantasmas, apenas uma representação da morte ou apenas as ligavam especificamente a boa ou má sorte das colheitas.

A origem das fadas também sugere uma associação ampla com a Mãe-Terra, devido as suas características naturais e a relação com o feminino. No entanto, ao longo da história, sua posição deixa de ser expressa de maneira tão geral e imaterial e passam a ser vistas como espíritos das águas e das vegetações. As mesmas aparecem sobre as montanhas, nas profundezas das florestas, na beira de abismos e nas encostas de rios e

⁴ ‘too good for Hell and too bad for Heaven’, were thrown down to earth and lived wherever they happened to fall.

nascentes, relacionadas diretamente também ao ciclo lunar e das estações, sua presença demonstra os ciclos da vida, do nascer da primavera ao morrer do inverno:

A fada participa do sobrenatural por que sua vida é contínua e não descontínua, como a nossa e como a de todas as coisas vivas neste mundo. É normal, portanto, que na estação da morte não se possa vê-la, como também que ela não apareça. No entanto a fada jamais deixa de existir, embora sob outra forma, que está ligada, em sua essência, e tal como ela própria, a vida contínua, à vida eterna. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2019, p.416)

Mesmo como seres naturais, representantes dos elementos deixados a natureza, as fadas se subdividem. Podemos citar dois grupos, o primeiro deles representa fadas com características mais sociais, que vivem em comunidades mágicas, e que dessa forma também dividem as atividades e as realizam em grupos. Já um outro grupo, a das fadas solitárias, se caracteriza por indivíduos mágicos que sozinhos, se misturam aos humanos e vivem como eles, podem ser as causadoras de problemas terrenos ou simplesmente seguirem seu estilo de vida sem causar maiores danos.

Os elementos relacionados as descrições encontradas acerca desses seres, são vastos e pertencem ao folclore de todos os povos celtas. Muitos estudiosos acreditam que que as fadas seriam a reencarnação de deuses celtas antigos, a personificação de religiões ancestrais ainda enraizadas na cultura popular, mesmo com a instituição de variadas outras religiões ao longo dos tempos. Apesar das representações variadas, essas criaturas se relacionam pelo fato de serem tanto respeitadas quanto temidas, de forma que o encontro com as mesmas representa ou a sorte ou a punição por tê-las, de alguma forma, as irritado. Assim como a nomenclatura de seu nome é relacionado ao destino em português, a palavra *fairy*, em inglês, também traz o mesmo significado, vindo do romano *fatae* assim como do francês *faerie*. No entanto, todos os nomes dados as diferentes espécies e subespécies desses seres elementais, tem origem da palavra advinda do Anglo-Saxão *elf*. (SIMPSON & ROUND, 2000, p.129)

Difundido do Inglês antigo, o termo *Aelf*, depois transformado em *elf*, era encarregado de representar os seres mágicos advindos do Belo Reino, vindo a ser substituído pela palavra *fairy*. Apesar de se tratar dos mesmos seres, apenas com nomenclaturas diferentes, é comum encontrarmos definições um pouco distintas em relação aos mesmos, como raças diferentes. Em relação ao nome ‘elfo’ encontramos narrativas com seres bondosos e cativantes como o próprio Tolkien fez, no entanto, também são associados nas histórias folclóricas a pesadelos, doenças, armadilhas que capturavam pessoas para a morte, ou até mesmo como demônios que precisavam ser

exorcizados. Essas criaturas poderiam representar forças noturnas e provocar os piores pavores. Monaghan expressava que:

Eles eram obcecados por limpeza e puniam qualquer um que fosse desleixado o suficiente para ofender sua sensibilidade. Finalmente, embora não pensassem em roubar do nosso mundo, não suportariam que qualquer um roubasse do deles, e puniam esse tipo de roubo implacavelmente. Eram tanto respeitados como temidos. “Suas costas viradas para nós e seus rostos longe de nós, e que Deus e Maria nos salvem do mal”, era uma oração recitada toda vez que alguém se aventurava perto de suas moradias. (2004, p.184. Tradução nossa.)⁵

Vale ressaltar que as diferenças mencionadas não definem uma forma tipológica real e absoluta desses seres, chamados de fadas ou de elfos. Os mesmos pertencem ao mundo mágico e a memória cultural, principalmente dos povos nórdicos, celtas e germânicos, estando à mercê de interpretações e modificações relativas a própria evolução. Como aborda Tolkien, “A estrada para a terra das fadas não é a estrada para o Paraíso - nem mesmo para o Inferno” (TOLKIEN, 2006, p.10). Boas ou más, sua maior relação é com o inconsciente humano, com o fato de oferecerem a ideia de um outro mundo ou estado, mágico e poderoso, “Parte da magia que eles exercem para o bem ou para o mal da humanidade, é o poder de brincar com os desejos de seu corpo e seu coração” (TOLKIEN, 2006, p.8).

Os elfos expressos nas narrativas de Tolkien apesar de não representarem claramente- deuses, são postos como criaturas de grande poder e influência, muito semelhantes aos Tuatha Dé:

Uma vez que eram divinos: Os Tuatha Dé Danann, os filhos ou pessoas da Deusa Danu. De acordo com a história mitológica da Irlanda, o livro de invasões, os Tuatha Dé foram os penúltimos invasores da ilha, tirando o controle do robusto Fir Bolg e os ferozes fomorianos. Quando os últimos invasores vieram, os Tuatha Dé seguiram o caminho de seus inimigos sendo derrotados na grande batalha de Tailtiu. (MONAGHAN, 2004, p.185. Tradução nossa)⁶

Seus elfos são imortais, os primeiros filhos do que o autor chamou de Eru, O Único. Dotados de força e inteligência, se dividem em clãs distintos com suas próprias

⁵ They were fanatical about neatness and punished anyone who was slatternly enough to offend their sensibilities. Finally, although they thought nothing of stealing from our world, they would not endure anyone stealing from theirs, and they punished such theft ruthlessly. They were both respected and feared. “Their backs towards us, their faces away from us, and may God and Mary save us from harm,” was a prayer spoken whenever one ventured near their dwellings.

⁶ Once they were divine: the TUATHA DÉ DANANN, the children or people of the goddess DANU. According to the mythological history of Ireland, the BOOK OF INVASIONS, the Tuatha Dé were the penultimate invaders of the island, wresting control from the sturdy dark FIR BOLG and the fierce FOMORIANS. When the final invaders came, the Tuatha Dé went the way of their enemies, being defeated in the great battle of TAILTIU.

tradições e habilidades. Sua trajetória rumo a Terra Média, como expressa na obra *O Silmarillion* e nos *Contos Inacabados*, reflete muitas das características guerreiras e estrategistas adotadas por Tolkien e que podem ter sua relação nas antigas lendas dos Tuathá Dé.

Transpassando elementos fantásticos celtas, é também relevante para nosso estudo que as figuras femininas expressas na narrativa da bíblia fossem analisadas. Dessa forma, no nosso próximo tópico iremos abordar principalmente duas figuras muito conhecidas e difundidas no conhecimento popular, representantes das diversas facetas agregadas as mulheres ao longo dos tempos, Maria e Eva.

2.5 A MULHER NA BÍBLIA: A DUALIDADE EM MARIA E EVA

Ao analisarmos discussões acerca de importantes nomes femininos ao longo dos tempos, sempre nos deparamos com figuras que acabaram por tecer a história da mulher, assim como também por marcar as principais relações entre certo e errado, boa e má, relativos à figura feminina. Essas personagens frutos do coletivo cristão, tiveram importante papel em uma das principais obras religiosas já existentes, a Bíblia. Como já vimos em outras passagens desse trabalho, a expressão de seres femininos contraditórios e dualísticos sempre existiu, explicitamente através de seus corpos ou em uma interpretação fossilizada.

A bíblia é um dos principais simbolismos na imposição de leis e na promoção de histórias, poesias, cartas e escritos que foram construídos e agregados e ela por mais de 1500 anos. Dividida em duas partes com o Novo Testamento e o Velho Testamento, sendo, o nascimento de Jesus Cristo o acontecimento histórico que separa os dois, a bíblia abrange diversos aspectos da vida humana considerados incontestáveis, uma vez que foram escritos, segundo se acredita, sobre a base de uma inspiração divina: “Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça” (2 Timóteo 3:16).

A bíblia enquanto ferramenta de fé e esperança, também se concretiza como uma intensa ferramenta de poder, utilizada para reger as decisões e atitudes da humanidade, uma vez que de geração em geração, a esfera religiosa se caracterizou pela busca e proclamação do sagrado.

Ao longo da história, não é difícil ver que os eleitos para tal cargo não poderiam ser outros além daqueles do sexo masculino. A educação da mulher se voltava à serviço do homem e a passividade foi instaurada de maneira radical para as mesmas, dessa forma, sua posição submissa ao longo do tempo foi considerada uma realização natural, como expressa Hinemann “A história do cristianismo é quase a história de como as mulheres foram silenciadas e privadas de seus direitos” (1988, p.140). Mesmo seguindo uma linearidade, as figuras femininas presentes na Bíblia não deixaram de mostrar características multifacetadas que foram atribuídas a elas ao longo dos tempos.

As atitudes em relação ao “outro sexo” sempre se mostraram contraditórias, divagando entre a admiração e a repulsa, mostrando períodos onde a mulher era exaltada e outras onde a mesma era hostilizada. Fonte de tantos tabus, principalmente pela maternidade, a mulher, se torna o principal santuário do desconhecido, segundo Jean Delumeau: “elas eram consideradas muito mais ligadas do que os homens ao ciclo – o eterno retorno- que arrasta todos os seres da vida para a morte e da morte para a vida. Elas criam, mas também destroem” (2020, p.465), o homem era a história, enquanto a mulher era movida pelo inconsciente.

Apesar de o cristianismo não ter criado a cultura que engloba o medo do feminino, certamente foi um dos maiores propulsores dessa perspectiva. As más interpretações feitas em relação a Bíblia e a falta de igualdade que de fato estão presentes nos textos considerados sagrados gerou uma certa cultura de escolha aos seus seguidores, onde cada um adotou termos e trechos que mais convinham aos seus próprios discursos. Colocada em posição subordinada tanto em relação a igreja quanto no casamento, a mulher passou a ter que se submeter as ordens e diretrizes de seus maridos, não tendo direito a própria palavra como assim a lei dizia.

Aprofundando as raízes da marginalização da mulher, sempre nos deparamos com a sexualidade, tópico pecaminoso por excelência dentro do pensamento católico (NUNES, 2000, P.175) e que sempre pareceu ter uma afinidade maior as mulheres que aos homens. As mulheres, vistas como instintivas, seriam as primeiras a se desviarem dos caminhos escritos por Deus e se perderem nos prazeres da carne. Também reprimidas pelo fluxo menstrual e por todos os fluidos expelidos no momento do parto, que o corpo da mulher e suas diferenças registraram um outro ensejo para a sua expulsão social, concretizando-as como indivíduos ínfimos em relação aos homens. Dessa forma acentua-se, desde os tempos bíblicos, a exaltação da virgindade feminina como forma de manter sua alma pura e consagrada apenas a Deus, para aquelas que não conseguissem a

conjuntura de um casamento, permanecer virgem ressignificaria a aproximação com o divino. Jean Delumeau aborda que:

Nos meios de Igreja, tem-se doravante como verdade evidente que “virgindade e castidade preenchem e povoam os assentos do paraíso” - formulação do século XVI. Mas, exaltando a virgindade feminina, a teologia não deixou de continuar teorizando a misoginia fundamental da cultura que inconscientemente adotara. [...]No indivíduo masculino, o corpo reflete a alma, o que não é o caso da mulher. O homem é portanto plenamente imagem de Deus, mas não a mulher, que só o é por sua alma e cujo corpo constitui um obstáculo permanente ao exercício de sua razão. (2020, p.472)

Seguindo essa ideia, nos encontramos diante do primeiro nome a aparecer quando nos referimos a personagens femininas na bíblia, a Virgem Maria. Seu nome, como expresso, remete a uma figura pura e abençoada. Em meio a uma legião de figuras masculinas, a mesma surge no Evangelho de Lucas, concebendo o filho de Deus. Maria é a mediadora feminina do criador na terra, adorada e venerada pelo seu ventre sagrado, não se condiciona a uma Deusa vista que sua relação divina se dá justamente pela humanidade, pela geração de Deus:

É ela quem o traz ao mundo, assim como Mãã dá a todos os nomes e formas ao mundo. Todos os Deuses vêm da Mãe: ela é a Mãe da Forma, ela é a Mãe dos nomes. Além dela, está a transcendência e, portanto, ela representa o que é transcendente, tudo o que é potencial, que está no futuro; ela é a fonte e o fim. (CAMPBELL,2020, p.275)

A Virgem Maria se assemelha as grandes Deusas citadas anteriormente no que se refere ser responsável pelo subsídio do futuro, da transformação e da salvação das pessoas. A concepção virginal de Jesus - como as pessoas ainda hoje acreditam - deu a Maria o status da mais pura Mãe já existente, elevando ainda mais o conceito da criação e de um exemplo a ser seguido.

Assuntos relacionados ao corpo, como a virgindade e a concepção virginal, conforme ocorrido no caso da sagrada Maria se referem a lendas e a metáforas usadas na antiguidade, referenciando a personalidades concebidas por deuses. Segundo Heinemann (1927, p. 41) nada há sobre tais feitos no Antigo Testamento, ou sequer na obra do primeiro autor do Novo Testamento. Metáforas são apenas citadas, brevemente, nos livros de Lucas e Mateus, referindo-se, não de maneira literal, mas em uma imagem expressiva que tal ato haveria de ter acontecido através do conceito de criação pelas mãos de Deus: “Os cristãos tomaram essa espécie de imagem ao pé da letra, no sentido biológico, não com relação aos deuses pagãos, mas ao seu próprio Deus cristão.” (HEINEMANN, 1927,

p. 43). Tal visão permanece até os dias de hoje no século XXI, e a virgindade feminina ainda é superestimada.

Em meio a um vigor patriarcal intenso, que por muito tempo apagou da história a presença e a simbologia de figuras femininas, encontramos a imagem da Virgem Maria:

No lugar de Isis enigmáticas, de Afrodite soou Vênus sensuais, de uma Hera ciumenta e perseguidora de Zeus eternamente infiel, da Juno apaixonada, da Deméter fecunda ou da noturna Perséfone, o dogmatismo interpôs a Mãe de Deus Filho, esposa do Espírito Santo e filha tardia de São Joaquim e Santa Ana, como marco absoluto de graça e pureza perfeitas, ainda que tivesse experimentado em seu mistério sagrado e elevado a dogma de fé a concepção, a gravidez e o parto daquele que seria o Redentor de nossos pecados. (ROBLES, 2019, P.297/298)

A partir de sua figura pura e casta, Maria se torna símbolo de bondade e louvor, instaurando uma vasta devoção para com a imagem feminina e com a beleza de sua maternidade, tão esperada e transformadora, elevando ainda mais os paradigmas impostos em relação a obediência feminina, um modelo universal a ser seguido.

As mais altas deusas e figuras femininas, sejam babilônicas, olímpicas ou das margens do Nilo, foram sendo esquecidas, mescladas ou substituídas por Maria, que apesar de mortal, mais próxima do povo, representava também o enlace divino com Deus e o Espírito Santo. A imagem da grande Deusa e outras protagonistas, sempre fortes e poderosas, foram dando lugar a uma personagem dócil e frágil, sutil em suas escolhas e alheia, era “o rosto da sabedoria, o silêncio e, acima de tudo, a misericórdia suprema.” (ROBLES, 2019, p. 299). Quanto maior era a exaltação da pura Maria, maior se restringiam os direitos de liberdade das mulheres na época, agora com um modelo tão único e aceitável.

Muitas foram as nomenclaturas usadas para definir Maria, a maioria insólita e difícil de se explicar, impossíveis, devemos dizer, pelos caminhos da própria história. Não há muitos relatos sobre a vida de Maria enquanto permaneceu na Terra, junto aos homens. E assim como todos os personagens femininos já citados, sua passagem se detém rodeada por mistérios dos quais até hoje não são elucidados, devido principalmente aos discursos imaculados nos quais sempre esteve inserida. Sua trajetória instaurou com veemência o impulso para a espiritualidade e para o sagrado, procurado pelos humanos desde tempos remotos, mas principalmente, sua postura concretizou, ainda mais, o acatamento por excelência e a uma submissão religiosa não questionada, pregada pela cultura cristã.

É visto que na Bíblia muito se fala sobre a relação do principal protagonista Jesus Cristo com as mulheres. Sempre cercado por figuras femininas, o mesmo não esbanjava

o desprezo e não repudiava seus atos como a maioria da população masculina, tais atos nem sempre foram aprovados e depois de sua morte:

Os seguidores de Jesus, no entanto, não o seguiram nesse ponto. Sua abertura as mulheres, o respeito que demonstrava por elas, foram substituídos depois de sua morte, por parte dos oficiais masculinos da Igreja, por uma mistura peculiar de medo reprimido, desconfiança e arrogância. [...] As mulheres muitas vezes os atingiam como a personificação das armadilhas do demônio. (HEINEMMAN, 1988, p.133-134)

Principalmente entre os celibatários, esse medo se estendeu de certa forma que as características envolvendo as mulheres da época poderiam ser atribuídas apenas a seres grotescos. Como inimigos morais, a figura feminina era a tentação para aqueles cujo propósito era manter o celibato. Um dos nomes que mais comumente encontramos nessa jornada e misoginia é Santo Agostinho, que se referenciava aos seres femininos como seres malignos e indignos (DELUMEAU, 2020, P.464) Mulheres foram proibidas de entrarem em igrejas e aquelas consideradas “desconhecidas”, como criadas, não podiam sequer entrar em casas de família. As únicas figuras que mais proximamente chegaram perto de serem aceitas, eram aquelas que perante a Deus faziam seu voto de castidade e se mantinham “puras”.

Maria foi uma figura a se sobressair em uma narrativa com tantos componentes masculinos. Sua figura transformou e consumou a tradição oriental sobre as mulheres e sobre seu ambiente familiar e social. Salve sua presença e a de outras não tão citadas sacerdotisas ao longo das páginas da Bíblia, que mostram uma transformação histórica, a imagem da mulher foi de certa forma apagada, sempre a sombra dos direitos sociais.

Outra figura também bastante comentada e problematizada em relação aos estudos bíblicos é Eva. Seu surgimento parte da criação do primeiro casal criado por Deus para que povoassem a terra, sua forma teria sido criada através da costela de Adão e assim considerada junto ao homem a imagem e semelhança de Deus. Segundos as narrativas bíblicas, Eva foi a responsável por cair na tentação do inimigo que revestido pela aparência de uma serpente, incentivou-a a comer do fruto proibido e assim ser tanto ela como Adão, banidos do paraíso por terem desobedecido as ordens divinas.

Eva é a primeira mulher relatada, representando a feminilidade do mundo, sua origem de uma parte do homem reflete a comunhão, que em teoria, refletiria a perfeita união, o espírito como macho e a alma como fêmea. Segundo o *Dicionário de Símbolos*:

Eva significa a sensibilidade do ser humano e seu elemento irracional. Na suposição de que só essa parte da alma tivesse sucumbido a tentação, as consequências do pecado não teriam sido trágicas; o drama surge do

consentimento dado pelo espírito e... por Adão. A ruptura entre Adão e Eva, seu desentendimento, e o fato de Adão rejeitar a responsabilidade do pecado, transferindo-a a Eva, provêm da inimizade que, daí em diante, separa a alma do espírito. (CHEVALIER & GHERRBRANT, 2019, p.410)

Sendo a “responsável” pelo pecado original, Eva não apenas foi posta como traidora das vontades de Deus como carregou o que podemos considerar toda a culpa que as outras gerações de mulheres viriam a suportar. Mesmo colocando em análise as metáforas de espírito e alma, para certos grupos, como a igreja, Eva sempre representaria a mulher de carne e osso, pecadora e indigna.

Ao contrário de Maria, que personificava a bondade universal, Eva foi taxada como aquela responsável pela dor do mundo, que através de seu ato egoísta e desrespeitoso ao comer do fruto da árvore da sabedoria, condenou toda a humanidade a uma vida de trabalho e morte. Além disso, a mesma atendeu ao chamado do diabo, eterno inimigo de Deus, provando as imperfeições de um ser forjado para ser modelo. É provável que esse contraste entre Maria e Eva não se dê ao acaso, mas sim como parte de um processo que deixa explícito a bondade e a maldade da mulher, sendo Maria e Eva uma das maiores dualidades representativas do ser feminino.

Eva é normalmente relacionada a tentação, sobre todos os efeitos, é ela quem seduz e desvirtua Adão de seu caminho, mostrando a sensualidade como arma, fator que muitos teólogos associaram a cobiça. Forjada de toda a simbologia negativa:

Eva foi o começo e mãe do pecado. Ela significa para seus infelizes descendentes a expulsão do paraíso terrestre. A mulher é então doravante “a arma do pecado”, “a corrupção de toda lei”, a fonte de toda perdição. Ela é “uma fossa profunda”, “um poço estreito”. “Ela mate aqueles a quem enganou”; “a flecha de seu olhar transpassa os mais valorosos”. Seu coração é “a rede do caçador”. É “uma morte amarga” e por ela fomos todos condenados ao trespasse. (DELUMEAU, 2020, p.482)

Ao lembrarmos de Lilith, personagem que haveria de ter sido a primeira mulher de Adão—Conforme o mito— notamos que na verdade em muito se assemelham. A criação de Eva se dá para que essa se tornasse esposa de Adão e mãe daqueles que futuramente povoariam o mundo. No entanto, assumindo uma própria força moral e de escolhas, Eva assim como Lilith contradiz o que estava fadada a fazer e renega a posição da qual estava destinada. Camille Paglia reflete sobre a natureza de Eva e sua aparição na Bíblia:

A Bíblia tem sido atacada por fazer da mulher a responsável pela queda no drama cósmico humano. Mas ao pôr um conspirador masculino, a serpente, como inimigo de Deus, o Gênesis se precavê e não leva sua

misoginia longe demais. A bíblia desvia-se do verdadeiro adversário de Deus, a natureza ctônica. A serpente não está fora de Eva, mas nela. Ela é o jardim e a serpente. [...] O Diabo é a mulher. Os movimentos de emancipação modernos, descartando estereótipos que impedem o avanço social da mulher, recusam-se a reconhecer o daimonismo da procriação. A natureza é serpentina, um leito de cipós entrançados, plantas trepadeiras e rastejantes. (1992, p.22)

Os relatos acerca de Eva também a relacionam a própria Deusa, personificada em forma humana. Considerada naturalmente cortesã capaz de transformar a natureza em seu contrário, assim como lidar com o bem e o mal. Herdando o caráter das deusas pagãs, Eva como representante de todas as outras mulheres, é considerada a menos racional, culpada pela queda da humanidade, um indivíduo diabólico que dotado de sexualidade, se curvou as forças malignas e ao prazer carnal, e é acima de tudo, o exemplo perfeito das concepções duais que não se contrapõem, pois são complementares ao ser.

Outras figuras também aparecem na bíblia com algum destaque. Podemos citar Maria Madalena, suposta prostituta que ao ser acolhida por Jesus, passa a segui-lo e adora-lo como uma das mais fiéis apostolas. Sua figura é mencionada nos quatro evangelhos oficiais da Igreja Católica, onde apesar de contestar a tradição judaica, era posta como mensageira e confidente de Jesus. No entanto, é claro que devido a situação da mulher na época não haveria de existir, pelo menos não oficialmente, um evangelho escrito pela mesma. Até os dias de hoje muitas especulações populares são feitas, refletidas até mesmo em obras de ficção e no mercado cinematográfico como o caso da obra *O Código Da Vinci* (2003) escrito por Dan Brown, sobre a teoria da mesma ter sido, na verdade, indo contra centenas de anos históricos e todo um sistema cristão, não uma prostituta como a chamam, mas sim a mulher de Jesus Cristo, mãe de seus herdeiros.

Sejam quais forem suas nomenclaturas e a forma como foram expostas na história, imaculada e moralmente aceita, aquelas que carregam a culpabilidade e a simbologia do pecado, ou até mesmo por aquelas que nunca tiveram suas histórias contadas e foram simplesmente apagadas e esquecidas, foram forjadas por arquétipos que simbolicamente representaram e representam a natureza desse mundo, como aborda Erich Neumann:

O terreno tem que ser sacrificado em nome do Céu, porque a Terra “humana”, é, desde o princípio, a Terra decaída e corrupta. E a Terra, a Serpente da Terra, a Mulher e o mundo dos instintos, representados pela sexualidade, são maus sedutores e amaldiçoados, e o Homem, que em virtude de sua natureza essencial realmente pertence ao Céu, é aquele que é somente seduzido e enganado. (2019, p. 165-166)

Ao contrário da mãe de Deus, que assertivamente representa o melhor exemplo a ser seguido, outras formas femininas sempre são fadadas a representar seus instintos

“incontroláveis” e “perigosos”. Nesse sentido, Galadriel apesar de ser comparada a Virgem Maria por alguns estudiosos e comentadores a serem citados posteriormente, representa de maneira sutil um ser decaído em suas próprias escolhas.

Para além da bíblia, histórias e mais histórias surgem, vários gêneros literários são criados e se fixam nas culturas de todos os povos. A princesa ganha destaque e a rainha má também, ambas representantes da figura feminina, como veremos a seguir.

2.6 ERA UMA VEZ NOS CONTOS DE FADAS: A PRINCESA ENCANTADA E A BRUXA MÁ

Dentre tantos gêneros literários com personagens e espaços propícios para a análise das personagens femininas, não poderíamos deixar de ressaltar os contos de fadas. Transformados e repaginados ao longo do tempo para melhor se adequarem a públicos específicos, os contos que antes causavam terror, passam a ser voltados para as crianças. Tais narrativas ainda são constantemente difundidas através de livros, filmes, histórias populares e é possível perceber que ao longo dos anos estudos relacionados a literatura infantojuvenil, tem ganhado espaço no âmbito acadêmico.

Nesta seção do nosso trabalho, abordaremos duas figuras femininas que mesmo com características opostas, podem ser vislumbradas em Galadriel. Apesar de o estereótipo da princesa e da rainha má, juntamente com seu espaço geográfico e seus anseios dentro da narrativa terem sido reestruturados por Tolkien para que melhor se adequassem a sua proposta, sutilmente muito se assemelha.

O hábito de contar histórias, em sua maioria na oralidade, é um hábito cultural reminescente dos tempos mais remotos, que demonstra não só a capacidade comunicativa do ser humano em passar histórias de geração em geração de forma a deixá-las atemporais, mas também demonstra a maneira como esses mesmos indivíduos se organizam e enxergam o mundo ao seu redor. A nomenclatura “Contos de fadas”, surge da cultura céltico-bretã (MENEZES, 2017, p.9), devido a crença nas fadas e em outros seres maravilhosos, figuras que se acentuaram nas narrativas e no imaginário coletivo das pessoas.

Tais narrativas ganham vida em páginas escritas a partir da Idade Média onde há, de fato, uma distinção entre crianças e adultos (CASTRO, 2016, s/p). Em um mundo hoje, contemporâneo, compreendemos as necessidades construtivas do que na época, nem sequer era denominado infância. Por essa e outras razões escritores como os irmãos Grimm

fizeram adaptações nos contos para que esses não mais possuíssem cenas sangrentas e ou violentas.

Além do próprio ato de prazer, a leitura dos contos de fadas conta com uma sistemática estrutura moralizante, sendo idealizada para crianças ou não, suas narrativas nem sempre tão fantasiosas reafirmam o ser humano em suas concepções:

Por meio das histórias, lançam-se pontes para outros tempos – vividos e a viver, sonhados ou rememorados – e outros espaços, próximos ou muito longínquos. As histórias ou narrativas são elos de uma corrente que mantêm o homem em sua humanidade. (MICHELLI, 2020, p.29)

Visitando contos antigos conseguimos vislumbrar práticas relativas à época em que cada um circulou. As regras sociais até então seguidas pela população e transpostas para as páginas de livros na intenção de continuarem sendo empregadas, mostram a divisão do que era considerado bem e mal, da mesma forma o que deveria ser exemplo e o que deveria ser punido, no entanto muitos desses conceitos não mais cabem em nossa sociedade atual. Essas práticas mencionadas, deixam bem claras as distinções entre homens e mulheres, divisões essas que na época eram muito bem sistematizadas. Arraigadas em um sistema patriarcal, a mulher dos contos de fadas antigos, representando toda a classe, possuíam os papéis de mães, esposas e donas de casa. Deveriam ser gentis e muito bem-comportadas, ao contrário dos homens que deveriam, a todo custo manter uma postura viril e protetora.

Mesmo que em muitos casos a personagem feminina seja o protagonista da narrativa, sua figura é subjetivada em relação ao homem em um estereótipo que perpetua:

Em uma sociedade estritamente patriarcal, a figura das princesas como reflexo da Anima de seus narradores reproduz há séculos um ideal que nunca se encaixou – e agora muito menos – na real versatilidade e independência das mulheres. Como foi dito antes, adultos não se interessavam pelo conteúdo dos contos de fadas, mas ao analisarmos detalhadamente algumas histórias, perceberemos que está em nossas mãos perpetuar ou interferir na opressão e submissão. (MENEZES, 2017, p. 12)

Personagens femininas que desempenham um papel superficial e previsível, no qual devem ser contidas em relações a suas ações e emoções, sempre descritas como belas e na maioria das vezes rodeadas por tragédias e angústias que somente o amor—e consequentemente um homem— podem salva-las.

O casamento se apresenta nos contos de fadas como elemento salvador, único meio de se obter a felicidade e a libertação da jovem princesa. De outra forma, além de continuar em sua vida de angústias e tormentos, a imagem da donzela estaria fadada a privação de bens materiais e consequentemente da exclusão social. Em sua obra *O*

segundo sexo: a experiência vivida (1980), Simone de Beauvoir traz reflexões sobre as relações de poder e os laços econômicos dos quais o casamento enquanto acordo trazia:

Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. (BEAUVOIR, 1980a, p.7)

Dessa maneira, o casamento como assim expresso nos contos de fadas está relacionado diretamente a dignidade social da personagem feminina, que ainda naquele contexto possuía o laço matrimonial como uma espécie de carreira honrosa. Além do casamento, é comum dos contos de fadas tradicionais embelezar as atividades domésticas como elemento moralizante da mulher. Essa personagem feminina, no entanto, também necessita ser salva de seu destino miserável, mostrando que tais atos são uma espécie de punição e que somente a figura masculina do príncipe encantado poderia mudar sua realidade.

Intrinsecamente ligadas as tradições, as histórias denominadas contos de fadas retomam valores ideológicos de cada sociedade, e é por isso que encontramos normalmente, nos contos que se consolidaram no século XIX, o constante destaque da figura masculina como herói, e a obediência ao que consideravam sagrados em sua cultura. Portanto, também se destaca dentro das narrativas, a punição para os personagens com condutas erradas e a premiação para aqueles que exaltavam os valores morais necessários.

Desta forma, é possível entender o papel da rainha má, da madrasta e de todas as outras figuras femininas que dentro das narrativas se colocam contra a estrutura moral imposta. Nomeadas como feiticeiras, bruxas, desleais e outros termos negativos, temos uma figura que em muitos contos é dotada de poderes mágicos que usa para o mal. Não se limita aos afazeres da casa, e sendo solteiras ou viúvas, sempre deixam claro o papel de uma mulher que sem a figura masculina ao seu lado não se encaixa socialmente. Essas personagens femininas se destacam principalmente pela relação de contraste com a princesa, não são passivas como a mesma, não buscam a figura do herói para sua salvação, mas se colocam como figuras instintivas e prontas para romper barreiras, recebendo sempre uma conotação ruim e um fim trágico. Abordando não apenas os contos de fadas, mas um panorama geral da figura feminina na literatura, DELUMEAU (2020, p.514) cita uma coletânea de ditados encontrados em suas pesquisas que parecem uma espécie de justificativa para a posição de personagens femininos:

Em uma época em que, de alto a baixo da sociedade, exalta-se mas também se teme ao extremo o poder da palavra (pensemos na maledicência que macula a honra, no interesse pela retórica, na ação dos pregadores), as pessoas inquietavam-se vivamente com a tagarelice feminina que os homens devem esforçar-se em controlar [...] O desprezo é frequentemente duplicado por verdadeira hostilidade em relação a um ser considerado enganador, irreversível e maléfico. A esse respeito, os provérbios retomam, sob a forma de acusações lapidares, o discurso dos celibatários (masculinos) da Igreja. “Coração de mulher engana o mundo, pois tudo nele é malícia.” “Mulher e vinho têm seu veneno.” “Mulher é mãe de todo dano, dela vem todo o mal e todo engano.” “o olho da mulher é uma aranha.” “Uma boa mulher, uma boa mula, uma boa cabra são três animais maldosos.” “Mulheres são muito ardilosas, e por natureza, perigosas.” Assim, a temível sabedoria das sentenças estabelece um elo entre o elemento feminino e o mundo infernal: “Mulher sabe arte antes do diabo”. (DELUMEAU, 2020, p. 514)

Tais ideais errôneos em relação ao feminino, perpetuados em páginas literárias, retratam também historicamente a violência e preconceito sofridos. Como fonte de tradição, de cultura, os contos mostram a forma como as coisas eram, não exatamente a forma com que devemos proceder, e é por isso que pesquisas científicas e a própria educação de crianças e adolescentes que tem como base tais histórias devem refletir criticamente para que tais conceitos tão validados e repassados não mais compactuem na desigualdade de gênero. Jean Delumeau prossegue em seu discurso sobre outras facetas representativas do ser feminino e que muito se assemelham ao que já comentamos sobre a posição submissa das princesas nos contos de fadas:

Na estampa, a mulher é ainda a que fia e que tece; a que tira água da fonte; a que cozinha; a que cuida dos doentes e dá aos mortos os últimos cuidados corporais. Mas todas essas ocupações conferem-lhe um papel menor a sombra do homem. No entanto—sendo as alegorias medievais substituídas pela iconografia arcaizante—a forma feminina, mais plástica que a silhueta masculina, é utilizada preferencialmente para personificar abstrações: a Castidade, a Verdade, a Caridade, a Natureza, a Majestade, a Religião, a Sabedoria, a Força. (2020, p. 515)

Vendo a necessidade de mudanças nestes quesitos, temos em contos contemporâneos como *A fada de tinha ideias* (1971), de Fernanda Lopes de Almeida, personagens femininas que fogem do padrão que tínhamos até anos atrás, princesas que não são mais submissas, alienadas ou assexuadas. Com competência para lutar por si mesmas, as representações femininas dos contos de fadas atuais, tem se mostrado de extrema importância na luta pelos direitos da mulher, mostrando para crianças e adultos que a cultura do sofrimento, de se sacrificar pelo bem da casa e do marido, de mostrar que a aflição recompensada pelos castelos e bem matérias não mais tem vez.

Concluído nosso capítulo basto de seres femininos e suas características, partiremos para a análise que nos propomos nesse trabalho. Como um dos seres femininos mais notórios do *legendarium* de Tolkien, Galadriel muito se conecta às personagens previamente mencionadas e nossa próxima passagem se dedica a relatar e averiguar seu processo de construção enquanto deusa.

3. A JORNADA DE GALADRIEL E SUA TRANSFORMAÇÃO EM DEUSA

J. R. R. Tolkien dedicou boa parte de sua vida aos estudos da filologia e da mitologia da Europa. Como resultado dessa carreira, além de ensaios e obras críticas ele também escreveu diversas obras fantásticas - algumas publicadas posteriores a sua morte - que conquistaram milhões de leitores e leitoras ao redor do globo ao longo dos séculos 20 e 21. A influência de Tolkien, porém, não se restringiu apenas ao público leitor, mas se estendeu à própria estrutura da fantasia moderna, influenciando novos escritores e escritoras de fantasia. Como salienta Brian Attebery sobre este ponto:

A trilogia *O senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien, comparado a outros trabalhos, é uma realização de tal magnitude e afirmação que parece ter reformulado todas as definições da fantasia para poder nela se incluir. De fato, nenhuma obra importante de fantasia escrito após Tolkien está livre de sua influência, ... (1980, p. 10).

Em relação a construção da personagem, encontramos muitos aspectos da mesma em outros seres, breves alusões que podem ter influenciado ou não o autor em seu momento de criação. David Day aponta semelhanças em relação ao conto da Branca de Neve, originário da tradição oral alemã, compilado e publicado em 1812 pelos irmãos Grimm, e o reino encantado de Lothlórien. A floresta onde a rainha Galadriel reside abriga basicamente todos os elementos encontrados do conto (DAY, 2003, p.59), termos como: “Floresta encantada”, “Bela donzela” e “Rainha do espelho mágico” são facilmente encontrados em passagens que se referem ao lar de Galadriel. No primeiro volume da trilogia *O Senhor dos Anéis (1954)*, tal espaço fantástico é descrito:

Os outros se jogaram sobre a relva cheirosa, mas Frodo continuou de pé por uns momentos, ainda pasmo e admirado. Tinha a impressão de ter atravessado uma janela alta que dava para um mundo desaparecido. Havia uma luz sobre esse mundo que não podia ser descrita na língua dele. Tudo o que via parecia harmonioso, mas as formas pareciam novas, como se tivessem sido concebidas e desenhadas no momento em que lhe tiraram a venda dos olhos, e ao mesmo tempo antigas, como se tivessem existido desde sempre. Frodo não viu cores diferentes das que conhecia, dourado e branco e azul e verde, mas eram novas e pungentes, como se naquele mesmo momento as tivesse percebido pela primeira vez, dando-lhes nomes novos e maravilhosos. Naquela região, no inverno, ninguém podia sentir saudade do verão ou da primavera. Não se podia ver qualquer defeito ou doença ou deformidade em cada uma das coisas que cresciam sobre a terra. Não havia manchas na terra de Lórien. (TOLKIEN, 2002, p. 372)

Um espaço tão encantado só poderia abrigar seres também a altura. Ainda no conto da Branca de Neve, dois personagens femininos se destacam: O primeiro deles é a linda princesa, frágil, gentil, dotada de extrema bondade e compaixão, a vítima. A segunda é a rainha má, fria, impiedosa, seus planos se sobressaem acima de tudo e todos, uma feiticeira que junto ao seu espelho mágico tenta transformar seus desejos em realidade.

Como Tolkien gostava de brincar com os contos clássicos e acreditava fielmente que os mesmos não deveriam ser aquilo que esperávamos evidentemente que fossem, pois comportavam “aventuras temerárias” (TOLKIEN, 2006, p.9), a rainha má se torna em sua versão a guardiã da floresta. É em Lothlóren que viajantes procuram cura e proteção, Galadriel apesar de muito política e gentil, revela muito mais em sua relação com a rainha má. É governante, rebelde, possui um espelho que mostra de fato os desejos, previsões, daqueles que o olham e sobretudo, Galadriel abriga suas próprias ambições dentro da trama.

Galadriel pode ser vista como uma profetiza ou feiticeira, tanto pelo dom de penetrar na mente alheia quanto pelo objeto místico que possui. Espelhos mágicos tem sido usados durante gerações em obras fantásticas, estão associados a magia e apesar de serem objetos comuns hoje em dia, eram difíceis de serem encontrados a séculos atrás além de extremamente caros para se obter. Segundo David Colbert:

... As vezes as pessoas acreditavam que o espelho havia capturado suas almas. Mas o mesmo conceito de poder mágico atraía os feiticeiros, que olhavam fixamente para um espelho até que sua visão se embaçasse, esperando que aparecessem visões do futuro. (2002, p.70)

Outras superstições associadas a espelhos foram reproduzidas ao longo das décadas como: não incentivar jovens garotas a olhá-los pois poderiam ver o demônio,

cobrir os espelhos presentes no recinto caso uma pessoa viesse a falecer ou estivesse muito doente, ou até mesmo associar um espelho quebrado a sete anos de azar (SIMPSON & ROUND, 2000, p. 241).

O espelho de Galadriel é o que chamamos de Oráculo, um objeto ou pessoa capaz de revelar o futuro. Presentes em muitas histórias da cultura popular, principalmente as que se referem a Grécia antiga, esses símbolos eram os responsáveis por orientar os heróis em suas jornadas, suas palavras eram altamente difundidas. Não é surpresa que o objeto seja posse de uma personagem feminina nas obras de Tolkien, já que o dom da profecia e da “visão” mitologicamente está associado a mulher e a sua relação com o universo.

As imagens refletidas ali estão sujeitas a interpretações, falha recorrente dos oráculos que existiram na vida real, o que era dito poderia ser facilmente mal interpretado, as vezes capaz de cegar completamente o indivíduo pela sua devoção. Galadriel oferece que dois dos protagonistas da jornada do anel olhem em seu espelho:

Embaixo, sobre o pedestal pequeno entalhado como uma árvore cheia de ramos, ficava uma bacia de prata, larga e rasa, e ao lado dela se via um jarro de prata. Com a água do riacho, Galadriel encheu a bacia até a borda, e soprou sobre ela; quando a água estava parada novamente, ela falou: – Este é o espelho de Galadriel – disse ela. – Trouxe-os aqui para que possam examiná-lo se quiserem. [...] –Posso ordenar ao Espelho que revele muitas coisas– respondeu ela. – E para algumas pessoas posso mostrar o que desejam ver. Mas o espelho também revelará fatos que não foram ordenados, e estes são sempre os mais estranhos e compensadores do que as coisas que desejamos ver. O que você verá, se permitir que o Espelho trabalhe livremente, não posso dizer. Pois revela coisas já passadas, coisas que estão acontecendo, e as que ainda podem acontecer. Mas o que ele vê, nem mesmo o mais sábio poder pode dizer. (TOLKIEN, 2002, p. 384)

Durante o processo, apenas quem está olhando fixamente para a água consegue ver o que o espelho mostra, mas isso não impede que a Senhora Galadriel também saiba, cortesia de seus poderes.

Além de seus dons psíquicos e daqueles também trazidos pelo espelho, não podemos esquecer que Galadriel é acima de tudo um ser natural e que a mesma muito se assemelha as antigas tradições das Deusas-Mãe. Se analisarmos a cultura de povos antigos como os celtas e os gauleses, claramente notamos a veracidade com que atribuíam a natureza em sua fé, rogavam para as divindades naturais e destinavam seus pensamentos na crença de seres elementais. Da mesma forma, Galadriel é símbolo de sabedoria e é sempre consultada por outros personagens que procuram seus conselhos. Seu povo deposita sua fé na mesma, como sua guardiã e protetora.

Sua relação com o natural e a forma com que seu próprio reino se configura, faz também alusão a outros seres elementais: as damas brancas. Encontradas nas antigas tradições dos povos gauleses, esses seres femininos, considerados os espíritos mais encantadores das florestas e que muito se assemelhavam aos elfos de Tolkien e seu amor pela luz das estrelas. Como cita David Day:

Todos adoram caminhar pela floresta sob o céu estrelado. Assim como os elfos de Tolkien, elas também são vistas pelos mortais como possuidoras de olhos que mais parecem estrelas e de corpos que brilham com a luz. Essas antigas ninfas celtas das florestas e das águas eram guardiãs de fontes sagradas, poços e gargantas escondidas em algum vale profundo da floresta. (DAY, 2003, p.48)

Geralmente associadas à beleza e à juventude, as damas brancas, ou ninfas -como também são conhecidas- residiam em palácios de cristais, locais brilhantes e majestosos sob as águas ou rodeados por elas, seu reino era atemporal. As ninfas das quais estamos nos referindo são as da categoria *Náiade*, ou seja, as ninfas das águas doces: “Crineias: ninfas das fontes. Pegeias: ninfas das nascentes. Potâmides: ninfas dos rios. Limenides ou Limnades: ninfas dos lagos. Heleiades ou Heleionomos: ninfas dos pântanos.” (GALAHAD, 2018, s/p). Assim como as ninfas, Galadriel é bela e tem a aparência jovem apesar de sua real idade. Da mesma forma, Lothlórien parecia refletir sobre o sol como se as árvores fossem feitas de diamante, um lugar onde o tempo não passava.

Outra característica também importante a se mencionar sobre Galadriel é sua bondade. Enquanto leitores e leitoras, não é difícil encontrarmos passagens nas obras escritas por Tolkien que exaltem o quão sabia e bondosa a rainha élfica é, para com todos os povos. Tolkien ressalta que:

Galadriel, a maior dos eldar que sobreviviam na Terra-média, tinha sua principal potência na sabedoria e na bondade, como diretora ou conselheira no combate, inconquistável na resistência (em especial na mente e no espírito), mas incapaz de ação punitiva. (TOLKIEN, 2009, p.593)

Apesar de seu porte físico intimidador como citamos no capítulo I deste trabalho, seus um metro e noventa e três centímetros de altura que também fazem relação com as deidades celtas e outras deusas antigas, não ameaçam aqueles que a conhecem. Galadriel é forte de mente e corpo, no entanto sua jornada não se baseia nos campos de batalha, no derramamento de sangue. A mesma cria estratégias, aconselha, influencia e lidera, sem se envolver diretamente no combate físico.

Boa parte do público leitor de J.R.R Tolkien já deve ter se questionado sobre a posição da elfa em relação aos combates que acontecem nas obras, ou imaginado cenários

onde Galadriel apareceria em meio a alguma das batalhas sangrentas, iluminada por uma luz branca e invocando o poder de seu anel Nenya para destruir o senhor da escuridão. Uma bela imagem, de fato, no entanto, a mais considerável exposição da elfa na linha de frente se dá quando seu povo é diretamente ameaçado pelas forças de Sauron.

O confronto a distância prevalece e segundo Cristina Casagrande, o encontro com a elfa: “tem a simbologia do embalo do colo materno, que faz com que aquelas criaturas, cansadas e frustradas renovem suas energias, como se renascessem para prosseguir com a jornada.” (2019 pag. 317. Além disso a forma como Galadriel é descrita, seu caminhar calmo, o longo vestido branco assim como seus longos cabelos loiros que parecem sair do mais puro e brilhante conto de fadas, mostram uma simetria e uma feminilidade explorada racionalmente pelo autor para que surgisse esse efeito quando nos deparamos com ela, a melhor versão do corpo feminino, a visão de uma mãe.

Apesar de estudiosos como Cristina Casagrande (2019, p.303), David Cobert (2002, p.66) e Ricardo Gouvêa (2011, p.26), relacionarem as narrativas de Tolkien a uma visão católica e agregarem a seus personagens uma bagagem religiosa pelo fato de Tolkien ser um católico praticante, não há religiões em suas narrativas. Em uma carta destinada ao Padre Robert Murray, em 2 de Dezembro de 1953, o autor comenta sobre ‘a compatibilidade com a ordem da graça’ que o padre havia sentido ao ler a obra, além de ter encontrado traços da Virgem Maria em Galadriel:

Acredito que sei exatamente o que você quer dizer com ordem da Graça; e, é claro, com suas referências à Nossa Senhora, sobre a qual toda a minha própria pequena percepção da beleza, tanto em majestade como em simplicidade, é fundamentada. O Senhor dos Anéis obviamente é uma obra fundamentalmente religiosa e católica; inconscientemente no início, mas conscientemente na revisão. E por isso que não introduzi, ou suprimi, praticamente todas as referências a qualquer coisa como “religião”, a cultos ou práticas, no mundo imaginário. Pois o elemento religioso é absorvido na história e no simbolismo. Contudo, está expresso de modo muito desajeitado e soa mais presunçoso do que percebo. (CARPENTER, TOLKIEN, carta 142)

Não encontramos cultos, rituais ou expressões de religiosidade nas obras de Tolkien. Como dito pelo próprio, é possível encontrar em suas narrativas uma cosmovisão embasada no sagrado diluída pela própria obra de fantasia, na beleza da própria arte. Além o Padre Murray, outros também encontraram aspectos parecidos em relação a Galadriel e a Virgem Maria:

Galadriel é paradoxalmente exaltada por ser capaz de ser humilde. Se há alguma verdade em ressaltar que a figura de Galadriel foi moldada na Virgem Maria (Apesar de ser claramente, mesmo que Tolkien não

tenha dito, também na tradicional imagem da 'Fada Rainha') o paralelo se encontra precisamente nesse paradoxo de poder, humildade e renúncia. (CROFT & DONAVAN, 2015, p.3456, tradução nossa)⁷

Mesmo que ambas sejam bondosas e talvez até mesmo fisicamente parecidas, as relações se encerram aí. Galadriel não é a figura da perfeição e humildade, sua trajetória está embasada principalmente nas consequências de seus atos tomados pelo orgulho e muitas vezes arrogância. A comparação com a fada rainha se relaciona melhor ao contexto criado pelo autor, uma vez que encontramos claramente referências pagãs em sua escrita. Galadriel não acata ordens ou se subordina a outros elementos de poder, o que foge totalmente do padrão estético vigente na bíblia. Galadriel não é pacata ou submissa. Em uma de suas cartas, Tolkien responde para a senhora Ruth Austen sobre seus questionamentos a respeito de Galadriel:

Fiquei particularmente interessado em suas observações sobre Galadriel... Creio que seja verdade que devo muito desta personagem ao ensinamento e imaginação cristãos e católicos sobre Maria, mas na verdade Galadriel era uma penitente: em sua juventude uma líder na rebelião contra os Valar (os guardiões angelicais). (Cartas de J. R. R. Tolkien. (carta 320), 1981, p. 385)

A jornada de Galadriel desde o momento em que deixa sua terra natal na obra *O Silmarillion* (1977), até o momento em que é apresentada pela última vez nos portos cinzentos no último livro da saga *O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei* (1955), retornando para o local onde tudo começou, mostram que a mesma não é uma personagem que seguiu padrões estéticos femininos comumente usados na época, como uma dama perfeita e ideal. Nem mesmo podemos dizer que sua figura foi usada para os realces de arquétipos femininos perfeitos e domáveis. Sua estadia na Terra-Média não está baseada na paz interior de um ser angelical, mas nos conflitos interiores de um ser em transformação.

Durante sua juventude em Valinor, Galadriel já dava indícios de sua vontade de partir, não existia ódio ou mágoas entrelaçados em seus desejos. A elfa conhecia as belezas de sua terra, confiava na proteção dos Valar. Entretanto, também conhecia sua própria força e o que poderia fazer se completasse seus planos:

7 Galadriel is paradoxically exulted because she is willing to be humbled. If there is any truth to Tolkien's own later claim that figure of Galadriel was modeled on the Virgin Mary (though she is clearly, as Tolkien does not say, also modeled on the traditional figure of the 'Fairy Queen'), the parallel is to be precisely found in this paradoxical mixture of power with humility and renunciation (CROFT e DONOVAN, 2015, p. 3456).

Galadriel nasceu na bem-aventurança de Valinor, mas não passou muito tempo, pela contagem do Reino Abençoado, até que esta minguisse; e daquele ponto em diante ela não teve paz interior. Pois naqueles tempos difíceis, em meio à contenda dos noldor, ela era arrastada de um lado para o outro. Era orgulhosa, forte e voluntariosa, assim como todos os descendentes de Finwe, salvo Finarfin; e como seu irmão Finrod, o mais próximo ao seu coração de toda a família, tinha sonhos de terras longínquas e domínios que poderiam lhe pertencer, para governá-los como quisesse, sem tutela. Porém ainda mais fundo habitava nela o nobre e generoso espírito dos vanyar, bem como uma reverência pelos Valar que não podia esquecer. (TOLKIEN, 2009, p.371)

Galadriel sonhava não apenas em governar seu próprio reino, da sua maneira, mas em ser propriamente reconhecida como líder. O fato de ter se mudado bastante enquanto ainda jovem, devido a guerra de seu povo, talvez tenha sido o marco mais importante para que surgisse na mesma a forte vontade de partir, rumo ao desconhecido, rumo a um novo lar e rumo aos mistérios envolvendo a sua própria necessidade de evolução.

Como Tolkien bem expressou, Galadriel sempre possuiu personalidade forte e um tom rebelde se arriscando e desacatando ordens superiores, ainda assim seu respeito pelos Valar- soberanos dos elfos- é exposto na narrativa e mantido intacto até a última passagem que Tolkien escreveu sobre ela. Na obra *O Silmarillion* (1977) que conta sobre a partida dos elfos, Galadriel segue junto a comitiva de Fëanor, seu tio, na rebelião proposta por ele. No entanto, nossa elfa em questão não compadecia dos mesmos objetivos e rivalizava contra o seu familiar pela sua maneira de agir: “Nele, ela percebia uma escuridão que odiava e temia, embora não se desse conta de que a sombra do mesmo mal recaía sobre a mente de todos os noldor, e sobre a sua própria.” (2009, p. 372). Essa sombra comentada, se estende sobre a figura de Galadriel durante toda a trajetória da personagem, pronta para assumir o controle e fazê-la se tornar impiedosa e maligna como ocorreu com Fëanor.

Fëanor se rebela contra os Valar em um momento de fúria e através de seu dom com as palavras, influencia muitos a aderirem sua causa. Seu discurso, carregado de palavras hostis não chama a atenção de Galadriel por enxergar que o mesmo seria um bom novo líder para seu povo, mas porque encontrou no próprio Fëanor, a opção e os meios de partir:

- Ó povo dos noldor, por que deveríamos continuar a servir aos invejosos Valar, que não conseguem proteger nem a nós nem a seu próprio reino, do Inimigo? E, embora ele agora seja seu adversário, não é verdade que Morgoth e eles são da mesma linhagem. A vingança exige que eu parta; mas, mesmo que não fosse assim, eu não moraria mais na mesma terra que a família do assassino de meu pai e ladrão de meu tesouro. Não sou, porém, o único valente neste povo destemido. E

vocês todos não perderam seu Rei? E o que mais vocês não perderam, encurralados aqui numa terra estreita, entre as montanhas e o mar. (TOLKIEN, 2019, p.122)

Apesar das palavras proferidas terem convencido Galadriel a partir junto a Fëanor, sua confiança nunca foi depositada nele, e por isso não ousou jurar pela sua causa, pois como já mencionado, seus motivos para partir não se relacionavam a sentimentos adversos em relação aos Valar, mas em seus planos individuais de conquista. Queria novas terras, novos horizontes. Fëanor encontrava em Galadriel um oponente a sua altura, apesar de parecidos em relação a poder, não compactuavam das mesmas ideias. Em seus últimos escritos sobre a Terra-Média e Valinor, datando de seus últimos meses de vida, Tolkien escreveu justamente a respeito da relação dos dois elfos, salientando o quão poderosa Galadriel já era no momento em que resolveu partir para a Terra- Média. Muito antes de a mesma se unir a Fëanor, ela teria se oposto a ele de todas as maneiras, já que extremamente talentosa via no novo espaço a oportunidade de mostrar seus talentos já que era “brilhante na mente e veloz na ação” (TOLKIEN, 2009, p. 374).

Tolkien criou Galadriel para que parecesse-pelo menos a priori- um ser implacável, uma deusa natural capaz de grandes feitos sem muitos esforços, é por isso que até mesmo o mais singelo fio de cabelo de sua cabeça poderia ser retratado como fonte de poder. Seus cabelos eram dourados como os de seu pai, os fios pareciam ser do mais puro ouro, muitos ousavam dizer que neles haviam a lembrança da luz das duas árvores Laurelin e Telperion, aquelas responsáveis por trazerem a luz e os poderes daqueles que ali reinavam. Muitos acreditavam inclusive que os cabelos de Galadriel teriam sido a inspiração para que Fëanor criasse as Silmarils, joias de extrema beleza que aprisionavam em si parte da essência das duas árvores:

Fëanor contemplava o cabelo de Galadriel com maravilha e deleite. Três vezes implorou por um cacho, mas Galadriel não lhe deu nem mesmo um fio de cabelo. Esses dois parentes, os maiores dentre os eldar de Valinor, ficaram sendo inimigos para sempre. (TOLKIEN, 2009, p.371)

E assim o impasse entre os dois persistiu até o momento em que se separaram na jornada rumo a Terra-média, dois seres imbatíveis não dispostos a abaixarem a guarda. Certamente que o orgulho de Galadriel é uma das principais características a se ressaltar na personagem, ponto chave para descrever suas decisões na narrativa e desencadear o desdobramento que a faz se tornar o ser apresentado na última obra da trilogia *O Senhor dos Anéis* (1954).

Ainda em sua terra natal, os Valar dão ordens para que todos os elfos permaneçam, que nenhuma punição seria dada. No entanto, sedentos pelas vontades passadas por Fëanor, os Noldor seguem com o plano e partem para longe da proteção de seus superiores. Quando acontece a guerra entre os Noldor e os Teleri -cortesia dos pensamentos enlouquecidos de Fëanor- muitos lutam ao lado de Galadriel em vingança aos seus entes queridos. Após o derramamento de sangue e de sua partida do local, sua caminhada é interrompida abruptamente por uma figura de voz forte, posta em cima de um rochedo a pedido dos valar, o mensageiro recita a maldição conhecida como ‘Profecia do Norte e a Condenação dos Noldor’:

Vocês verterão lágrimas sem conta; e os Valar cercarão Valinor para impedi-los de entrar. Ficarão de tal modo isolados, que nem mesmo o eco de suas lamentações atravessará as montanhas. Sobre a Casa de Fëanor, a ira dos Valar se abate, desde o oeste até o extremo leste, e sobre todos aqueles que se dispuserem a acompanhá-los. O Juramento que fizeram os motivará, e ao mesmo tempo os trairá, arrancando de suas mãos os próprios tesouros que juraram procurar. Um final funestoterão todas as coisas que eles iniciarem com êxito; e isso se dará pela traição de irmão por irmão, e pelo medo da traição. Para sempre serão eles Os Espoliados.

- Vocês derramaram o sangue de seus irmãos injustamente e macularam a terra de Aman. Pelo sangue, irão entregar sangue; e fora de Aman permanecerão na sombra da Morte. Pois, embora Eru tenha determinado que vocês não morressem em Eä, e que nenhuma enfermidade os atacasse, mesmo assim vocês podem ser assassinados, e serão: por armas, tormentos e pela tristeza; e seus espíritos sem pouso virão, então, para Mandos. (TOLKIEN, 2019, p.119/120)

Perdidos em meio ao seu próprio lamento, muitos Noldors optam por retornarem e pedirem o perdão dos Valar, para que assim talvez pudessem encontrar paz outra vez. Finarfin, pai de Galadriel, é o primeiro a desistir da travessia, e assim retorna sem os filhos. Galadriel também sentia o peso das mortes que havia presenciado, sentia a tristeza por seu povo, mas como expresso pelo autor: “Seu orgulho recusava-se a permitir que retornasse derrotada, suplicante por perdão.” (TOLKIEN, 2009, p.372).

Em sua pose majestosa, Galadriel jamais se submeteria a pedir perdão, a confirmar sua derrota. De forma contrária, a mesma movida agora pela raiva de Fëanor, seguiu adiante jurando impedi-lo de conquistar o que queria.

Mesmo após sua chegada na Terra-Média algum tempo depois é posto que:

O orgulho ainda a movia quando, ao final dos Dias Antigos, após a derrocada final de Morgoth, ela recusou o perdão dos Valar para todos os que o haviam combatido, e permaneceu na Terra-média. (TOLKIEN, 2009, p.372)

Notamos que esse padrão se estende por quase toda sua jornada ao longo das obras, Galadriel apesar de ser um personagem consciente de suas ações e das consequências dos mesmos, não aceita o vislumbre do fracasso, mesmo que esse esteja relacionado apenas a sua redenção e principalmente, de certa forma, a sua paz. Ele não sente que está pronta para retornar, pois ainda não havia conseguido o que estava buscando.

Já na Terra-Média, Galadriel demonstra seu implacável instinto de liderança ao criar alianças e demonstrar a pluralidade de um ser feminino que, como tal carrega atributos malignos e benignos. A esse ponto de sua trajetória, fica evidente que apesar de seu instinto protetor, de sua bondade para com os outros, a elfa também é estratégica em criar alianças, em manter seus aliados perto de seus conselhos e principalmente combater estruturas vigentes de poder.

Sua força de combate está principalmente ligada à sua resistência, que também poderia ser interpretada como arrogância, pois se nega a aceitar seguir ordens, até mesmo quando é ‘amaldiçoada’ por aqueles a quem admira. Assim como os exemplos citados no capítulo II desse trabalho, Galadriel revela muito em relação ao mistério feminino. Galadriel é uma das primeiras a notar que a paz na Terra-Média não se estenderia por muito tempo. Instintiva, ela trava uma batalha em particular contra o senhor da escuridão Sauron, Tolkien escreve que:

Percebeu imediatamente que Galadriel seria sua principal adversária e obstáculo e, portanto, esforçou-se por aplacá-la, suportando o desprezo dela com aparente paciência e cortesia. [Neste rápido esboço não se dá explicação do motivo por que Galadriel desprezava Sauron, a não ser que conseguisse enxergar por trás de seu disfarce, ou por que, caso percebesse sua verdadeira natureza, lhe permitia ficar em Eregion?] (2009, p.382)

Assim como as deidades celtas e outras figuras femininas ao longo da história, a elfa de Tolkien possui dons que talvez outros seres fantásticos não compreendam. Ela enxerga o interior de seus corações e não negligencia de forma alguma seus instintos e intuições em relação a outros seres. Dessa forma, ela se protege e protege a muitos outros quando se se enxergam diante do mal

Uma disputa entre Galadriel e Sauron chega, de fato, a acontecer. Não junto as tropas no combate físico, mas a todo momento, em sua mente. Uma oponente de seu porte não passaria despercebida pelo senhor da escuridão. Sauron a colocava como principal adversária porque a mesma não o temia: “Percebeu imediatamente que Galadriel seria sua principal adversária e obstáculo e, portanto, esforçou-se por aplacá-la, suportando o

desprezo dela com aparente paciência e cortesia” (TOLKIEN, 2009, p. 382). Antes mesmo que o mundo dos homens se reunisse para tentar destruir os poderes malignos que constantemente cresciam, o principal alvo de Sauron era, de fato, a Dama Dourada. Além de fazer Lothlórien ser um dos únicos refúgios fora de seu alcance pela proteção que lhe guardava, em segredo espiava em sua mente através de seus poderes psíquicos.

Importante mencionarmos o quanto a relação desses dois personagens na obra se destoa das simples e claras relações de bem e mal, como dois polos extremos. Essa diferença se dá principalmente pelo caráter de intensidade no qual a personalidade de Galadriel foi construída, as relações de maldade e bondade pura não se assemelham ao que vemos em suas ações. Tolkien inclusive rebate algumas críticas que recebeu em relação a sua construção de bem e mal nos personagens, em uma carta para Naome Mitchison:

Alguns críticos chamaram a coisa toda de simplória, apenas uma simples luta entre o Bem e o Mal, com todos os bons apenas bons e os maus apenas maus. Perdoável, talvez (embora pelo menos Boromir tenha sido negligenciado), em pessoas com pressa e com apenas um fragmento para ler e, é claro, sem as primeiramente escritas, mas não-publicadas, histórias Élficas. Mas os Elfos não são totalmente bons ou têm razão. Não tanto por terem flertado com Sauron, já que com ou sem sua assistência eles eram “embalsamadores”. Queriam fazer uma omelete sem quebrar alguns ovos: viver na Terra-média histórica e mortal porque se afeiçoaram a ela (e talvez porque lá possuíam as vantagens de uma casta superior), e assim tentaram deter a mudança e a história desta, deter seu crescimento, mantê-la como um santuário, mesmo que em grande parte fosse um deserto, onde poderiam ser “artistas” — e ficaram sobrecarregados pela tristeza e pelo arrependimento nostálgico [...] Mas de qualquer maneira, esta é uma história sobre uma guerra, e se a guerra é permitida (ao menos como um tópico e um cenário), não é muito bom reclamar de que todas as pessoas de um lado estejam contra as do outro. Não que eu tenha tornado essa questão tão simples: há Saruman, Denethor e Boromir; e há traições e brigas até mesmo entre os Orcs. (TOLKIEN & CARPENTER, 1981, p.329, grifo nosso)

Os personagens de Tolkien, de forma geral são complexos e intensos, além de serem fortes em relação ao que lhes motivam. Em uma primeira leitura, seria possível enxergar esses personagens como indutores de um bem absoluto e virtuoso em suas obras. Todavia, a trajetória de personagens como Galadriel nos mostram que a jornada para a evolução e conseguinte redenção, se dá também por meio de traições, de alianças quebradas, escolhas ruins, derramamento de sangue, orgulho, arrogância e rebeldia, não em uma transição imaculada. A mesma abriu mão de viver rodeada pelos Valar, em um espaço que talvez consideraríamos o paraíso, para viver junto aos mortais em uma terra marcada pela guerra, mas onde poderia reinar, governar e se impor.

Em seu ensaio intitulado *Árvore e Folha*, publicado em 1964, Tolkien discorre justamente sobre a sua percepção enquanto escritor sobre a literatura de fantasia e os contos de fadas. Em sua visão, não se trata de conceber uma subcriação apenas pelo sentido amplo da palavra, como um meio de retratar apenas uma visão específica de algo ou alguém, ou um escape para uma realidade impossível. De acordo com ele uma subcriação deveria ser uma travessia para uma realidade mais marcante, um mundo mais experienciado, como explica Joseph Pierce: “um mundo mais vívido, intenso e real, onde o bem e o mal guerreiam em conflito épico.” (1998, p.146).

Ainda em seu ensaio, Tolkien discorre sobre a necessidade de enxergar a arte como o vínculo que opera entre a imaginação e o resultado final, que seria de fato a subcriação (TOLKIEN, 2006, p.32). Ainda sobre a arte, nem sempre é compreendida e por vezes é mal interpretada, Tolkien discorre que:

É claro que a Fantasia começa com uma vantagem: a estranheza cativante. Mas essa vantagem tem se voltado contra ela, e contribuiu para sua difamação. Muitas pessoas não gostam de ser “cativadas”. Não gostam de nenhuma interferência com o Mundo Primário, ou com os pequenos vislumbres dele que lhes são familiares. Portanto elas confundem, tolamente e até maldosamente, a Fantasia com o Sonho, no qual não existe Arte; e com distúrbios mentais, nos quais não existe nem mesmo controle: com ilusão e alucinação. Mas o erro ou a maldade, engendrados pela inquietação e conseqüente aversão, não são a única causa dessa confusão. A Fantasia também tem uma desvantagem essencial: é difícil de alcançar. A Fantasia talvez seja, em minha opinião, não menos e sim mais subcriativa, porém de qualquer modo descobre-se na prática que “a consistência interna da realidade” será tanto mais difícil de produzir quanto mais as imagens e os rearranjos do material primário forem diferentes dos arranjos reais do Mundo Primário. (TOLKIEN, 2006, p. 32/33)

Não se trata de um espaço perfeito onde o mundo primário é distante e inalcançável. Como bem vemos nas narrativas de Tolkien, a fantasia se encontra justamente no embate de elementos distintos, positivos e negativos, na trajetória conflituosa e imperfeita de personagens que as vezes se assemelham a nós, mas que maravilhosamente parecem distantes por habitarem um mundo alternativo. A fantasia é um produto natural do ser humano e sua função não é se opor a razão, pelo contrário, quanto mais clareza e razão, melhor será a fantasia (TOLKIEN, 2006, p.37).

A partir de Galadriel, conseguimos analisar de modo preciso os enlaces da literatura de fantasia de Tolkien. Uma fantasia que não apresenta apenas um espaço maravilhoso como palco para panteão de Deuses indestrutíveis e imutáveis, mas uma fantasia voltada para a construção através da recuperação, do escape e do consolo. De acordo com o autor, a recuperação acontece principalmente quando passamos a enxergar

as coisas com clareza, quando retornamos aos estágios iniciais de certos momentos e contemplamos aquilo que a muito tempo havíamos deixamos de lado. Nesse aspecto, os contos de fadas são um exemplo de recuperação, pois os mesmos nos matêm infantis, nos levam de volta aos estágios iniciais que comentamos.

Além dos contos de fadas, uma forma de se alcançar a recuperação é através da humildade (TOLKIEN, 2006, p.39). Esse conceito se relaciona a fantasia chestertoniana que apresenta a teoria de *Mooreefooc*, esse termo nada mais é que as palavras Coffee Room vistas de traz para frente em uma porta de vidro. Elas foram usadas por G. K. Chesterton para “[...] denotar a estranheza das coisas que se tornaram triviais, quando de repente são vistas por um novo ângulo.” (TOLKIEN, 2006, p. 39), se trata de nos fazer revisitar e repensar questões que por intermédios da vida, deixamos de admirar e ou de, de fato, acharmos estranho. Tolkien ainda completa que:

A fantasia criativa, porque está principalmente tentando fazer outra coisa (fazer algo novo), pode abrir nosso tesouro e deixar voar todas as coisas trancadas como pássaros de gaiola. Todas as joias se transformam em flores ou chamas, e seremos alertados de que tudo o que tínhamos (ou conhecíamos) era perigoso e forte, não realmente acorrentado, livre e selvagem; não era nosso, assim como não era nós. (2006, p. 39)

Um dos principais pontos que fazem com que Galadriel sinta a necessidade de migrar para a Terra-média é justamente o anseio pela liberdade e pelo poder de expressão que esse deslocamento garante a ela. A elfa é movida por essa chama e por eras é capaz de proporcionar a diferença nos espaços onde permeia, no entanto, sua jornada também é marcada pelo conflito interno de um ser em penitência, um ser que precisa alcançar a recuperação.

Além da recuperação, Tolkien também muito ressaltava o “escape”. Os contos de fadas têm como uma de suas principais funções o escapismo, não de forma a contrastar com a ‘vida real’, nem mesmo quando por certas vezes associamos escape a outros sentimentos como raiva e revolta daquilo que temos e vivemos (TOLKIEN, 2006, p.40). O escape para o autor, se encontra na projeção daquilo que consideramos ser reais ou não, pois o escapismo projeta uma reação, afinal, como o mesmo expressou, como poderia o telhado de uma estação ser mais real que as nuvens. (TOLKIEN, 2006, p.41). Mas além, Tolkien exemplifica como a fantasia expressa nos contos de fadas- da qual também nos deleitamos em suas próprias obras- agem de maneira ainda mais profunda do que a simples aversão as coisas feitas pelo ser humano:

Há outras coisas mais assustadoras e terríveis a evitar do que o barulho, o fedor, a crueldade e a extravagância do motor de combustão interna.

Há fome, sede, pobreza, dor, pesar, injustiça, morte. E, mesmo quando os homens não estão enfrentando coisas duras como essas, há antigas limitações às quais os contos de fadas oferecem uma espécie de escape, e velhas ambições e desejos (tocando as próprias raízes da fantasia) aos quais oferecem um tipo de satisfação e consolo. Algumas são fraquezas ou curiosidades perdoáveis, como o desejo de visitar, livre como um peixe, o mar profundo; ou o anseio pelo voo silencioso, gracioso e frugal do pássaro, esse anseio que o avião burla, exceto em raros momentos, em que é visto no alto, silencioso, graças ao vento e à distância, voltando ao sol; isto é, exatamente quando é imaginado e não usado. (TOLKIEN, 2006, p. 42-43)

Se analisarmos os elfos de Tolkien, encontraremos íntimos traços de escape. São criaturas evoluídas, apresentam o dom para as artes, são belos e magníficos aos olhos humanos, além disso, neles encontramos o que talvez seja o maior dos escapes: o escape da morte. Nessa mistura de elementos fantásticos e a junção da fantasia encontrada nas atitudes e elementos cotidianos, temos um universo que Tolkien pode chamar de seu. Um universo onde bem e mal residem e se provam complementares, não um mundo divino e categórico.

Virtude no entanto, sempre pareceu ser uma característica importante nas narrativas de John Ronald Ruel Tolkien. Suas histórias estão rodeadas de passagens onde os personagens se sacrificam pelo bem coletivo, se dispõem a sair em missões suicidas para que o mal seja destruído, se arriscam nas frentes de batalha para que outros não precisem lutar e assim por diante. Amizade, lealdade, doação entre outras características tão representativas de um ser humano ideal, são facialmente encontradas em seus livros. Esses aspectos fazem parte do que o autor denominava de ‘consolo’, que além da função de trazer à tona a satisfação por desejos antigos, profere o que todos esperamos ao final de um conto de fadas completo, o final feliz. O autor pondera que:

O consolo dos contos de fadas, a alegria do final feliz, ou mais corretamente da boa catástrofe, da repentina “virada” jubilosa (pois não há fim verdadeiro em nenhum conto de fadas); essa alegria, que é uma das coisas que os contos de fadas conseguem produzir supremamente bem, não é essencialmente “escapista” nem “fugitiva”. Em seu ambiente de conto de fadas – ou de outro mundo – ela é uma graça repentina e milagrosa; nunca se pode confiar em que volte a ocorrer. Ela não nega a existência da discatástrofe, do pesar e do fracasso; a possibilidade destes é necessária à alegria da libertação; ela nega (em face de muitas evidências, por assim dizer) a derrota final universal, e nessa medida é evangelium, dando um vislumbre fugaz da Alegria, Alegria além das muralhas do mundo, pungente como o pesar. (TOLKIEN, 2006, p.44)

É a partir desses três passos que passamos a entender melhor a escrita de Tolkien e o trabalho do mesmo na composição de Galadriel e de outros personagens que nos

chamam atenção. A recuperação da elfa acontece durante toda a sua trajetória, é a partir de sua evolução que ao final a vemos voltar para casa humilde e imbatível, nos mostrando o consolo tão aguardado expresso em sua corpórea plenitude. O escape se dá no deleite que temos em sua majestosa figura, tão divina e distante e ao mesmo tempo tão falha e terrena. Vale ressaltar também, que ao validar características tão virtuosas em suas obras, o mal acaba se expondo de uma maneira extrema e oposta. Enquanto escritor fantástico, Tolkien não fugiu do padrão ao adicionar ao combate seres de personalidade distintas, dois polos que se cruzam para que apenas um seja vitorioso, no caso do autor e de muitos outros, o bem vence.

Se Sauron é apresentado como o inimigo iminente, senhor das trevas, assim como encontramos em outras obras de fantasia como Darth Vader em *Star Wars* (1977) ou Lord Voldemort na série de livros de *Harry Potter* (1998), Galadriel não possui apenas uma nomenclatura, ela é natureza, imbatível. É verídico que a mesma se coloca em uma disputa direta contra o senhor da escuridão e que faz sua parte quando ele se enfraquece pela primeira vez no território de Eriador: “[...] o fato de Galadriel permanecer na Terra-média após a derrota de Sauron em Eriador é atribuído ao seu julgamento de ser seu dever não partir enquanto ele ainda não estivesse derrotado de forma definitiva.” (TOLKIEN, 2009, p. 378). Instintivamente a elfa sabia que ali não seria o fim, e talvez até mesmo já havia previsto que ainda haveria muita disputa contra Sauron. O fato curioso de tal menção de Tolkien sobre Galadriel é que ela parece apenas reafirmar que a mesma não tinha a intenção de retornar a Valinor. Por outro lado, também se faz parecer que a sua guerra contra Sauron se instaurava principalmente em uma disputa de egos, onde a mesma não estava apta a desistir de um território tão buscado para que outro ser poderoso destruísse ou reinasse.

Em meio as ameaças do inimigo, Galadriel funda o Conselho Branco, grupo de sábios que se uniam para criar estratégias e assim neutralizar Sauron. Mesmo contra a vontade de Galadriel- que certamente já naquela época não confiava nele- o mago Saruman toma a frente do conselho fazendo-o se tornar inútil ao passar dos anos, à medida que o mesmo pendia para o lado negro, se tornando fantoche de Sauron. As desconfianças bem fundamentadas de Galadriel mais uma vez mostram que seus olhos enxergavam bem mais do que os dos outros, e talvez seja este um dos motivos pelo qual foi a portadora de Nenia.

Quando Galadriel descobre que Sauron estava à procura dos anéis de poder, aconselha Celebrimbor a esconder os três anéis que havia feito. Nesse processo, ela é escolhida para ser a portadora e guardiã de Nenyá, o anel de diamante:

Galadriel aconselhou-o a esconder os Três Anéis dos Elfos, a jamais usá-los e a dispersá-los, longe de Eregion, onde Sauron cria que estivessem. Foi então que de Celebrimbor ela recebeu Nenyá, o Anel Branco, e pelo seu poder o reino de Lórinand foi fortificado e embelezado; mas o poder que exercia sobre ela era também grande e imprevisto, pois aumentou seu desejo latente do Mar e de voltar para o Oeste, de modo que diminuiu sua alegria na Terra-média. (TOLKIEN, 2009, p. 383)

Percebemos aqui que havia em seu interior a saudade de sua terra natal, apesar de a certeza de sua posição na Terra-média, o anel em toda sua força a desanimou e talvez até mesmo a fez refletir sobre seu destino. O despertar desse sentimento é tão grande na elfa que apesar de ainda possuir a mesma opinião sobre não partir enquanto Sauron não fosse completamente aniquilado, ela deixa Lóriland e passa a viver na beira do mar. Notamos também o quanto é ressaltada sua tenacidade em não usar o objeto e o manter escondido por tanto tempo, mesmo contendo nele grandes poderes.

Após muitos anos a beira do mar, Galadriel e Celeborn retornam e assumem de vez a posição de guardiões de Lothlórien, onde passam a reinar. Os fatos sobre a trajetória da elfa se estendem sem muitas mudanças por um longo tempo, Sauron é contido- pelo menos todos acreditam que sim- em Lothlórien Galadriel enfim encontra o reino que tanto almejou, seus poderes parecem apenas crescer à medida que o tempo passa e seu nome se torna uma lenda. Nada nesse meio tempo parece mostrar que seu eu rebelde tenha desaparecido, mas talvez os anos sem o senhor da escuridão tenham acalentado seu ego e lhe dado o conforto de enfim aproveitar a Terra-Média a sua maneira.

O início do desfecho de seu processo de transformação acontece já na terceira era criada pelo autor, no encontro da comitiva do anel no primeiro livro da série *O Senhor dos Anéis* (1954) com o reino de Lothlórien. Já na floresta encantada a comitiva se vê cercada por elfos, mas estes traziam uma mensagem de Galadriel para os mesmos:

—Além disso - disse Haldir -, eles me trazem uma mensagem uma mensagem do Senhor e da Senhora dos Galadhrim. Todos podem andar livremente, até mesmo o anão Gimli. Parece que a Senhora sabe quem e o que é cada um dos membros da Comitiva. Talvez novas mensagens tenham chegado de Valfenda.

Haldir retirou primeiro a venda de Gimli. — Minhas desculpas! — disse ele com uma reverência. — Olhe-nos agora com olhos de amigo! Olhe e se alegre, pois é o primeiro anão que pode enxergar as árvores do Naith de Lórien, desde os dias de Dúrin. (TOLKIEN, 2002, p.371)

Como já falado anteriormente nesse trabalho, a disputa entre anões e elfos se encontra muito presente em todas as obras de Tolkien. As duas raças por serem tão opostas arraigadas a histórias do passado já esquecidas, apresentam uma inimizade, o que não constante, da qual Galadriel não se compadece. A senhora de Lothlórien sempre prezou a cultura dos anões e sempre fez o possível para que sua ligação com os mesmos fosse mantida, e essa relação com Gimli se torna um dos pontos chave para que sua passagem enquanto deusa fosse concluída. Ao ver a elfa pela primeira vez, e ouvi-la falando sobre sua terra natal, usando sua própria língua antiga Gimli reage de maneira inesperada para um anão, pois encontra em Galadriel principalmente amor e compreensão: “Levantou-se desajeitadamente e fez uma revência ao modo dos anões: — Apesar disso, a mais bela ainda é a terra de Lórien, e a Senhora Galadriel está acima de todas as jóias que existem sobre a terra!” (TOLKIEN, 2002, p. 379).

A primeira impressão que a Comitiva do Anel tem em relação a Galadriel mostra muito em relação a mesma, pois é também a forma com que apresentada, a priori, aos leitores caso não tenham tido contato com os outros livros do autor. É nesse momento que acontece o primeiro contato de Frodo com a elfa, sem que o mesmo nem imagine que faria parte do maior desafio da jornada de Galadriel:

[...] eram muito altos, a Senhora não menos que o Senhor; eram belos e auteros. Usavam trajes completamente brancos; os cabelos da Senhora eram de um dourado profundo, e os do senhor Celeborn eram longos e prateados, mas não se via nenhum sinal de idade naqueles rostos, a não ser que estivesse na profundidade dos olhares, que eram agudos como lanças sob a luz das estrelas, e apesar disso profundos: os poços de profundas recordações. (TOLKIEN, 2002, p.376/377)

Ali estava Frodo, diante da mais bela de todos os elfos, sua presença não apenas alterava a percepção daqueles que a olhavam pela sua beleza, mas também porque seus olhos resguardavam tudo o que havia passado para chegar até ali, uma força celestial capaz de desarmar até o mais forte dos seres.

Referente a apresentação que o autor faz de Galadriel, é importante mencionar que ao contrário de outras figuras femininas apresentadas nesse trabalho como Lilith, Eva e as próprias sacerdotisas que representavam as Deusas- Mãe, seu corpo na integra, não é marcado pela sexualidade maligna, imposta durante séculos, como simbolismo negativo em relação a mulher. Do início ao fim, em todas as narrativas que faz parte, Galadriel é mostrada como um ser benévolo. Como uma Deusa ela representa o inatingível, aspecto comumente encontrado nas damas dos romances de cavalaria que, assim como ela, precisavam ser conquistadas. Seu corpo reflete aquilo que a mesma veio para mostrar,

uma deusa imponente, calculista e racional, dotada do instinto natural e essencial que a faz parecer miragem em uma terra com seres que não estão a sua altura.

Sua estatura sempre tão ordenada, voz pacata e as vestes sempre branca -o que nos remete a pureza- sugere que esteja: “sempre pronta e inalterável, metamorfoseia a vida pura e divina” (CASAGRANDE, 2019, p.131). No entanto, sendo quem é, notamos que essa faceta não poderia existir solitariamente, assim como qualquer outro ser representativo da mitologia do mistério feminino. Se de um lado temos Galadriel como a virtuosa e bondosa figura da mãe, do outro encontramos o descontrole da natureza, imbatível e disruptivo.

Além de Frodo e Gimli, todos os outros membros da comitiva sentem estranhas reações em relação a Galadriel. Sua presença é tão marcante para eles principalmente porque ela representa uma espécie de ápice divino em suas vidas “mundanas”, tanto por ser talvez o ser mais celestial que iriam encontrar em sua jornada na Terra-média, tanto por esse contato ter acontecido em um momento de fraqueza dos mesmos- achavam que o mago Gandalf havia morrido- e por ela ter oferecido o conforto necessário:

—Por que você corou, Sam? — perguntou Pippin. —Você logo desabou. Qualquer um teria pensado que estava com a consciência pesada. Espero que não seja nada além de um plano maldito para roubar um de meus cobertores.

— Nunca pensei nada disso — respondeu Sam, que não estava disposto para brincadeiras. — Se quer saber a verdade, eu me senti como se estivesse nu, e não gostei disso. Parecia que ela estava olhando para dentro de mim e me perguntando o que eu faria se me fosse dada a chance de fugir de volta para casa no Condado, para uma toca pequena e agradável, com...com um pedaço de jardim que fosse meu.

—É engraçado — disse Merry. Quase o mesmo que eu senti; só que, só que...bem, acho que não vou falar mais nada — acrescentou ele sem jeito.

Todos pareciam ter tido uma experiência semelhante: cada um sentiu que se lhe oferecia uma escolha entre uma sombra cheia de medo, que se encontrava lá na frente, e alguma coisa profundamente desejada, que se apresentava clara aos olhos do espírito [...] (TOLKIEN, 2002, p. 380)

A intensidade de Galadriel transborda mesmo que a mesma não tenha dito uma sequer palavra. Ela sustenta uma tensão consigo mesma que faz com que muitos dos personagens não apenas se sintam intimidados pela sua presença, mas também divididos em relação as próprias escolhas que tem que fazer.

Se retornarmos aos celtas, notamos que as pessoas se manifestavam por meio de rituais distintos na procura de discernimento e outros pedidos aos deuses (MONAGHAN, 2004, p.14). Os cultos as Deusas-Mãe também se enchiam daqueles a procura de algum feito que não poderiam realizar sem a ajuda se um ser maior. Nesse sentido, estar

infiltrado no ambiente de Galadriel reaviva certos sentimentos nos mesmos como a esperança e o poder de escolha. Ela emana o conflito necessário para testar aqueles que se encontram desiludidos, além de oferecer a ideia de que há caminhos diferentes a se seguir, pois mesmo sem perceberem, ela repara a sua fé.

No entanto, sua figura feminina também ocasiona um outro sentimento que transcende os tempos e compõe a história de todos os seres femininos citados nesse trabalho: a desconfiança. A sociedade do Anel conta apenas com dois personagens humanos- dois homens- e um deles demonstra abertamente sua desconfiança em relação a Rainha branca:

— Para mim pareceu muito estranho — disse Boromir. — Talvez tenha sido apenas um teste, e ela pensou em ler nossos pensamentos para seus próprios propósitos. Mas quase poderia dizer que ela estava nos testando, e oferecendo o que ela fingia ter o poder de nos dar. Não é preciso dizer que me recusei a escutar. [...]

[...]— Bem, tomem cuidado! — disse Boromir— Não me sinto muito seguro a respeito dessa senhora élfica e de seus propósitos. (TOLKIEN, 2002, p.380/381)

Logo após tal fala, Aragorn- o outro humano da comitiva- a defende dizendo que em Galadriel ou em seu reino não haveria de ter nenhum tipo de maldade e que poderia enfim dormir tranquilo pois ali estaria protegido. Apesar de Boromir não ser nem de perto o personagem mais confiável da trama, suas palavras não expressam uma total mentira em relação a Galadriel. Como bem já comentamos, um ser feminino em posição de poder como a elfa está, haveria de ser questionada e colocada -em algum aspecto- como um ser falho, principalmente quando essa colocação parte de um personagem que desde o início já mostra arrogância e ganância como Boromir. No entanto, os propósitos de Galadriel realmente não são claros e ao entrar em suas mentes, analisar seus desejos e lhes oferecer a mais íntima das escolhas, ela mostra quem está no controle.

É em Lothlórien que acontece o momento mais marcante da elfa na Terra Média, em um encontro transformador entre ela, o protagonista da comitiva do anel, Frodo, e seu espelho místico. Após alguns dias de descanso, Galadriel oferece a Frodo e Sam que olhem em seu espelho, Frodo olha para o mesmo e as visões confusas e perturbadoras que vê o assustam, pois ali é mostrado a ele o que talvez viria a acontecer se o mesmo fracassasse em sua missão de destruir o anel:

—Sei o que você viu por último —disse ela—, pois está também em minha mente. Não tenha medo! Mas não pense que é apenas cantando por entre as árvores, ou só por meio de flechas frágeis e arcos élficos que nós da terra de Lothlórien nos defendemos e nos guardamos do Inimigo. Digo a você, Frodo, que nesse exato momento em que conversamos eu percebo o Senhor do Escuro e sei o que se passa na

mente dele, ou pelo menos tudo o que se relaciona aos elfos. E ele sempre se insinua para me ver e ler meus pensamentos. Mas a porta ainda está fechada. (TOLKIEN, 2002, p.387)

Nesse ponto da narrativa notamos que a guarda de Galadriel está mais alta do que nunca. Seu combate com Sauron persistiu até ali e a mesma jamais permitiu que em nenhum momento que fosse espionada. Ela reafirma em suas palavras o poder dos elfos e o seu, em defender seu povo. Quando a mesma afirma que “a porta ainda está fechada” notamos um simbolismo muito forte entremeado, pois de fato sua mente sempre esteve fechada para o Inimigo, mas também esteve o tempo todo fechada em seu orgulho, em sua altivez, em seus próprios planos e objetivos, além de estar presa em seus próprios conflitos enquanto ser.

Durante essa conversa, Galadriel também revela Nenyà para Frodo, revela que um dos Três esteve ali o tempo todo, e que a partir de ali seria de extrema importância que o protagonista fizesse aquilo que sempre esteve destinado a fazer, no entanto o que mais nos chama atenção em seu discurso é o que a mesma responde quando é questionada sobre seus desejos : “— Que aconteça o que deve acontecer — respondeu ela— O amor dos elfos por sua terra e seus trabalhos é mais profundo que as profundezas do Mar, sua tristeza é eterna e nunca poderá ser completamente abrandada.” (TOLKIEN,2002, p.388). Como seres naturais, os elfos de fato expressam um amor divino pela terra que talvez outros seres não compreendam, não é de se admirar que os mesmos temam por Lothlórien depois de tudo que passaram para chegar até ali. Da mesma forma também amam as terras do oeste que deixaram para traz, e a tristeza da qual Galadriel se refere, é justamente a maldição que lhes foi colocada quando se recusaram a voltar e implorar o perdão dos Valar.

Essa é a última menção que encontramos sobre o martírio de Galadriel em relação aos seus atos enquanto ainda jovem. Sua resistência em não retornar para casa derrotada e humilhada, resultou em eras de penitência e em um ser dividido entre a saudade de casa e o amor pelo seu novo lar. Prosseguindo em sua conversa com Frodo, o mesmo ainda se mostra abalado pelo que havia acabado de enxergar no espelho e de bom grado, oferece o Um Anel do poder para a senhora de Lothlórien:

A Senhora Galadriel é sábia, destemida e bela—disse Frodo—
Darlhe-ei o Um anel se assim deseja. Esse peso é demais pra mim.
Não nego que o meu coração desejou muito pedir o que me oferece. Há
muitos anos que medito no que poderia fazer se o Grande Anel me
viesse para as mãos, e veja! Ele está agora ao meu alcance. O mal que
foi concebido a muito tempo continua agindo de muitas maneiras, quer

o próprio Sauron seja ou não derrotado. Não teria sido uma ação nobre a ser creditada ao Anel dele, se eu o tivesse tomado a força ou ameaçado o meu hospede?

—E agora finalmente ele chega. Você me oferece o Anel livremente! No lugar do Senhor do Escuro, você coloca uma Rainha. E não serei escura, mas bela e terrível como a Manhã e a Noite! Bela como o Mar e o Sol e a Neve sobre a Montanha! Aterrorizante como a Tempestade e o Trovão! Mais fortes que os fundamentos da terra. Todos deverão me amar e se desesperar! (TOLKIEN, 2002, p.388/389)

Nessa passagem da narrativa, é mostrada ao leitor a clara visão corrompida de um possível ser, o vislumbre do que viria a acontecer caso aceitasse o poder maligno do Um Anel. Nesse momento Galadriel deixaria de ser para sempre a figura da Mãe e guardiã passaria a ser um monstro maligno. Com essa transformação, Galadriel poderia facilmente transformar a Terra-média em um espaço só seu, suas escolhas do passado e sua simples vontade de governar não seriam nada se comparado ao que viria se tornar no futuro, um ser quase demoníaco.

Essa ideia arcana de Galadriel, plural devemos dizer, se mostra clara e inquestionável no momento de seu confronto consigo mesmo, no entanto também retoma várias referências que o autor deixou no decorrer do capítulo e que por intermédio de uma diluição feita pelo mesmo, talvez passem despercebidas. Quando a comitiva do anel chega até as terras de Lórien, o elfo Legolas diz: “[...] Mas ouvimos falar que Lórien ainda não está abandonada, pois há um poder secreto aqui, que impede que o mal se aproxime do lugar.” (TOLKIEN, 2002, p.358), ou quando já estão instalados e o hobbit Sam comenta: “Imagino agora que Ela poderia fazer algumas coisas maravilhosas, se tivesse vontade.” (TOLKIEN, 2002, p.383). Tais passagens mostram o que já havíamos comentado, Galadriel de uma forma quase espectral está em tudo, seu poder se dissolve no ar e abraça a todos aqueles que cruzam seu caminho, é ela quem controla tudo mesmo que os outros personagens não percebam, manipula os elementos naturais assim como suas mentes.

Quando Tolkien a compara com elementos naturais como a manhã e à noite, o mar e o sol, ele retoma também os elementos distintivos dos quais os seres femininos sempre foram associados em uma espécie de dualidade negativa e positiva. Nesse panorama, Galadriel é o exemplo perfeito para exemplificar como um ser arraigado a natureza, pode abranger a calma, ser tão reluzente quanto o sol ou tão perversa como uma tempestade, um furacão. Galadriel não demonstra a escolha de bem e mal da qual estamos nos referindo, ela é boa e má ao mesmo tempo, a junção da vida com as forças naturais, o emalo da mãe e a proteção de uma guardiã, ao mesmo tempo em que gera desconfiança e exala instintos primários e incontrolláveis, é controladora e arrogante.

A disparidade entre o Um Anel de poder e o anel de diamante NENYA, também é bastante representativo no contexto de divisão entre o bem e o mal. Afinal, Galadriel por eras teve NENYA em sua posse, usou-o para a proteção dos elfos de Lothlórien e para se proteger contra as investidas diretas de Sauron em sua mente, mas nunca pensou em o usar para outros feitos, além de tê-lo mantido em segredo todo o tempo. Sabemos que o Um Anel é o artefato de maior poder na Terra-Média, e que nele foi mantido boa parte dos poderes malignos de Sauron. E é justamente quando ele é oferecido a Galadriel, que o maior teste de sua vida se inicia, pois aquela força das trevas a transformaria em um ser titânico, não aquela presente em seu próprio anel.

Galadriel comenta que por muito tempo pensou o que aconteceria caso o Um Anel chegasse em suas mãos e essa revelação nos prova o quão conflituoso é a mente da elfa. A mesma que sempre lutou contra as forças de Sauron é também aquela que em seus pensamentos mais íntimos desejava possuir o objeto e conseqüentemente usufruir dos poderes do Senhor da escuridão que existiam nele. Isso também nos mostra que seu teste não se reduz apenas a situação mencionada acima, pois sempre teve que combater seus próprios pensamentos e suas escolhas. É nas entrelinhas que percebemos que sua penitência foi muito mais profunda do que aquela que imaginamos quando fazemos uma rápida leitura.

Voltando ao momento onde a mesma é testada, percebemos como se dá sua transformação enquanto ser, sua face muda de uma forma tão avassaladora que é capaz de expressar a mais terrível das belezas, um ser até então caótico:

Levantou a mão e do anel que usava emanou uma grande luz que iluminou a ela somente, deixando todo o resto escuro. Ficou diante de Frodo e parecia agora de uma altura incalculável, e de uma beleza insuportável, terrível e digna de adoração. Depois deixou a mão cair, e a luz se apagou; e de repente ela riu de novo e eis então que se encolheu: era uma mulher élfica frágil, vestida num traje simples e branco, cuja voz gentil era suave e triste.

—Passei pelo teste —disse ela. — Vou me diminuir e me dirigir a Oeste, continuando a ser Galadriel. (TOLKIEN, 2002, p.389)

Galadriel não apenas se ilumina como um grande ser divino em ascendência- como encontramos em diversas passagens que retratam seres angelicais ou a própria presença de Deus- mas ‘absorve’ toda a claridade ao seu redor, deixando tudo na mais repleta escuridão. As questões que ficam são: Galadriel sugaria toda a luz ao seu redor caso tomasse o poder do Anel para si? Se tornaria um ser tão aterrorizantemente belo capaz de ser adorado e temido ao mesmo tempo? Seria de fato corrompida pelo poder a ponto de esquecer quem era? Tais dúvidas ficam apenas em nossos pensamentos já que

ao passar pelo teste, sua penitência chega ao fim e a Deusa enfim surge. Galadriel não é mais a Senhora Galadriel de Lothlórien, ela passa a ser talvez, a maior entidade da Terra-Média.

Toda sua jornada resultou no ser no qual se transforma após essa passagem. Duas longas eras após ter deixado sua terra natal para se aventurar na busca da realização de seus desejos, havia enfim conseguido conquistar tudo aquilo que queria. Diante de seus olhos estava a chave para que toda a Terra-Média se curvasse a seus pés, mas ela rejeita o Um Anel e tudo aquilo que ele representa, e é nesse momento que se torna plena, em sabedoria e poder. Para além disso, é no momento em que diz que irá “se diminuir” mostrando uma imagem frágil da qual não esperamos ver em uma elfa como ela, que entendemos que a mesma só se torna uma Deusa porque é capaz de se restringir, de não aceitar se tornar um monstro, de enfim concluir o martírio por ela mesma criado e por finalmente aceitar voltar onde tudo começou.

Sua redenção é o ponto principal na transformação, pois mostra a quebra de seu orgulho, de sua rebeldia, Galadriel se recusou a retornar para casa quando teve a chance pois não se humilharia a pedir perdão. No entanto, ao passar pelo teste a mesma é perdoada:

Aos Exilados foi permitido retornar, à exceção de alguns protagonistas da rebelião, dos quais apenas Galadriel restava ao tempo do Senhor dos Anéis. À época do seu Lamento em Lórien, ela acreditava que isso seria perene, enquanto durasse a Terra. Por isso, conclui seu lamento com o desejo, ou súplica, de que a Frodo possa ser concedida, por graça especial, uma permanência purgatorial (mas não penal) em Eressea, a ilha solitária à vista de Aman, embora o caminho esteja fechado para ela. Sua súplica foi atendida — mas também foi anulada sua interdição pessoal, como recompensa por seus serviços contra Sauron, e acima de tudo por ela ter rejeitado a tentação de tomar o Anel quando este lhe foi oferecido. Assim, ao final, vemo-la embarcar. (TOLKIEN, 2009, p.369)

Notamos que sua negação em relação ao Um Anel não acontece de uma hora para outra. Galadriel não decidiu simples e facilmente que não poderia se submeter a aquilo que o objeto iria lhe causar. Toda sua trajetória na Terra-Média foi um ato de penitência, um entrelaço entre a busca por seus objetivos e os conflitos que a mesma vivia por ter sido amaldiçoada pelos seus superiores no passado. O fato de a mesma não ter pedido perdão não quer dizer que não precisasse disso. A sua penitência interna, seu empoderamento através dos povos que conhece e das alianças que faz, o convívio com seu anel Nenya e a proteção que garante a Terra-Média contra Sauron são todos fatores que ao longo das eras, a transformaram.

Galadriel é sim perdoada pelos Valar, tanto por sua postura em combater o senhor da Escuridão, quanto pelo fato de ter feito a escolha certa quando o teste lhe foi apresentado. Quando a mesma aparece ao final, com aspecto frágil e triste notamos outro ponto importante da narrativa fantástica, a fronteira. O confronto entre monstros e humanos existe por séculos nas obras de fantasia e seus desígnios são muitos. Os monstros estão ali para ressaltar o não-padrão e ensinar normas que devem ser seguidas, eles apresentam aspectos culturais da época em que foram criados, e são de fato nosso próprio constructo. Os mesmos são posicionados de forma a chamar a atenção para assuntos não tão fáceis de serem abordados, mas acima de tudo o monstro nos mostra que o medo de se cruzar a fronteira, na verdade é um desejo que temos.

Cruzar a fronteira era atrativo para Galadriel, sempre foi, desde o momento em que se rebelou ainda jovem até a sua constante penitência na Terra-Média, ela era uma pecadora buscando ser testada para se manter sã. Quando a mesma triunfa suas próprias barreiras impostas e vislumbra o seu eu maligno, ela também mostra que cruzar a fronteira significa cruzar com o monstro ou se tornar o próprio monstro. Galadriel não é uma personagem unidimensional, ela é uma força da natureza, um ser além da escala, ela é majestosa, monstruosa e belíssima, ela nos mostra um gradual processo de elevação de uma deusa e ela se torna ainda maior no momento em que aceita se diminuir. E assim Galadriel encontra o equilíbrio que caracteriza uma divindade.

Após o momento que tem com Frodo e Sam, agora em seu aspecto normal, Galadriel mostra que o que havia acabado de acontecer era o fim de um ciclo seu. Seu antigo eu está no passado e conversar a respeito não está em questão:

[...] Mas, se me perdoa o que vou dizer, acho que meu patrão está certo. Eu gostaria que a Senhora ficasse com o Anel dele. Poderia por as coisas no lugar certo. Impediria que eles expulsassem meu pai e o deixassem perdido por aí. Faria com que certas pessoas pagassem pelo serviço que fizeram.

—Eu faria— disse ela. —É assim que tudo começaria. Mas infelizmente não pararia ali. Não falemos mais nisso. Vamos! (TOLKIEN, 2002, p.389)

Sam não havia ouvido o teste pelo qual Galadriel acabara de passar, apenas havia visto de longe Nenia refletir em sua mão. O pequeno Hobbit ainda mantinha suas esperanças na elfa pois sabia que a mesma teria os artifícios necessários concertar as coisas. No entanto Galadriel sabia que neutralizar os problemas da Terra-Média seria apenas o primeiro passo, pois ela mesma se instauraria como a Senhora da Escuridão.

Frodo e Galadriel haviam feito suas escolhas diante o espelho místico, era hora de seguir adiante e cumprir os papéis que ainda lhes restavam. O de Galadriel já estava quase feito, para completar sua missão a mesma só precisava realizar o último dos atos para ajudar a Comitativa do Anel em sua jornada, dar-lhes presentes. Ela oferece aos membros objetos distintos que acabam se mostrando de extrema importância em sua jornada. As lembas poderiam saciar sua fome quando não tivessem mais nada para comer, as facas élficas poderiam lhes proteger no combate com os inimigos, o frasco de luz afastaria o mostro presente na caverna... mas o presente de Gimli que surpreende:

—E que presente um anão pediria aos elfos? —perguntou Galadriel, voltando-se para Gimli.

—Nenhum, Senhora— respondeu Gimli. — A mim basta ter visto a Senhora dos Galadhrim, e ter ouvido suas gentis palavras.

—Escutem vocês todos, elfos — exclamou ela para aqueles a sua volta. Não deixem ninguém dizer que os anões são ávidos e indelicados! Mesmo assim, com certeza Gimli, filho de Glóin, você deseja algo que eu possa ofertar. Revele seu desejo, eu lhe peço! Você não deve ser o único convidado a ficar sem um presente.

— Não quero nada, Senhora Galadriel— disse Gimli, fazendo uma grande referência e gaguejando. — Nada, a não ser que talvez...a não que seja permitido pedir, não, desejar um único fio de cabelo, que ultrapassa o ouro da terra como as estrelas ultrapassam as gemas da mina. Não peço tal presente, mas a senhora me ordenou que revelasse meu desejo.

E assim é feito, Galadriel desfaz uma de suas longas tranças e retira não apenas um, mas três fios de cabelos de sua cabeça para Gimli, mesmo diante dos olhares indignados devido ao pedido inusitado do anão. Os mesmos cabelos que eras atrás foram negados a Feanör-causando discórdia entre os mesmos- são entregues a um anão de bom grado, pois a elfa sabia que as palavras saídas da boca de Gimli eram verdadeiras, guardaria os fios como relíquias, não os usaria para o mal. Percebemos que seu orgulho não mais interfere em suas ações e que a doação de seus próprios cabelos justamente para um anão, finaliza seu processo na Terra-Média:

Não vou predizer, pois todas as predições são vãs nestes tempos: de um lado está a escuridão, e do outro só a esperança. Mas se a esperança não falhar, então digo a você, Gimli, filho de Glóin, que suas mãos vão se encher de ouro e, apesar disso, o ouro não vai dominá-lo. (TOLKIEN, 2002, p.401)

A benção de Galadriel em relação ao ouro não é aleatória, ela nos remete a um outro momento na obra *O Hobbit* (1937). Gimli é parente distante do rei Thorin II Escudo de Carvalho, que assim como seus ancestrais, sucumbiu à corrupção do tesouro que possuía e quase veio a ruína. Com seu discurso, Galadriel quebra a antiga tradição e garante a Gimli uma prosperidade sã. Tolkien também transporta para o discurso de

Galadriel o resumo perfeito das escolhas feitas pela elfa. O bem e o mal sempre haverão de existir, assim como a disputa de povos as crenças distintas, as ações e as consequências. Galadriel não foi dominada e triunfou, apesar dos acontecimentos anteriores sua figura não mais parecia perigosa e terrível, ou misteriosa e obscura. Era apenas uma elfa, poderosa o bastante para entender que tudo havia chegado ao fim.

A última menção de Galadriel na Terra-Média acontece em um encontro nos Portos Cinzentos, quando se prepara para navegar em alto mar rumo ao oeste: “Galadriel montava um palafrém branco e vinha toda vestida de um branco reluzente, como as nuvens em torno da lua; pois parecia que ela mesma emanava uma luz suave.” (TOLKIEN, 2002, p. 312-313)

Mais bela do que nunca, Galadriel continua exalando os encantos de um ser mágico e ainda melhor, a historicidade de uma personagem que evoluiu ao longo de diversas narrativas. Naquele momento partiu da Terra-Média a mais velha dos elfos que ali residiam, quem viu Sauron surgir, ressurgir e finalmente ser derrotado, que psiquicamente—ou não— controlou, induziu, previu e agiu contra todas as estruturas vigentes de poder. Foi orgulhosa e também perdeu seu orgulho, se puniu, se culpou e fez o possível para representar bondade e sabedoria. Boa e má, maligna e angelical, a perfeita representação do mistério feminino e das forças naturais. Galadriel parte para sempre do universo criado pelo autor e retorna as suas antigas origens, não como uma simples elfa cabisbaixa implorando por perdão, mas com a certeza de que seu destino havia sido cumprido, como uma deusa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa objetivamos mostrar como foi articulado o processo de transformação e evolução da personagem Galadriel enquanto Deusa. No primeiro capítulo apresentamos a Elfa Galadriel a vocês, o início de sua trajetória nas Terras Imortais junto ao povo Noldor e os seus superiores, Valar, os conflitos e as motivações que a levaram a partir rumo a Terra-Média. Também foram apresentadas as alianças que marcaram sua trajetória e as consequências de seus atos, que viriam a se encarregar de marcar eras da vida da elfa. Com um panorama geral já feito, partimos para o segundo capítulo de nosso trabalho.

Entendemos que para melhor analisarmos a construção da personagem de Tolkien, era necessário compreender como as relações plurais e muitas vezes conflituosas, relativas ao ser feminino são representados em distintos seres fantásticos. Para isso, no segundo capítulo do nosso trabalho apresentamos variadas figuras que exemplificaram paradigmas do mistério feminino, da relação mulher e natureza e de como foram fossilizados aspectos mitológicos da mulher em si, transformando o feminino em fonte de medo.

É curioso como o medo extrai reações tão distintas e por vezes contraditórias nos seres, além das reações resultantes desse sentimento. Apesar de nosso trabalho não ter enfoque na discussão de gênero em si, através da mitologia do mistério feminino fica nítido como o medo do desconhecimento sobre a mulher acarretou em uma infinita teia de preconceito e violência. O que gerou não apenas praticas que mataram milhares de mulheres, mas que também posicionaram o ser feminino como degenerado, indigno de confiança e plural. Júlio França se posiciona sobre o medo na literatura:

Um primeiro ponto a se considerar é compreender que o medo contribui com uma dimensão fundamental da arte narrativa: provocar reações emocionais. O que torna os objetos literários tão fascinantes é justamente o modo pelo qual sua forma e seu conteúdo estimulam tanto a mente quanto os sentidos. No caso específico da literatura do medo, ele é capaz, sim, de ultrajar o leitor, causar-lhe horror, terror e repulsa, mas também de obrigá-lo a repensar seus modos de encarar o mundo (FRANÇA, 2017, p.8)

Paralelo a fala de França, ponderamos durante esse trabalho que todas as figuras femininas apresentadas são dotadas de uma carga emocional densa. Talvez pela forma misteriosa com que são retratadas, ou por que foram -culturalmente- instauradas no coletivo, de forma que o leitor nunca sabe o que verdadeiramente esperar, mesmo em uma

ficção. Essas personagens, das quais vamos tecer comentários a seguir, se consolidaram não apenas pelo sentimento de medo que a dicotomia de identidade lhes forneceu, mas por que foram empregadas, ao longo dos tempos, em discursos declarativos sobre o que é certo e o que não é.

A começar pelo arquétipo da Grande Mãe, divindade feminina primordial que foi retratada de distintas formas por diversas sociedades ao longo do tempo. Sua forma abstrata cultuada pela vida, morte e pela própria regeneração do ser, nos mostra como o culto ao divino feminino transcendeu de uma fé inabalável a abominação. Conhecida por muitos nomes, esse ser natural era adorado e aclamado como sendo o principal ser criador, era a natureza e tudo que nela habitava. Com o passar do tempo, as Deusas-Mãe perdem a posição hierárquica que possuíam e passam a ser vistas de maneira secundária, sempre arraigadas a um Deus masculino- uma amante, uma filha- e com a evolução das sociedades, desaparecem conforme a fé em deuses guerreiros e mais adiante, em um Deus único, surge.

Apesar de seu nome nunca ter sido completamente esquecido graças ao trabalho de mitólogos e outros estudiosos, a visão que a Deusa Mãe e sua religião concebiam ao mundo foram deixadas de lado. No entanto, os estudos relacionados ao tema ainda nos proporcionam uma visão antiga sobre o posicionamento do ser humano e seu corpo como parte do mundo natural, trazendo à tona discussões de gênero, da relação com o corpo, da cosmologia, entre outros aspectos.

Através do mito de Lilith e da figura de Eva compreendemos como são destacados os exemplos de padrão e não- padrão, além de mostrar como o próprio padrão se torna falho se tratando de um ser feminino. Partindo da perspectiva da narrativa bíblica, é evidenciado um perfeito casal residindo no paraíso terrestre, Eva enquanto ser feminino acaba se mostrando impulsiva e trazendo a tragédia para ambos. Já Lilith, apesar de ser considerada na mitologia suméria como uma grande rainha do céu, não foi digna o suficiente para ser lembrada como a primeira mulher de Adão. Lilith rompe a fronteira e se torna o monstro maligno que persegue e mata mulheres e crianças, tão amaldiçoada e insurgente que se torna um dos principais símbolos da contrariedade da conduta e da dignidade coletiva. Eva, apesar de criada para suprir as falhas que Lilith deixou, também não possui os padrões morais que seu parceiro masculino, a mesma não obedece as leis impostas provando ser impulsiva, degenerada e pouco confiável.

Em contrapartida mencionamos mais uma vez outra figura bíblica, a Virgem Maria. Bela, virgem, dotada apenas dos mais belos sentimentos, passiva e bondosa, como

expressa muitas vezes pela fé católica. Reflete a ideia de um ser feminino que não é uma Deusa, mas uma mediadora entre nós, humanos mortais e o grande Deus que a cultura ocidental concebeu. Além disso, a imagem de Maria culminou em um apagamento de anos de participações femininas ancestrais que ativamente estavam relacionadas a natureza, vida e morte da sociedade. Seu intermédio com o divino foi a única das características que herdou das antigas tradições de deusas.

Outras figuras trabalhadas nesse projeto, perpetuadas pela literatura fantástica, lançaram luzes para que chegássemos à criação de Galadriel. Povoando várias das histórias encantadas que conhecemos em nossas infâncias, as fadas nasceram das culturas celtas, germânicas e nórdicas, apresentadas a priori não apenas por assessorar grandes heróis em suas jornadas, mas porque refletem o feminino e o natural. Em sua misticidade de bem e mal representam e personificam a graça criativa e do que a natureza pode nos oferecer. Abridadas em espaços encantados distantes da civilização humana, podem tanto auxiliar ou embaralhar o destino daqueles que cruzam seus caminhos.

Outras figuras que ganharam as páginas desse trabalho, também enraizadas no imaginário coletivo e detentoras de poderes simbólicos, são as bruxas. A melhor das considerações que podemos fazer é que esses seres foram e continuarão a ser um elo entre a mitologia e a razão, o entrelace entre um elemento fantástico altamente difundido nas páginas de livros e do ser pecaminoso e herético combatido durante a idade média. Falseando o controle divino ou não, as bruxas, acusadas de pactuar com o demônio e de espalharem pelo mundo as doenças e a morte, retratam os perigos das práticas de saberes que se opunham a imposição da Igreja e de outras instituições dominantes do período. Conhecedoras das ervas, parteiras, curandeiras, ou possuindo qualquer outra relação com a natureza, universo ou a sexualidade, as bruxas simbolizam tanto a exposição de seres femininos a práticas macabras de tortura e subordinação como também figuras culturalmente dignas de temor.

Não apenas as bruxas ganharam papel de destaque como vilãs, os próprios contos de fadas, hoje lidos para crianças, se encarregaram de desvincular o padrão e o não-padrão. Em um processo onde a rainha má representa toda a corrupção instaurada em um ser degenerado e a princesa representa a bondade e a submissão, fica nítido o exemplo a ser seguido. Por muito tempo o arquétipo da rainha má e da princesa permaneceram intactos, repassando fundamentos tão consolidados em relação ao feminino, como exemplifica Clarissa Pinkola Estés:

Apesar de algumas pessoas usarem histórias apenas para diversão, no seu sentido mais antigo as histórias são uma arte medicinal. Existem os que foram convocados por essa arte medicinal; e os melhores, na minha opinião, são os que se deitaram com a história e descobriram dentro de si mesmos e em profundidade todas as partes que se harmonizavam. Ao lidarmos com as histórias, estamos trabalhando com a energia arquetípica, que é muito parecida com a eletricidade. Ela pode animar e iluminar, mas no local errado, na hora errada e na quantidade errada, como qualquer medicamento pode produzir efeitos nem um pouco desejados. Às vezes, pessoas que coletam histórias não percebem o que estão pedindo quando querem saber uma história dessa dimensão. Os arquétipos nos modificam. Se não houver modificação, então não houve nenhum contato real com o arquétipo. Transmitir uma história é uma responsabilidade muito grande. Temos de nos certificar de que as pessoas estejam preparadas para as histórias que contam. (2018, p.516)

A princesa que acata todas as ordens e que no final é salva pelo belo príncipe e pelo laço matrimonial, é o designo essencial. Por outro lado, ninguém quer ser a rainha má, cheia de vontades próprias e descontrole, tão longe do casamento quanto da subordinação de narrativas que insistem em fazê-la ser a parte obscura em combate contra a princesa encantada, quando na verdade, a bondade e maldade residem em ambas.

Estés também nos faz refletir em relação ao processo de transformação que esse trabalho nos proporcionou em amplas e diferentes perspectivas. Esse termo “transformação” poderia ser usado para compilar muitas das passagens abordadas nesse trabalho, das Deusas-Mãe à Galadriel, pois a ascendência do feminino e sua jornada nos âmbitos fantástico e mitológico se deu justamente pela combinação das diferentes formas em que foi apresentado ao longo dos tempos, pela sua fonte de mistério e pela forma como ressurgiu em outras roupagens similares, em outras culturas, em outros séculos. Todas as referências advindas de estudos culturais, a filologia, a criatividade e a resiliência do autor sul-africano Jonh Ronald Ruel Tolkien, resultaram na coleção de obras que hoje são material de estudo para pesquisadores e que possibilitam que trabalhos como esse surjam, concordamos com Cristina Casagrande quando a mesma diz que:

Tolkien era católico, adorador de uma vida simples e do campo. Inspirador da fantasia moderna. Sofreu com a guerra. Era avesso às tecnologias, à indústria, ao lucro e ao poder. Dito isso, não podemos esquecer que sua escrita e sua obra como um todo, inevitavelmente, foram influenciadas pelo homem que era e pela visão de mundo da época em que viveu, trazendo assim uma mensagem, muitas vezes, de humildade e de necessidade de amor, seja na Terra-média que fundou, seja no mundo real. Sua obra é imensamente rica, o que nos traz muitas questões a refletir e a estudar. (2019, p.131)

Tolkien tinha algo importante a dizer sobre o mundo em que vivemos, sobre a vida, sobre os seres humanos e suas práticas, sobre a nossa relação e a nossa comunicação,

sobre as mudanças que vemos acontecer ano após ano, sobre o desenvolvimento da tecnologia e sobre a origem de práticas antigas. Ele demonstrou através de seu mundo mitológico seus pensamentos e anos de ideias. Dentre elas, nos presenteou com Galadriel.

Adiante em nosso trabalho, chegamos à análise de nosso corpus. Nele pudemos caminhar junto a Galadriel e entender seu martírio na Terra-Média, mesmo sendo aquele seu tão sonhado espaço. Pudemos compreender que sua transformação não se deu de forma mágica ou desconexa, mas em uma caminhada divergente envolta em outras personagens, conflitos pessoais, relações políticas, consequências de suas próprias ações e de um destino virtuoso traçado pelo autor.

Galadriel demonstra a pluralidade do ser feminino, é fiel e bondosa, ajuda aqueles que de bom grado pedem a sua ajuda, mas não é uma personagem unidimensional. A elfa também é temerosa e aparentemente disruptiva, abriga dentro de si o lado negro da natureza e da sua maneira, é detentora de poder político, físico e psíquico. Galadriel vem de uma constância, sua arrogância a mantém firme diante de suas decisões, mas o seu martírio a mantém prisioneira em seu próprio mundo conquistado, suas provações são a prova de que a falha existe e que o fato de ser poderosa não a incube de errar. É apenas quando a humildade prevalece, que a transformação ocorre a tornando não um ser frágil e derrotado, mas em uma deusa capaz de finalmente retornar para sua Terra, de encerrar sua jornada ali.

Galadriel representa todos nós, pois vivemos constantemente na busca de respostas que nem sempre conseguimos obter. É necessário muitas vezes abaixarmos a cabeça para compreender que não somos detentores do saber e que ninguém permanece são estando sozinho. Galadriel vai além da escala, é a mais velha elfa da Terra Média, oponente direta do Senhor da Escuridão, o braço amigo que se estende para aqueles que a procuram, bruxa com poderes psíquicos, fada da floresta encantada, rainha má de seu reino, poder feminino sobressalente e finalmente: A maior das Deusas criadas por Tolkien.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Brooks. RUSSEL, Jeffrey B. *História da Bruxaria*. Tradução de Álvaro Cabral e William Lagos. São Paulo: Aleph, 2º ed. 2019.

ARANTES, Aldinéia Cardoso. *O Estatuto do anti-herói: estudo da origem e representação, em análise crítica do Satyricon, do Petrônio e Dom Quixote, de Cervantes*. Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2008.

ARISTÓTELES. *A Política*. Tradução de Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Atena, 1955.

BASTOS, Adriana Mota. CUNHA, Flavia. JECK, João Carlos. *FANTASIA FEMINISTA: ANÁLISE DAS PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA DE O SENHOR DOS ANÉIS*. Rio de Janeiro: Cadernos do CNLF, vol. XXI, n. 3. CiFEFiL, 2017.

BÍBLIA. Português. A Bíblia sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília, DF: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BLOCH, R. Howard. *Misoginia Medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Trad. Claudia Moraes Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a

BRUXAS: Qual a diferença entre FEITICEIRAS, MAGAS E BRUXAS? Diretor/Produtor: Alexander Meireles da Silva. Catalão: 2019. Youtube.

CABREIRA, Regina Helena Urias. *A Condição Feminina na Sociedade Ocidental Contemporânea – Uma releitura de A Letra Escarlate de Nathaniel Hawthorne*. Tese de Doutorado para obtenção de Grau de Doutor em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2006.

CAMPBELL, Joseph. *A Jornada do Herói: Joseph Campbell Vida e Obra*. Org. Phill Cousineau São Paulo: Ágora, 2003.

CAMPBELL, Joseph. *Deusas: O mistério do divino feminino*. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 4º ed. 2020.

CARPENTER, Humphrey. TOLKIEN, Christopher. *The Letters of J. R. R Tolkien*. Harper Collins Publishers Ltda. 1981.

CASAGRANDE, Cristina (org). *A subcriação de mundos : Estudos sobre a literatura de J.R.R Tolkien*. São Paulo : FFLCH/USP,2019.

- CASTRO, Luana. A origem dos contos de fadas. 2016. Disponível em: Acesso em: 21 nov. 2016.
- CHAGAS, Natallie Nazareth Alcantara. *A construção do leitor em Tolkien: Um estudo através do fórum Valinor*. Belém: 2011.
- CHANCE, Jane. *Tolkien's Art: A Mythology for England*. The University press of Kentucky, 2001.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alian. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lucia Melim Rio de Janeiro: José Olympio editora, 2019.
- COLBERT, David. *O Mundo Mágico do Senhor dos Anéis: Mitos, Lendas e Histórias Fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante. 2002.
- CONCEIÇÃO, Cilene Katia S. S. *A personagem feminina na obra de João Simões Lopes Neto: uma releitura do mito de Lilith*. Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em Letras- Mestrado em História da Literatura, Fundação Universidade Federal do Rio Grande. 2007.
- CROFT, Janet Brennan e DONOVAN, Leslie A. *Perilous and Fair: Women in the Works and Life of J. R. R. Tolkien*. Altadena: Mythopoeic Press, 2015.
- DAY, David. *O Mundo de Tolkien: Fontes Mitológicas em O Senhor dos Anéis*. São Paulo: Arxjovem. 2004.
- DAVIES, Owen. *The Oxford Illustrated History of Witchcraft and Magic*. United Kingdom: Oxford University Press: 2017.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Schwarcz S.A, 2020.
- DUPLA, Simone Aparecida. In: História: Questões & Debates. *Os domínios de Inanna: Permanências de um culto ao sagrado feminino na Mesopotâmia*. Editora UFPR: Curitiba, 2012.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- FARNELL, L. R. *The Cults of the Greek States-II*. Oxford: Clarendon Press, 1896
- FERREIRA, Thiago Destro Rosa. *Mitos da Terra Média: Mitologia e modernidade na obra de J. R. R Tolkien*. Uberlândia: Edufu, p. 10, 2018.
- FILHO, Carlos Ribeiro Caldas. *O Evangelho da Terra- Média: Leituras Teológico Literárias da obra de J.R.R Tolkien*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

FRANCIS, CHRISTY DI. *The Central Role of Nature in Tolkien's Christian Myth*. IP: <https://www.yumpu.com/en/document/read/15764549/the-central-role-of-nature-in-tokiens-christian-myth-charis-home>.

GALAHAD, L.C. *Ninfas da Mitologia Grega*. 2018. URL: <https://mitologiagrega.net.br/ninfas-da-mitologia-grega/>

GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Tolkien dos Anéis: poeta, professor, profeta e pensador*. IN. *O Evangelho da Terra- Média: Leituras Teológico Literárias da obra de J.R.R Tolkien*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

GUILEY, Rosemary Ellen. *The encyclopedia of Witches, Witchcrafts and Wicca*. New York: Facts on Files, Inc. 2008, 3° ed.

HEINEMANN, Uta Ranke. *Eunucos pelo Reino de Deus: Mulheres, Sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A, 1988.

HUMPHREY, Carpenter. *J.R.R Tolkien: Uma biografia*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

KEIGHTLEY, Thomas. *The World Guide to Gnomes, Fairies, Elves and Other Little People*. New York: Gramercy Books, 1978.

KLATAU, Diego Genú. *O Bem e o Mal na Terra Média – A filosofia de Santo Agostinho em O Senhor dos Anéis de J. R. R Tolkien como crítica a modernidade*. São Paulo: Universidade Católica de São Paulo, 2007.

KOULTUV, Barbara Black. *O livro de Lilith*. Tradução de Rubens Rusche. Soã Paulo: Cultrix, 1997.

LINDAHL, Carl, MCNAMARA John, LINDOW John (Eds.). *Medieval Folklore: A guide to myths, legends, tales, beliefs, and customs*. New York: Oxford University Press, 2002.

MENEZES, Carolina Schneider. *A evolução das mulheres pelos contos de fadas e suas representações no universo feminino*. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”, 2017.

MICHELLI, Regina. *Viajando pelo mundo encantado do era uma vez: Configurações identitárias de gênero nos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020.

MONAGHAN, Patrícia. *The Encyclopedia of Celtic Mythology and Folklore*. New York: Facts on File, Inc: 2004.

MURRAY, Margaret. *The witch cult in Western Europe: A study in anthropology*. Oxford, 1921 e 1922.

NEUMANN, Erich. *O medo do Feminino e outros ensaios sobre a psicologia feminina*. Trad. Thereza Christina Stummer. São Paulo: Paulus, 2000.

_____. *A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. Trad. Fernanda Pedroza Mattos e Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Cultrix, 1074.

NUNES, Silvia Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caveirinha: um estudo sobre a mulher o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

O QUE É FANTASIA: As fadas e o mistério feminino. Diretor/Produtor: Alexander Meireles da Silva. Catalão: 2018. Youtube.

ORSINI, Mirelle Dittin. *A mulher que chamavam fatal: Textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

PAGLIA, Camille. *Personas Sexuais: Arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

PERROT, Michelle. *As mulheres ou o silêncio da história*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PEARCE, Joseph. *Tolkien: Myth and Man: A literary Life*. London: Harper Collins, 1998.

RAGUSA, Giuliana. *Cólera, paixão e morte: a representação de Afrodite no Hipólito, de Eurípides*. São Paulo: Clássica, 2003.

RIOS, Rosana (org.). *Senhoras dos Anéis: Mulheres na Obra de J. R. R Tolkien*. São Paulo: Devir, 2005.

ROBLES, Martha. *Mulheres Mitos e Deusas: O feminino através dos tempos*. Trad. William Lagos, Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 3º ed. 2019.

ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SCHMITT, Gustavo. *O mito de Lilith: entre deuses e demônios*. Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: v. 4, 2016. P.453-460.

SILVA, Alexander Meireles da. *A Redenção de Lilith: O corpo feminino como estratégia transgressora na ficção de Octavia E. Butler*. Redisco. Vitória da Conquista: v.1, n.2, p.7-15, 2012.

SILVA, Alexander Meireles da. "Introdução". In: LE FANU, Sheridan. *Carmilla: a vampira de Karnstein*. Trad. José Roberto O'Shea. São Paulo: Hedra, 2010, p. 9-37.

SILVA, Mariana Souza e. A CARACTERIZAÇÃO DO FEMININO EM THE SILMARILLION, DE J. R. R. TOLKIEN. Assis: Universidade Estadual Paulista, 2018.

SIMPSON, Jacqueline. ROUND, Steve. *A dictionary of English Folklore*. New York: Oxford University Press, 2000.

SOUZA, Jonas Fillipe Matos de. *O Silmarillion, de J. R. R. Tolkien e as Virtudes Cardeais: Literatura Fantástica e Moral Cristã*. Brasília: Programa de Pós-Graduação

em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, 2018.

TOLKIEN, J.R.R. *Contos Inacabados*. São Paulo: Martins Fontes, 2009

_____. *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do anel*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *O Senhor dos Anéis: As Duas Torres*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Sobre Histórias de Fadas*. São Paulo: Conrad do Brasil, 2006.

_____. *O Silmarillion*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. *Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental*. Bahia: Revista Artémis, n.3, 2005.

VOLTMER, Rita. IN: The Oxford Illustrated History of Witchcraft and Magic. *The witch trials*. United Kingdom: Oxford University Press: 2017, p.97-133.

YATES, Jessica. Tolkien as a Writer for Young Adults. Disponível em: <https://goo.gl/e3LpR7>.

ZORDAN, Paolla Basso Menna Barreto Gomes. *Bruxas: Figuras de Poder*. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, vol.13 n.2. 2005.